um lugar na paisagem construída,
Estudo para a adaptação de uma Adega

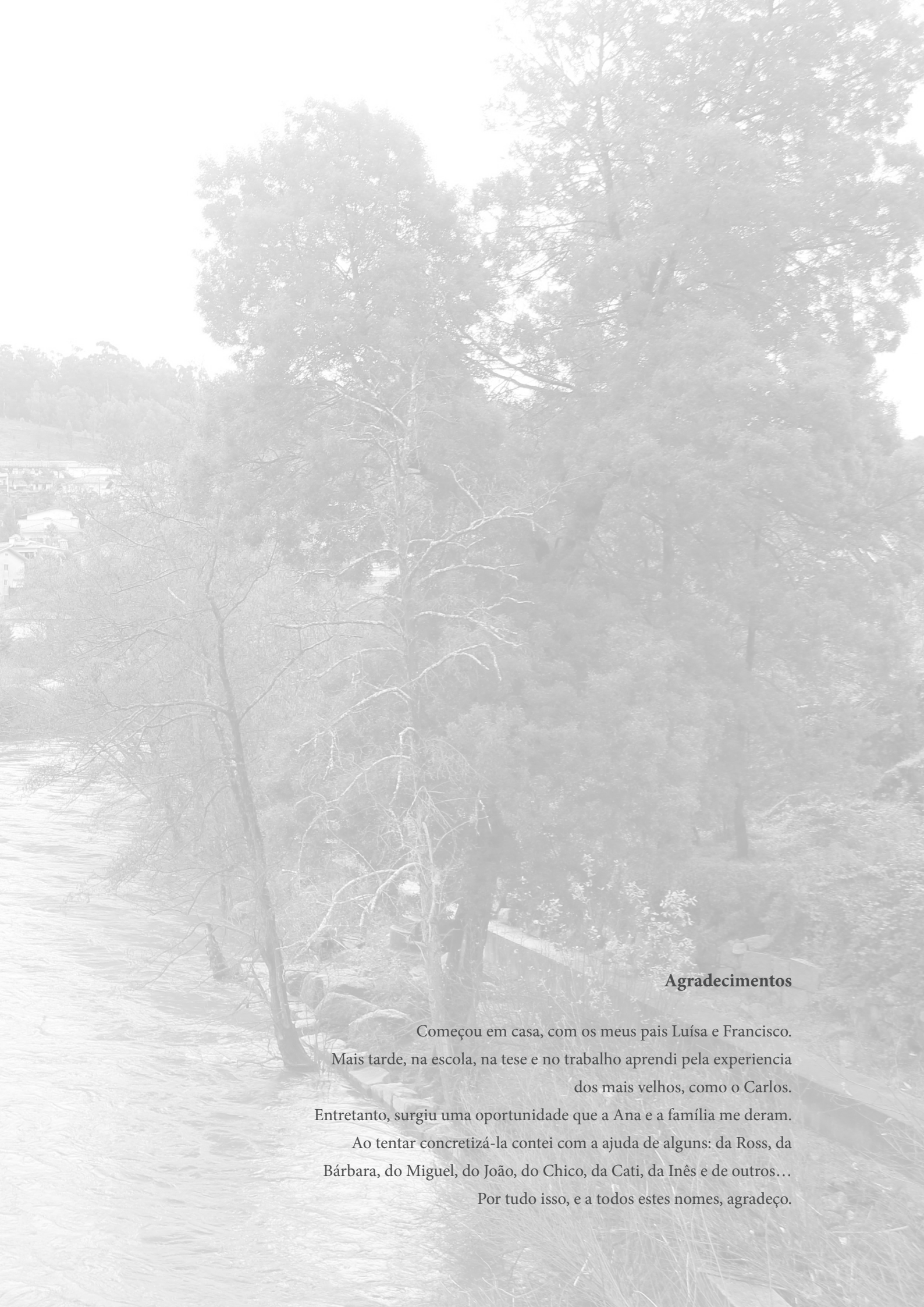
João Francisco Lopes de Sousa
Orientação . Arqt.º Carlos Prata

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, **FAUP**

Mãe e Pai,

"O modo pelo qual antecipamos o futuro define o que o passado tem para nós, tal como a forma pela qual os nossos antepassados projectaram o futuro determina o âmbito das nossas possibilidades.",

FRAMPTON, Kenneth,
Introdução ao estudo da cultura tectónica, AAP (Cadernos de Arquitectura), 1998, pag.69



Agradecimentos

Começou em casa, com os meus pais Luísa e Francisco.
Mais tarde, na escola, na tese e no trabalho aprendi pela experiencia
dos mais velhos, como o Carlos.
Entretanto, surgiu uma oportunidade que a Ana e a família me deram.
Ao tentar concretizá-la contei com a ajuda de alguns: da Ross, da
Bárbara, do Miguel, do João, do Chico, da Cati, da Inês e de outros…
Por tudo isso, e a todos estes nomes, agradeço.

Índice

Resumo | *Abstract* 8

Nota introdutória 14

1. Paisagem 17

1.1 Habitar 18
1.2 Paisagem 20
1.3 Percepções 23
1.4 Do urbano ao rural 25

2. O Património contemporâneo 29

2.1 Património 32
2.2 Património industrial 40
2.3 Desactualizações | Actualizações 52

3. A Geografia específica 71

3.1 A expansão da cidade 72
3.2 São Martinho do Campo 75
3.3 A quinta 89
3.4 A adega 100

4. O Processo 115

4.1 Programa a estabelecer 118
4.2 Novo desenho 124
4.3 Proposta de intervenção 148

5. Anexos 171

5.1 Desenhos de levantamento 172
5.2 Levantamento fotográfico 176

Bibliografia 189

Índice de imagens 197

Resumo

O propósito do trabalho parte de uma oportunidade para uma prática. Uma especulação associada a uma antiga Adega em São Martinho do Campo, comprometida pela sua desactualização. O exercício procurará responder às necessidades da recuperação do espaço segundo um novo programa a ser instalado. A proposta de dissertação deverá ser entendida no cruzar do reconhecimento Patrimonial do edificado, pela problemática do lugar e pelo potencial de um novo programa a adaptar sobre a estrutura consolidada.

Dividida em quatro capítulos a dissertação teoriza diferentes temáticas subjacentes à intervenção sobre a preexistência referida, associando assim, um lugar geográfico aos potenciais Patrimoniais do território contemporâneo. Como ponto de partida reúnem-se conceitos abstractos que pelo recurso constante destes ao longo da dissertação tornaram-se fundamentais de compreender para uma interpretação mais apurada do lugar. A sua referência é notória ao longo do texto e está neste ponto salvaguardado o seu domínio.

A segunda instância do trabalho procura a persuasão, por uma declaração de princípios e intenções de projecto associadas ao problema do reconhecimento e manutenção de um Património contemporâneo. Será identificado um conjunto edificado que compreendido no seu potencial, trata a problemática da apropriação de espaços que apresentem carências na sua manutenção funcional e construtiva. Tendo em conta uma tipologia industrial serão assim, reunidas estratégias de orientação com o objectivo de visar um problema, declarando pontos de vista e evocando a oportunidade para o investimento sobre um conjunto Patrimonial necessitado de acções arquitectónicas rejuvenescedoras.

O terceiro capítulo sintetiza uma análise crítica gradativa desde um meio Urbano até à envolvente particular, Rural, onde o objecto de tese se insere. Num lugar descentralizado, o espaço apresenta-se fragmentado pelas funções que agrupa. O território entende-se como um difuso de funções que organizadas de forma espontânea cruzam actividades agrícolas, industriais com os espaços de habitar. A marcação do espaço privado determina a caracterização do lugar e tal como o objecto de Projecto, são várias as estruturas em redor "degradadas" pelo abandono das suas funções iniciais. Este entendimento do lugar revela-se importante para o trabalho pelo reconhecimento da necessidade de operações de projecto que procurem a qualificação e dinamização dos potenciais arquitectónicos da região por um meio já construído.

O culminar da dissertação apresenta o processo de desenvolvimento do projecto de tese pela consolidação do trabalho anteriormente exposto. A antiga Adega convertida numa pequena unidade de logística Industrial para cumprir o propósito de um novo uso: o desenvolvimento de uma marca de produtos de cosmética e tratamento tendo como matéria-prima as uvas, enquadrada numa tipologia de inovação industrial e desenvolvimento experimental. Cruzando noções obtidas nos pontos superiores relativos à caracterização geral do lugar e princípios arquitectónicos relevantes para a manutenção de preexistências, reúne-se neste ponto as considerações e notas relativas ao novo programa a adaptar e sua estratégia comercial, bem como a declaração dos princípios interventivos considerados, referências arquitectónicas e o conjunto de desenhos de levantamento, processo e projecto que denotam uma proposta final. Procurando desta forma, o encontro da realidade existente, pela salvaguarda de uma memória, com um novo potencial funcional expresso por uma lógica arquitectónica contemporânea.

Abstract

The purpose of this work comes from an opportunity for a practice. A speculation associated with an ancient wine cellar in São Martinho do Campo, compromised by its obsoleteness. The exercise will try to respond to the necessities of the space's rehabilitation according to the new functions being installed. The dissertation's proposal should be understood in the meeting of the Patrimonial recognition of the built environment, due to the site's problematic and to the potential of a new use to be adapted to the existing structure.

Divided in four chapters, the dissertation theorizes different themes underlying the intervention over said pre-existence, associating a geographic site to the Patrimonial potentials of contemporary territory. Abstract concepts are gathered as a point of departure, being constantly referred to throughout the thesis and, therefore, becoming fundamental to an accurate interpretation of the site. These references are notable throughout the text and at this point they become understood.

The second moment of the dissertation searches the persuasion, through a declaration of the project's principles and intentions associated to the problem of the recognisance and maintenance of a contemporary Patrimony. A built ensemble will be identified which, by understanding its potential, will approach the problematic of the appropriation of spaces that present deficiencies in its functional and constructive maintenance. Keeping in mind an industrial typology, guiding strategies will be gathered with the objective of addressing a problem, declaring points of view and evoking the opportunity to the investment over a Patrimonial ensemble needing rejuvenating architectural actions.

The third chapter synthesises a critical analysis which graduates from an urban environment to the particular and rural site where the thesis' object is located. In a decentralized site, the space appears fragmented by the functions it groups out. The environment is understood as scattered functions which are organized spontaneously, gathering agricultural and industrial activities with inhabited dwellings. The definition of the private space determines the characterization of the site as object of Project, being several the surrounding structures "degraded" by the abandonment of their initial functions. This understanding of the site proves to be important for the dissertation by the recognition of the need for project operations that aim towards the qualification and stimulation of the region's architectural potentials through previously built buildings.

The culmination of the dissertation presents the project's process of development by the consolidation of previously exposed work. The old wine cellar converted in a small unit of industrial logistics to serve a new function: the development of a cosmetic and treatment unit of industrial logistics: having grapes as its raw material, framed in a typology of industrial innovation and experimental development. Assembling notions acquired in the previous points relating to the general characterisation of the site and relevant architectonic principles to the maintenance of pre-existences, the considerations and notes relating to the new functional program to be adapted and its commercial strategy will be gathered here, along with the declaration of the principles of intervention, architectonic references. and the set of process and project drawings which compose a final proposal. Searching thereby, an encounter with the existing reality, by the safeguard of a memory, with a new functional potential express by a contemporary architectural logic.

img 1: a Adega | a Barragem

Nota introdutória

MORALES, Ignasi de Sola, *práticas teóricas, práticas históricas, práticas arquitectónicas,* em VIDLER, Anthony *Inscripciones,* Barcelona, Gustavo Gili, 2003 , pag.263

"El pensamiento contemporâneo parte del desordene en la realidad, de la multiplicidad y de las diferencias entendidos como datos iniciales"

O interesse em gerir a dissertação sobre um projecto prático prende-se com a mostra da formalização de um método de desenho, conquistado sob um percurso académico e também pela oportunidade da proximidade a uma prática real, no seu confronto com teorias contemporâneas participativas na construção do território.

Mediante o espaço construído existem hoje estratégias que tratam a sua conservação, manutenção ou transformação. O tipo de edificado traduz diferentes graus de integração das estruturas construídas com as práticas do "habitar" quotidiano. O pensamento contemporâneo interroga-se sobre a necessidade de construir "novo" e da possibilidade de a partir de um meio construído ser feito um reconhecimento de rupturas passíveis de novas ocupações. É neste campo que o projecto de tese se entende: Qual o papel dos arquitectos sobre o edificado actual construído?

BENEVOLO, Leonardo, *O último capítulo da Arquitectura Moderna,* Lisboa, Edições 70, 1985, pag.157

"O abrandamento e a paragem do crescimento urbano, nos países industrializados, cidade como um objecto definitivo que será necessariamente o ambiente onde decorrerá a vida do futuro. As suas partes poderão ser conservadas, transformadas ou mesmo demolidas e reconstruídas."

Ao arquitecto é então, delegada uma leitura global do meio, para entender como actuar de acordo com cada particularidade. Ou seja, é pedida uma consciência integral, para que o enquadramento de cada processo, apresentado por casos isolados, não se perca no território. É portanto, essencial o interesse em diferentes escalas de construções de variadas expressões, funções e épocas.

A dissertação tenta então, uma relação entre uma análise crítica de um contexto e paisagem, por um conjunto de teorias que reconhecem e actuam sobre um Património, tendo como base uma proposta de Projecto. Acontece portanto, que a estratégia de Projecto advém do reconhecimento de um contexto específico na definição de um método de intervenção.

O estudo da Adega acontece de uma forma gradativa. Parte de conceitos definidores do lugar, para a interpretação destas noções sobre a Paisagem, culminado com

a especificidade do Projecto. Num percurso paralelo, a dissertação trata questões associadas ao Território contemporâneo. A forma como se expande e expressa num tempo, e a forma como o reconhecemos e o definimos. Nos últimos tempos a noção de Património tem vindo a sofrer mutações. Hoje em dia, o Património traduz uma vontade da valorização de uma determinada realidade sobre diversos interesses especulativos. A contemporaneidade avançou com a consciência de que o Património não trata somente as peças isoladas, mas sim todo o tipo de construções significativas na formação de um meio. O seu interesse e valor devem ser considerados mediante uma memória, simbolismo, e as suas possibilidades: "*Para além de edifícios centenários e lugares antigos, o interesse da audiência alargada vai no sentido de incluir no património memórias desta própria geração como a paisagem cultural do século XX*"

DIEDRICH, Lisa, *Entre a Tábua Rasa e a Museificação,* em CARDOSO, Isabel Lopes, *"Paisagem Património",* Porto, Dafne (Equações de arquitectura; 65), 2013, pag.88

O Projecto actua nestes campos, parte de uma pré-existência para estabelecer potenciais de um novo uso. Tenta pela especulação de uma nova função, a transformação de uma classificação formal existente, para um oportuno desempenho.

"Reconocer el inevitable proceso de modificación a través del tiempo no solo por médio de procesos de entropia y de usura, o de cambio de función, sino todo de cambio de significado dentro del contexto."

GRACIA, Francisco de, *Construir en lo construido : la arquitectura como modificación,* Madrid, Nerea, 2001, pag.178

1.1 Habitar

A construção do lugar

1.2 Paisagem

Identidade

1.3 Percepções

Apreensões individuais e noções colectivas

1.4 Do urbano ao rural

Indefinições

img 2: São Martinho do Campo | Paisagem

1. Paisagem

1.1 Habitar
A construção do lugar

O abrigo como refúgio, surge como uma necessidade inerente à condição humana e estabelece a base de transformação do Espaço. De uma forma mais ou menos consciente a construção de uma "residência" implica uma relação do Homem para com o meio. A apropriação resulta portanto, da definição de um campo pelo qual se identifica um **hábito**.

Habitar pressupõe uma espécie de ocupação onde o homem se estabelece e pelo qual se expande através de acções. De acordo com Martin Heidegger *"a relação do homem para com os lugares e através dos lugares para com os espaços baseia-se no habitar."* A esta noção é assim, indissociável uma relação intima na qual a relação **«espaço - homem»** é estabelecida.

HEIDEGGER, Martin em Zumthor, Peter, *Pensar a arquitectura*, Barcelona, Gustavo Gili, 2005, pag.36

O principio da criação de abrigo reflecte portanto, um principio de **identidade**. A essa identidade humana criada, está também relacionada a criação do Espaço que lhe corresponde. Assim, o Espaço "ganha" e "acumula" uma carga formulada pelas acções desempenhadas sobre ele, como se de um "colector" de funções e acontecimentos se tratasse. Novamente a relação «espaço – Homem» está vinculada à interdependência de ambos: esculpir o Espaço é formar o Homem.

"Falar portanto em espaço organizado a duas e três dimensões significa tomar uma atitude convencional, útil para determinadas classificações, mas não correspondendo à realidade"

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, Porto, FAUP Publicações, 1993, pag.19

Em "Da organização do Espaço", Fernando Távora apresenta a construção de uma realidade pelo meio de uma noção temporal. O **tempo** é dado como uma dimensão espacial que participa numa construção e como tal, intrínseco à existencia humana. Esta concepção é uma nova coordenada do gráfico espacial, como um dos protagonistas na mutação do espaço. É parte de uma caracterização contínua mas também irreversível da caracterização espacial.

Habitar representa este contínuo somatório de acções humanas sobre um Espaço. A sua construção é o resultado das sucessivas fracções, que representam ocasiões mais ou menos fundamentais acusando por fim, uma consciência colectiva. Esta sucessão de acontecimentos é a construção da Arquitectura, de um habitat que responsabiliza o homem e o tempo na sua

definição. Habitar culmina desta forma, num sistema aberto e mutável na qual é materializada uma Arquitectura que traduz, uma forma de linguagem.

"O homem é um organismo dotado de um extraordinário passado maravilhoso. Distingue-se de todos os outros animais pelo facto de ter conseguido criar aquilo a que chamarei prolongamentos do seu organismo."

HALL, Edward T., *A dimensão oculta,* Lisboa, Relógio de Água, 1986, pag. 14

Os *"prolongamentos"* referidos, são exactamente a construção de um habitar, a denúncia da formação de uma cultura pelo Espaço. A concepção de Espaço cai no abstracto sem a associação humana. Surge então, o **"lugar"**, referindo-se à narrativa criada sobre um Espaço. Lugar é um espaço concreto, envolvido a partir de um processo criativo humano como é a construção do **Habitar**. Desta forma, as noções geométricas sobre o espaço não resolvem as qualificações do lugar porque não atribuem uma identidade, um nome, uma pertença.

"El espacio concreto es un espacio que puede ser nombrado, un lugar (…) La identidad como ser especifico de cada lugar es abordada desde la nocion de pertenencia."

RIVAS, Juan Luís de las, *El espacio como lugar: sobre la naturaleza de la forma urbana*, Valladolid : Universidad. Secretariado de Publicaciones, 1992, pag.38

A construção do lugar deriva portanto, do habitar. Os dois conceitos estão associados pelas diversas posições e acções entre os elementos do espaço a quatro dimensões. Habitar reflecte as acções que constroem uma identidade de lugar. Assim se justifica a existência humana pelo conjunto de relações temporais e espaciais que derivam, como é enunciado em *"A dimensão Oculta",* na criação de uma linguagem espacial capaz de partilhar experiência e conhecimento para além da de falar ou escrever sobre ele: *"A linguagem prolonga a experiência no tempo e no espaço."* É a produção de uma cultura pela Arquitectura.

HALL, Edward T., *A dimensão oculta,* Lisboa, Relógio de Água, 1986, pag. 14

Ocupar o Espaço reconhece uma influência para lá das questões científicas e programáticas dos Espaços. A construção da Arquitectura atribui valor ao Homem em iguais proporções que a das formas que desenha. A esta "fórmula", uma ideia de homem estabelecida cria também um espaço, mutável, que lhe corresponde para lá de uma geometria.

1.2 Paisagem
Identidade

BESSE, Jean Marc, *Estar na paisagem*, em CARDOSO, Isabel Lopes, *"Paisagem Património"*, Porto, Dafne (Equações de arquitectura; 65), 2013, pag 34

http://www.dicio.com.br/paisagem, online a 23/04/2014

"O homem está no mundo e o mundo está no homem: a paisagem é o nome e o local dessa circulação entre homem e mundo, dessa mistura."

De acordo com o dicionário português: "***paisagem**, s.f. extensão de território que se abrange num só lance de vista*", remete para uma condição visual, sensorial da percepção de uma realidade. Estabelece uma relação entre um observador, a sua visão e um território sendo este o princípio na base na análise do termo.

O termo e significado de **"Paisagem"** não se manteve inalterado. Por traduzir uma noção abstracta foi sendo construído e ajustado a interpretações, que de acordo a época, o associavam por princípio, a uma conexão visual com uma determinada realidade. Etimologicamente do latim, parte da relação do termo *"pagus"*, campo ou aldeia, com o termo *"agem"*, colecção, Paisagem seria um conjunto de vistas agrupadas. Mais tarde, evolui, associado com a Renascença, à pintura. Ganha então um sentido representativo. Novamente evocando um sentido sensorial, perceptivo de uma realidade, mas desta vez limitada por uma escolha de enquadramento. Hoje em dia, Paisagem continua associada à percepção humana de um Território, mas vai para lá de um limite físico, da sua representação estática e instantânea das formas. Fala-se de paisagens Urbanas e Rurais, associadas a uma leitura do Espaço contínuo e em transformação.

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, Porto, FAUP Publicações, 1993, pag.19

" O espaço é contínuo, não pode ser organizado com uma visão parcial, não aceita limitações na sua organização e do mesmo modo que forma o espaço estão tão intimamente ligados que uma é negativo do outro, e vice-versa, pelo que não podem separar-se, assim as formas visualmente apreendidas mantêm entre si estreitas relações – harmónicas ou desarmónicas – mas de qualquer modo evidente."

A análise de Paisagem, das suas mutações e formas surge na definição de um **lugar**. Por uma forma abstracta revista em cada caso isolado, a Paisagem representa uma observação, uma interpretação sobre um conjunto de elementos que estabelecem uma caracterização. O interesse da análise, procura um meio útil, para o exercício de Projecto mediante a leitura do meio, da envolvente.

Pretende-se entender um **lugar,** as suas transformações, de forma a apreender a sua condição actual, não estática, as causas e variantes que participam na construção daquilo que é observado. No entanto, compreender fenómenos que levam a variações de um meio envolve entender noções temporais associadas a um dos principais agentes de acção sobre este – o Homem, como refere Fernando Távora: *"O mundo das formas é de infinita e progressiva riqueza para o homem e o seu estudo apresenta-se cada dia mais cativante e necessário dada a consciência crescente da importância de que* ***a forma se reveste em relação à existência humana****."*

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, Porto, FAUP Publicações, 1993, pag.13

É então, sobre um ponto de vista humanizado que a noção de paisagem se torna relevante para o estudo nesta dissertação: a relação que se constrói com o meio, a forma como se o habita e organiza. É desta forma que Paisagem conta histórias, salvaguarda memórias, reflecte a evolução humana pelas suas ocupações: *"a ideia de que a paisagem é a forma* ***espácio-temporal*** *segundo a qual o habitar humano se desenvolve no mundo."*

BESSE, Jean Marc, *Estar na paisagem*, em CARDOSO, Isabel Lopes, *"Paisagem Património"*, Porto, Dafne (Equações de arquitectura; 65), 2013, pag 34

Cada lugar habitado tem por fim, esta condição **perene na sua evolução**. Pela sua observação e análise, apreendem-se acções passadas, (de) construções, pelas quais é possível também uma especulação sobre um caminho futuro a construir, a continuar, ou a abolir. A Paisagem é o reflexo da evolução natural humana e como tal deve ser analisada mediante as diferentes ocupações associadas às funções a que as construções deram forma segundo uma base individual. Assim, o arquitecto terá de responder às questões da subjectividade perante um determinado campo. Cabe-lhe um olhar, crítico e analítico sobre a realidade consolidada mas não estabilizada capaz de servir necessidades humanas. É no fundo, necessário compreender e dominar o entendimento objectivo e técnico dos espaços como transporte para o campo da simbologia de lugar.

A apreciação de um Território tem então que ver não só com a objectividade das funções do desenho, mas também com o domínio humano do espaço . Ou seja, a interpretação de valores formais traduz, valores políticos, éticos e sociais. Atribui-se à construção de Paisagem a relação de um meio Natural que sobre a acção humana evolui mediante as noções sociais das comunidades que sobre o meio se estabelecem. Daí que a diversidade das Paisagens seja por sua vez, a diversidade da evolução dos agrupamentos humanos perante um meio pré-estabelecido. Paisagem é portanto, cultura. É uma gradação de valores e costumes, um "refinamento" humano de soluções que desde a condição básica primitiva evoluem em diversos sentidos. Daí que cada local mais ou menos Urbano expressa uma cultura e uma identidade.

Os lugares gerados passam a ser expressões directas desta realidade.

BOYER, Christine, *The city of Collective memory its historical imagery and architectural entertainments,* London, The MIT press, 1996, pag.16

Segundo Christine Boyer em The City of Collective memory: *"moral norms can be deduced from architectural expressions",* a sociedade é estabelecida como uma enorme colaboração reflectida na Arquitectura, como uma construção e partilha de costumes pelos habitantes de uma geografia específica. Reflectindo uma cooperação geral na estruturação de um meio criado, tal como um sistema integrado num habitat.

SEIXAS, João, *Paisagens com asfalto e plano de vertigem em fundo azul,* em COSTA, Pedro Campos, LOURO, Nuno, *"2 linhas: retracto sensorial do país",* pag.70

DOMINGUES, Álvaro, *Paisagem e Identidade, à beira de um ataque de nervos,* em COSTA, Pedro Campos, LOURO, *Nuno, "2 linhas: retracto sensorial do país",* pag.24

A configuração de Paisagem é um processo que pela modelação de um meio Natural constrói um espírito de lugar. Resulta na determinação de um Património cultural e arquitectónico, como *"um espelho da nossa alma, reflectem-nos Presentes, Passados e mesmo Futuros"*. Resumem uma geografia emocional que revela as particularidades mais "subjacentes" à nossa evolução. Assim, *"se a Paisagem é registo da transformação da sociedade, será normal que se a sociedade mude, com ela mude a paisagem"*. Nesta lógica, o arquitecto tem um papel fundamental na análise crítica territorial, estabelecendo uma co-relação entre **agrupamentos sociais, conjecturas económicas, valores políticos e normas morais** com edificações espelhadas nas formas Urbanas, **arquitecturas vernaculares, infra-estruturas, vias de comunicação**, entre outros.

Face a fenómenos de globalização fica a especulação sobre a evolução de Paisagem para expressões cada vez mais homogéneas entre meios Urbanos e Rurais, pela perda de identidades locais permanecendo apenas os fenómenos Naturais impostos e condicionantes.

1.3 Percepções

Apreensões individuais e noções colectivas

"Cada individuo imagina a sua própria casa" "cada casa imaginada pelos seus habitantes é diferente."

YONA, Friedman, *Pro Domo / Yona Friedman,* Barcelona, Actar, 2006, pag. 32

A percepção é para o projecto a primeira ferramenta em prática, salvaguardada e reflectida no momento do desenho. A **apreensão** remete para uma experiencia sensorial sobre uma realidade sobre a qual se deduzem valores. É uma condição imediata da experiencia espontânea no Espaço por qualquer individuo. O momento da experiência corresponde a um determinismo perante um "julgamento" instantâneo por parte de cada observador. Pela percepção atribuímos valor ao limite observável, sobre ele estão sedimentadas noções passadas que sobre esta interpretação e mediante necessidades humanas, participam no campo que se observa.

Percepção tem portanto que ver não só com o instante da observação mas também com uma memória expressa previamente no Espaço e no observador. É uma apreensão individual sobre um campo e construída numa participação colectiva. Sobre este momento, e por todas as experienciais sensoriais anteriormente estabelecidas cria-se uma "impressão", um instante de julgamento que interpreta o Espaço observável. Para Peter Zumthor, em Pensar a Arquitectura, o problema da percepção nasce da *"profundidade do tempo"*, como um *"vácuo"* que reflecte a existência humana, não só no observável, mas também numa memória individual por cada um concebida.

ZUMTHOR, Peter, *Pensar a arquitectura,* Barcelona, Gustavo Gili, 2005, pag. 17

A percepção do Espaço é uma multiplicidade de realidades que se constroem sobrepondo-se e transformando-se no próprio contacto. A **experiência** traduz assim, a percepção humana, num "gesto", uma interpretação sobre um meio:¨ *"Os espaços através dos quais eu tenho a possibilidade de adquirir um conhecimento novo"*.

TEYSSOT, Georges, *Da teoria da Arquitectura: Doze ensaios,* Lisboa, Edições 70, 2010, pag.54

No âmbito do trabalho desta dissertação, a percepção atribui à prática arquitectónica a responsabilidade de uma interpretação critica da realidade para legitimar uma acção, uma estratégia de projecto. A percepção é portanto, um instrumento operativo com consequências no desenho sobre o contexto observado. Sobre este meio, o pensamento crítico e analítico do arquitecto constitui, como refere Sola Morales, um conhecimento *"psicológico - técnico sobre los que constuye la actividad arquitectónica presente"*.

MORALES, Ignasi de Sola, *práticas teóricas, práticas históricas, práticas arquitectónicas,* em VIDLER, Anthony *Inscripciones,* Barcelona, Gustavo Gili, 2003, pag.263

img. 3: Santo Tirso | Diferentes Funções | Escalas | Território comum

1.4 Do urbano ao rural
Indefinições

A urbanidade traduz-se pela relação dos diferentes elementos arquitectónicos numa comunidade associada. A escala destas relações varia de acordo com a população, densidades urbanas: dispersões ou centrifugações. Segundo o Modelo Compacto o Urbano apresenta-se como relativo à cidade, e o rural como relativo ao campo. Segundo este modelo e por uma ideia de Urbanidade, a cidade identifica-se pelas *"formas Urbanas que a compõem e o campo pelas formas rurais"*. Este modelo, tradicional, explora dois tipos de povoamento associados a diferentes escalas segregadas de onde resulta uma divisão entre uma condição urbana e uma condição rural. Desta forma, o modelo reconhece também diferentes lugares de implantação sobre os dois Territórios.

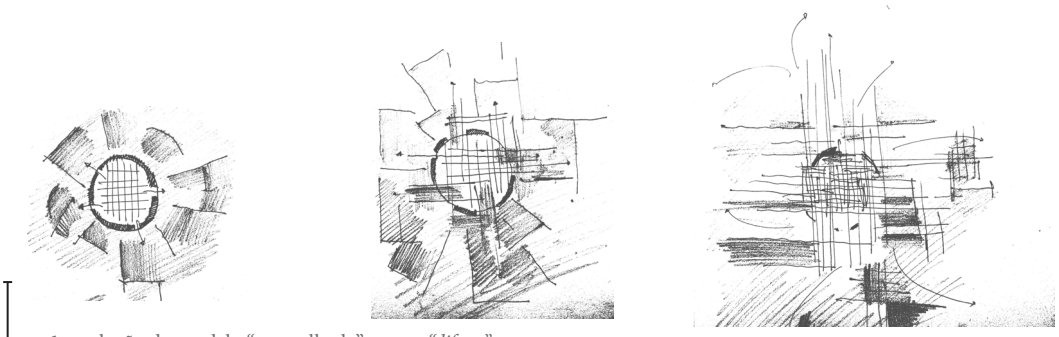
SILVA, Cidália, *Dissipar Equivocos, saber ver o Território contemporâneo, Arquitectura* em *"Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave"*, Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008, pag. 37

Estas premissas relativas ao modelo Tradicional resultam de uma imagem mental gerada sobre conceitos Urbanos previamente estipulados: à imagem da cidade corresponde a uma noção centrífuga, limitada por grandes vias que se direccionam a um centro, por norma histórico, comprometedor da caracterização da "Urbe". A imagem de campo, do meio rural, é o restante envolvimento para lá da cidade. Parte dos subúrbios e periferias que pela relação com campos agrícolas e florestais determinam uma condição campestre. Pensa-se portanto, cidade como um núcleo central, com limite, forma e padrões de povoamento definidos, como um conjunto, "visivelmente" distinto de campo.

"Cities tend to hold to their original pattern, yet still grow and evolve, deform or transform their inherited shapes."

BOYER, Christine, *The city of Collective memory its historical imagery and architectural entertainments,* London, The MIT press, 1996, pag.16

A época Medieval, por um limite físico, fazia compreender a noção "Tradicional", aqui apresentada, de cidade e campo. A cidade entre muralhas, compacta no seu núcleo totalmente distinto do que para lá se estabelecia – o campo. Logo após os tempos Renascentistas, a cidade compreende-se para lá de qualquer limite físico, une-se com as imediações do campo por noções que chegam aos nossos dias, difíceis de definir. A leitura dos dois territórios, Urbano e rural, por uma continuidade formal reflecte hoje a problemática e definição do Espaço Urbano Contemporâneo.



esq. 1: evolução do modelo "amuralhado" para o *"difuso"*

O meio Urbano citadino expande-se, fragmenta-se e funde-se com os traços rurais que por sua vez não traduzem mais as imagens caracterizadoras de um meio "verde". São agora formados por subúrbios e periferias que contemplam as mais variadas funções associadas aos eixos de ligação dos centros Urbanos. O Território tornou-se disperso e a sua clarificação é difícil na observação. De certa forma, as duas realidades, campo e cidade, evoluíram para noções mais relativas, próximas, fazendo colidir diferentes identidades num só meio: *"O urbano e o rural misturam-se, não sendo claro onde termina um, e começa o outro"*.

SILVA, Cidália, *Dissipar Equivocos, saber ver o Território contemporâneo,* em *Arquitectura* em *"Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave"*, Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008, pag. 36

O reconhecimento da transformação Urbana implica o olhar crítico, livre de preconceitos e reconhecimentos Territoriais anteriormente definidos, para constatar e interpretar o Território real. A representação deste Território não passa pelo seu simples mapeamento, mas antes pelo entendimento das dinâmicas privadas e públicas que estão na origem da mutação concreta da realidade. Estas dinâmicas são processos sociais fluidos, sobre um Território. A paisagem do limite urbano agora ultrapassado, estabelece-se pelo edificado, e pelo seu avanço sobre o espaço Natural.

Se no desenho Urbano Renascentista, as cidades avançavam para lá das muralhas por lógicas encadeadoras de espaços Públicos, nesta nova realidade, a estruturação do domínio público reflecte as infra-estruturas que funcionam na grande escala Urbana. No entanto, é segundo estes eixos que são agregadas as variadas funções de origem privada.

Arquitectura Vernacular: *"Uma forma intuitiva de uma cultura constituída pelas condicionantes e necessidades impostas pela natureza, produzidas pelo homem sem a intervenção do arquitecto."*, em: **LAWRENCE**, Roderick, em **ASQUITH**, Lindsay, **VELLINGA**, Marcel, *Vernacular Architecture Twenty First Century, Theory, education and practice*, Taylor and Francis, 2006, pag.110 →

Nesta nova realidade, as mutações territoriais são quebras de escala, na qual o "Urbano contemporâneo" é um novo modelo difuso, que origina uma identidade Paisagista em constante conflito. É uma consequência de uma sociedade a estabelecer-se como descentralizada, fluida e inconstante nas formas de ocupação. As Paisagens do rural determinam-se por políticas privadas que exploram a enorme competitividade da relação "custo – território" e por eficazes conexões que asseguram a conexão aos centros Urbanos e entre pontos distantes. Assim, o principal agente da construção deste Território é a infra-estrutura que permite com facilidade a deslocação entre o centro e o difuso. É também este o agente responsável pela repartição do Território, pela dissipação das pequenas localidades povoadas do rural tradicional, dos vales agrícolas pertencentes a uma identidade verdadeiramente vernacular.

2.1 Património

Reconhecimento no mapa contemporâneo

2.2 Património Industrial

Indústria, revolução

Implantação e território

Estética e função

Caso Português

2.3 Desactualizações, Actualizações

Processos e condições em arquitectura

Tempo, a construção de uma narrativa

Imagem | Uso

Princípios

Referencias

A unidade fabril reavaliada

img 4: Rio Ave

2. O Património contemporâneo

"Depois de se passar seis rios e três cadeias de montanhas surge Zora, cidade que quem a viu uma vez nunca mais pode esquecer. Mas não por ela deixar como outras cidades memoráveis uma imagem fora do comum nas recordações. Zora tem a propriedade de ficar na memória ponto por ponto, na sucessão das ruas, e das casas ao longo das ruas, e das portas e das janelas das casas, embora não apresentando nelas belezas ou raridades particulares. O seu segredo é o modo como a vista percorre figuras que se sucedem como numa partitura musical em que não se pode mudar ou deslocar nenhuma nota. O homem que sabe de cor como é Zora, nas noites em que não consegue dormir imagina que o relógio de cobre, o toldo às riscas do barbeiro, o repuxo dos nove esguichos, a torre de vidro do astrónomo, o quiosque do vendedor de melancias, a estátua do eremita e do leão, o banho turco, o café da esquina, a travessa que dá para o porto. Esta cidade que nunca se apaga da mente é como uma armação ou um reticulado em cujas casas cada um pode dispor as coisas que lhe aprouver recordar: nomes de homens ilustres, virtudes, números, classificações vegetais e minerais, datas de batalhas, constelações, partes de um discurso. Entre todas as nações e todos os portos do itenerário poderá estabelecer um nexo de afinidades ou de contrastes que sirva de mnemónica, de referencia instantânea para a sua memória. E assim é de maneira tal que os homens mais sábios do mundo são os que conhecem Zora de cor.

Mas foi inutilmente que parti em viagem para visitar a cidade: obrigada a permanecer imóvel e igual a si própria para melhor ser recordada, Zora estagnou, desfez-se e desapareceu. A Terra esqueceu-a."

CALVINO, Italo, *As cidades invisíveis,* Lisboa, Ed. Teorema, 1993, pag.19

2.1 Património

Reconhecimento no mapa contemporâneo

"We must collect all the visual symbols of this urban being – all the evidence of its pathologies and normalities, gathering and storing all the memory taken from bygone times, so that in our present time we can arrive at an equilibrium between the urban being and its material environment."

BOYER, Christine, *The city of Collective memory its historical imagery and architectural entertainments,* London, The MIT press, 1996, pag.17

Património (físico) refere-se ao **legado de Artefactos** que por um grupo ou sociedade recebem herdados de um Passado. Estes Artefactos, mantidos no Presente, contribuem para o benefício Futuro da comunidade envolvida, são a produção explicativa de uma **cultura** em construção. Assim, a uma determinada localização e comunidade é associado um conjunto de construções, enquadrando uma "colecção" de bens representativos de valores estéticos, sociais, espirituais ou até científicos. A arquitectura destas soluções é uma forma de gerar conhecimento por outros meios que não os linguísticos.

A sociedade contemporânea organiza-se na base de um mesmo legado edificado e estabelece-se na relação entre todos os indivíduos por uma partilha do **meio precedente**. O trabalho sobre este meio requer então, o conhecimento de **narrativas históricas**, de processos de consolidação que suportam a influência do anterior construído. Desta forma, os elementos arquitectónicos representam no ambiente contemporâneo as necessidades e valores originais de uma cividade sob os efeitos de uma transformação cultural, técnica e económica. A consciência sobre este Património, erguido num passado próximo ou distante tende a repensar expressões consolidadas. A intervenção sobre estas estruturas deve reflectir o papel da **história do lugar** como conceitos de Espaço e de Tempo a considerar.

Evolução da noção de Património - teorias interventivas

A noção de Património, a forma como é reconhecido e valorizado tem vindo a ser construída até às considerações que hoje se estabelecem. Desde o Renascimento que o pensamento teórico em Arquitectura se debate com o problema do Património, tanto na forma como deve ser reconhecido como no modo de actuar sobre ele. As teorias de intervenção sobre o construído constituem a relevância das questões Patrimoniais de acordo com cada época. Para lá das normativas estabelecidas importa entender a evolução do pensamento

ideólogo sobre o edificado mediante a valorização que lhe foi sendo atribuída de acordo com as teorias por trás das acções interventivas. Estes pensamentos transparecem não só métodos de intervenção como também o sentido e valor do Património nas diferentes conjecturas Urbanas e suas épocas.

Desde os primórdios da edificação humana, passando pela Arquitectura clássica e Renascimento, até aos nossos dias, reconhecem-se tendências para a apropriação sobre o já estabelecido. Fosse por um sentido simbólico, de poder ou de simples sobrevivência e abrigo o homem, por diferentes graus de apropriação, considera o Património como o legado existente, as formas de valor reconhecível no meio que lhes atribui um determinado uso. Na Renascença, surgem os primeiros pensamentos teóricos sobre as pré-existências. Apoiavam-se fundamentalmente nas construções de carácter artístico e monumental, passando séculos mais tarde, no século XX, por ideologias extremas quanto à destruição do consolidado, associado ao Movimento Moderno. No entanto, são várias as considerações que pela história revelam uma postura interventiva sobre o Património, reflectindo uma avaliação, autenticidade, valor e até sentido contemporâneo.

"Sobre o construído, o homem é como um agente de validação e regeneração, conjugando os valores culturais que determinam a sua permanência qualificada."

CAMPOS, Nuno, *Guia de arquitectura : espaços e edifícios reabilitados,* Porto, Traço alternativo, 2012, pag.9

Numa Europa cronologicamente construída, marcada por fortes traços civilizacionais expressos pela Arquitectura, a noção de um **método interventivo** sobre o Património qualificado surge em Itália, por **Leon Battista Alberti** (1404-1472). Na sua concepção, cada peça **substancial,** monumental do corpo Urbano seria como um marco imutável do ponto de vista da imagem gerada. Assim, os esforços sobre a sua manutenção deveriam ir no sentido da reposição dos valores iniciais da obra. A intervenção sobre estes monumentos deveria ser contida, pelo recurso a materiais novos para que fosse clara mas subtil, a diferenciação temporal das acções, salvaguardando a imagem inicial evidenciada do objecto. Em parte comprometendo a forma a uma imagem primitiva, Alberti elabora, já à luz da sua época, um pensamento ainda hoje presente em lógicas interventivas, tendo revelado preocupações no seu discurso e no seu tempo que hoje são alvo de discussão permanente.

baseado em **AGUIAR**, João Luís Costa Abreu, *Casa na rua formosa: estudo e proposta de uma intervenção,* Porto, FAUP Dissertações, 2012, pag. 102

"Podemos considerar de esta forma a Viollet-le-Duc (1814-1879) como la primera figura básica en la teória de la restauración de monumentos" **GRONDONA**, Javier, *Rehbilitación y vivienda en Sevilla: renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica:1975-1988*, *Sevilla,* C.O.A.A.O., 1989, pag.18

Mais tarde, em França, pela força da Revolução Industrial no final do séc. XIX, **Viollet-le-Duc** (1814-1879) tentou estabelecer novos princípios de intervenção sobre os elementos históricos construídos. Numa época em que a evolução se afirmava pela ciência,

devido ao progressivo desenvolvimento tecnológico, a ruptura com o passado estabeleceu-se como um novo paradigma social. Por sua vez, esta nova conjectura, à luz do pensamento arquitectónico resultou num enorme sentido nacionalista perante os ambientes históricos. Para Le-Duc a pureza do estilo de cada Arquitectura Histórica deveria ser o sentido de todo o trabalho de **"Restauro"** e da conservação Patrimonial. A recuperação estrutural e os elementos deteriorados deveriam ser trazidos ao estado inicial, na lógica de cada tempo anterior. Le-Duc considerava também que a utilização do edifício deveria sugerir a melhor forma de conservá-lo inalterado. A principal raiz inspiradora das intervenções deveria ser pelo conhecimento profundo e cientifico do estilo representativo de cada obra. Apesar do pensamento actual relativo a métodos de intervenção e restauro não reflectir exactamente os princípios defendidos por Violle Le-Duc, o estudo profundo do projecto inicial, o levantamento detalhado são a fonte de conhecimento especulativo, sobre a qual são gerados os meios iniciais das estratégias de intervenção. Considera-se assim, a reflexão de Le-Duc, fundamental para alguns dos princípios actuais, mas principalmente por ter gerado um movimento, entre arquitectos e historiadores, capaz de reconhecer e validar a importância da manutenção do Património construído.

baseado em RIVERA, *Restauración Arquitectónica Desde Los Orígenes Hasta Nuestros Días. Conceptos, Teoría e Historia in Teoría e Historia de la Restauración,*1997, pag. 104 →

Ainda no século XIX, **John Ruskin,** inglês, surge com uma nova concepção em nada igual às teorias de conservação até à data. Pelo documento "The seven Lamps in Architecture" distancia-se de Le-Duc na ideia base que propõe de conservação. Ruskin negou-se à conservação de métodos de restauro em favor do **máximo respeito pelo Monumento**. A intervenção deveria surgir apenas no sentido da conservação do existente nunca avançando com novos elementos comprometedores do estado inicial. Novamente afastado das compreensões actuais, o pensamento de Ruskin propõe a salvaguarda do sentido histórico de cada elemento arquitectónico. Hoje esta leitura é também muito vinculada às intervenções actuais, onde a Arquitectura requalificada deve ser capaz de permitir a observação transparente sobre o tempo histórico de cada ambiente construído desde a estrutura inicial ao acabamento.

John Ruskin (1819-1900): Escritor e critico britanico cujo pensamento vincula-se ao Romantismo, movimento literário e doutrinário (fins do séc. XVIII até meados do século XIX), que se apoia na sensibilidade subjectiva e emotiva em contraponto à razão. Autor do livro "The Seven Lamps in Architecture que por sete pontos apresenta o pensamento do autor denotando uma postura passiva relativamente a intervenções históricas. baseado em *http://www.gutenberg.org,* online a 22/04/2014

Pelo século XIX surgem outras teorias associadas à noção de Património, de Monumento e às formas de "re-localizar" estas estruturas de volta à sua imagem digna. As diferentes teorias de Luca Beltrami (Italiano), Alois Riegl (Austríaco) ou Camillo Boito (Italiano) propunham diferentes gradações na intervenção histórica mediante a simbologia que interpretavam sobre o edificado. Importa também referir as teorias de Gustavo Giovannoni, de Itália, que sustenta um sentido de valor Patrimonial muito próximo ao actual pensamento contemporâneo. Para Giovannoni os Monumentos apresentam-se no meio Urbano como

baseado em RIVERA, *Restauración Arquitectónica Desde Los Orígenes Hasta Nuestros Días. Conceptos, Teoría e Historia in Teoría e Historia de la Restauración,*1997, pag.114 →

um **testemunho físico de História** a preservar. A forma como se estabelecem operações de projecto sobre estruturas históricas deve ser no sentido de possibilitar uma relação pacífica com a cidade nova, na perspectiva de criar um sistema único e complexo na co-existência de cronologias distantes. É portanto, a partir do século XIX, pelo concretizar de diferentes teorias que o discurso sobre o legado Histórico é estabelecido. Com clara relação a um movimento nacionalista dispontado pela **Revolução Industrial** e aos fortes desígnios tecnológicos que esta propôs, os arquitectos reconheceram e foram críticos ao ponto de criarem posturas e atitudes que levaram à reflexão sobre os elementos mais caracterizadores do ambiente Urbano.

Gustavo Giovannoni (1873-1947), Arquitecto que deu continuidade à restauração cientifica ou filosófica iniciada por Boito. As elaborações teóricas de Giovannoni tiveram seu reconhecimento e consagração após a publicação da *Carta del Restauro,* de 1932, cuja intenção era uniformizar a metodologia das diferentes tendências italianas e oferecer um guia aos arquitectos. baseado em *http://www.ebah.com./aspectos-historicos-conservacao-restauro,* online a 22/04/2014

O século XX marca, por sua vez, um conjunto diverso de atitudes radicais, até extremistas quanto à concepção histórica no meio Urbano. Apesar dos diversos tratados, o plano Urbanístico dos inícios do século XX visa o desenvolvimento das cidades que carecem de redes estruturais para responder ao automóvel e ao crescimento demográfico. **A Carta de Atenas**, documento mais influente do pensamento à época, aborda em vários pontos a questão do Património Histórico. No entanto, o seu valor não deveria sobrepor-se às necessidades do mundo Moderno:

A Carta de Atenas, 1941, pag.17

"***Ponto V, Carta de Atenas:***
65. Os valores arquitectónicos devem ser salvaguardados;

66.Serão salvaguardados se forem a expressão de uma cultura anterior e se corresponderem a um interesse geral;

67. Se a sua conservação não implicar o sacrifício de populações mantidas em condições insalubres;

68. Se for possível remediar a sua existência desvantajosa por medidas radicais, por exemplo, o desvio de elementos vitais de circulação, ou mesmo o deslocamento de centros considerados até aqui como imutáveis;

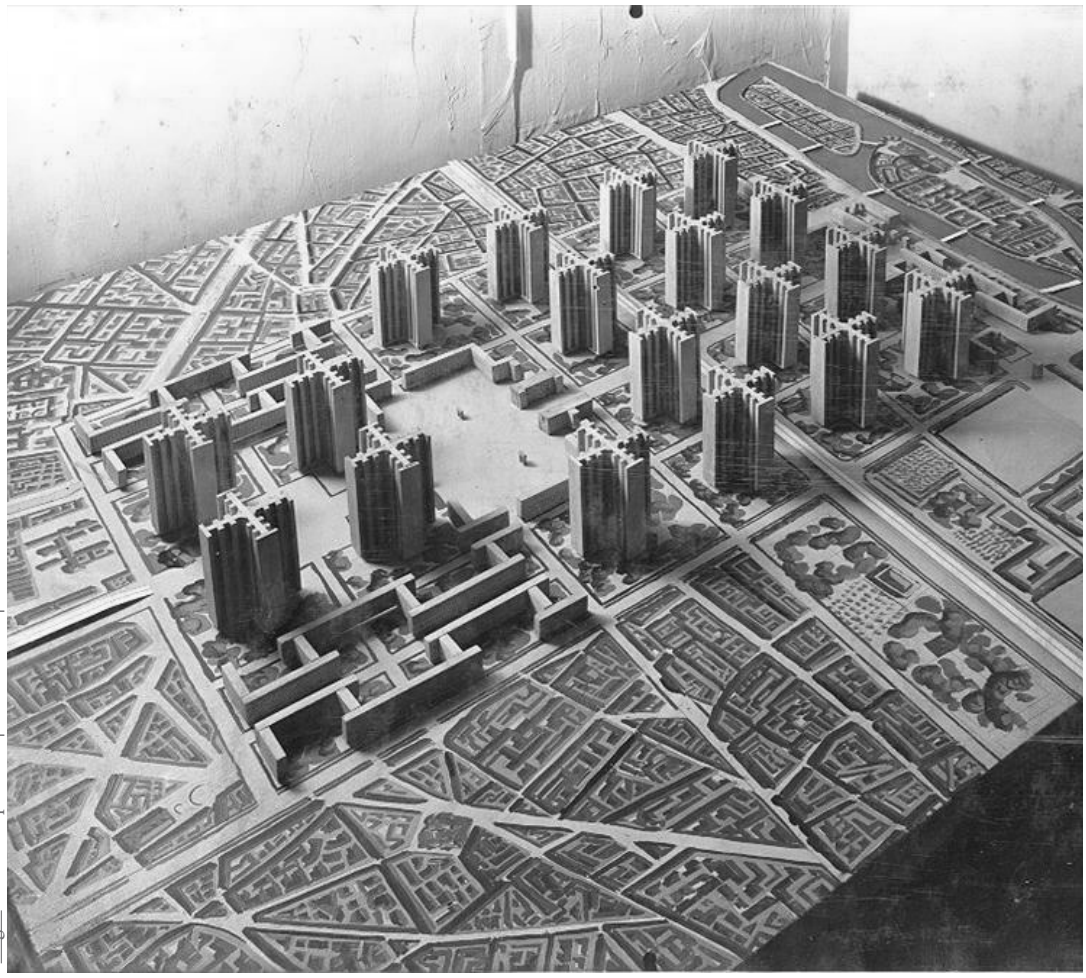
69. A destruição dos bairros miseráveis à volta dos monumentos históricos dará a ocasião a criar superfícies verdes;

70. O emprego de estilos do passado, sob pretexto de estética, (…), não será tolerado sob forma alguma;"

Os princípios expressos na Carta salvaguardam em parte, as construções históricas,

fundamentalmente os Monumentos de carácter excepcional no tecido Urbano e **reservam aos bairros Históricos uma hipótese** mediante uma avaliação do seu estado de salubridade. Na prática os princípios da vanguarda não forma levados a cabo mas o pensamento por eles representado está presente em diversos planos Urbanos como o exemplo do plano Voisin de Le Corbusier. A proposta apresentada para a cidade de Paris, revela a tentativa de adaptação à demanda habitacional pela segregação das principais funções da cidade por diferentes artérias que distribuíam o habitante pelos vários sectores Urbanos. Do ponto de vista formal o plano anula vários quarteirões históricos para a implantação de zonas ajardinadas e torres de escritórios no núcleo central Parisiense.

baseado em **BENEVOLO**, Leonardo, *O último capítulo da Arquitectura Moderna,* Lisboa, Edições 70, 1985, pag.142 ⟶



img 5: Modelo explicativo | Plano Voisin | Paris

A **pura visão modernista**, imposta nas novas teorias urbanas, destroi a possível relação que poderá existir entre um campo objectivo e subjectivo das histórias de cada lugar. Pela forma como propõe **eliminar as referências históricas,** os Modernistas imaginaram as cidades como uma tábua - rasa, livres para qualquer nova construção e futura determinação: *"the modernists constructed a discipline city of pure form that displaced memory and suppressed the tug of the fantastic. They relied heavily on the power of science to reduce perception to that which could be conceptualized or visualized. By following the path of scientific methodology and assuming their role to be that social engineering, they sought an absolute correspondence between the exterior city reality and its truthful and purified representation."*

BOYER, Christine, *The city of Collective memory its historical imagery and architectural entertainments,* London, The MIT press, 1996, pag.16

A cidade expressa na Carta de Atenas, a cidade de Corbusier, é hoje reconhecida como desadequada. Por diversos autores, a cidade moderna não tinha sido ainda construída visto que os esforços e inovações dos protagonistas não conseguiram conceber, através do desenho Urbano, a cidade como resposta à condição evolutiva do homem. Os planos do Moderno funcionaram como **genéricos e idílicos** correspondendo à ideia de uma cidade completamente criada de raiz pelo suprimento das questões Históricas e Patrimoniais associadas a fortes traços civilizacionais.

"Assim, se dispersa o futuro da cidade, composto por objectos isolados e contínuos vazios"

SILVA, Cidália, *Dissipar Equivocos, saber ver o Território contemporâneo, Arquitectura* em *"Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave"*, Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008, pag. 41

Na segunda metade do século XX surgem autores como **Colin Rowe e Fred Koetter,** que entre outros, partindo da desilusão Modernista conquistaram novo terreno na preservação das formas do Passado sobre o tecido Urbano: *"As décadas de 70 e 80, representam não só para o desenho de Cidade, mas para a arquitectura em geral um conjunto de críticas, entre as quais a importância da reavaliação do papel da história na forma de conceber. No campo Urbanístico esse papel reflectia a ideia de um contexto que juntamente com o projecto actual traria novas tensões ao espaço Urbano."*, Este princípio expresso na concepção Urbana de Rowe e Koetter, em Collage City, assume um compromisso com o já construído. A visão da cidade resultaria do contributo das sucessivas gerações, cada uma com suas definições próprias.

BENEVOLO, Leonardo, *O último capítulo da Arquitectura Moderna,* Lisboa, Edições 70, 1985, pag.159

Assim, se os arquitectos modernistas voltaram a sua atenção para o Presente, o seu tempo corrente, o pensamento das décadas de 70 e 80 entenderam a cidade como "retalhos" cronológicos, passados e presentes, em que as diversas estratégias reguladoras da malha Urbana deveriam ser estabelecidas tendo em conta a presença das variadas circunstâncias funcionais e históricas. No entanto, esta preocupação pelo passado levou também a um imediatismo na

compreensão destas soluções como referido em The city of collective memory: *"If modernists were preoccupied with the present or current time, then architects and designers of the 1970´s and 1980s grounded their own obsession on refiguring the past."* A continuidade entre os "retalhos" não é assegurada pela reprodução imediata dos elementos que constituem os factores de permanência num dado Espaço. Esses elementos devem ser assimilados e compreendidos de forma a responder à continuidade dos mesmos por processos contemporâneos de projecto.

BOYER, Christine, *The city of Collective memory its historical imagery and architectural entertainments,* London, The MIT press, 1996, pag.6

O conhecimento das diferentes teorias interventivas sobre meios já consolidados reflecte a importância e o valor dado em época ao problema do Património. Por sua vez, é também possível depreender um grau de relevancia estabelecido às estruturas históricas mediante diferentes períodos. Dos Monumentos procura-se, em regra geral, uma contribuição para a caracterização de uma localização especifica pela sua simbologia, função e valor, aos bairros e quarteirões históricos que marcam a unidade base Urbana, espera-se um sentido de loteamento e conformação urbana não deixando de ser menos significante na caracterização de um contexto.

O pensamento contemporâneo parte dos testemunhos anteriores, associados a cada época e suas preocupações para se estabelecer hoje num campo lato de dinâmicas sequenciais de funções e imagens onde as formas heterogéneas e suas continuas associações se perdem num sentido global compositivo. Por outro lado, o consequente desenvolvimento periférico provocou em parte o abandono das áreas centrais ao mesmo tempo que constituiu novas formas segregadas que expandiram a mancha Urbana para modelos mais dispersos.

As formas criadas atingem hoje repercussões do ponto de vista territorial de consequentes degradações que são alarmantes para a coesão Urbana. Por este legado, o pensamento actual deve apoiar-se no potencial das formas constatadas. Ou seja, deve reconhecer Património não só na base de uma memória histórica que lhe esta associada mas também pelo reconhecimento do potencial a gerar num Futuro: *"Hope in the future is rooted in the memory of the past, for without memory there is no history and no knowledge, Past, present and future, memory and prophecy are woven together into one continuous whole."* Esta noção de tempo expressa o potencial de cada Arquitectura criando uma ideia de Património não só associado a um Passado mas também a uma especulação Futura sobre o construído. É então, uma noção referenciada no Passado com perspectivas num Futuro.

ROGERS, Richard, *Architecture: a modern view,* London, Thames and Hudson, 1991, pag.10

"Si la historia era un instrumento ligado a la nueva teoria de la arquitectura, esa relación era la de aportar credibilidad, certidumbre, respeto de la veracidad y conveniência de los princípios psicológico-técnicos sobre los que constuye la actividad arquitectónica presente."

MORALES, Ignasi de Sola, *práticas teóricas, práticas históricas, práticas arquitectónicas,* em VIDLER, Anthony *Inscripciones,* Barcelona, Gustavo Gili, 2003, pag.257

Os processos de intervenção actuais tendem assim, a reflectir um conhecimento e estudo sobre as operações anteriores para criar um discurso coeso no prolongar das qualificações das estruturas expectantes. Pela leitura histórica devem adoptar-se procedimentos que anulem a separação entre as fases de construção, desenhando uma espécie de simbiose. A arquitectura deve ser portanto, esse processo, pelo qual o antigo organismo se adapta a uma nova condição populada.

Contudo, é importante considerar que nos últimos dois séculos a construção de bens imóveis atingiu dimensões desmesuradas. Hoje assiste-se ao abrandamento e à paragem do crescimento Urbano pela estabilidade dos valores demográficos. A cidade nunca será um objecto finito, mas as suas partes terão de ser reconsideradas: ***"conservadas, transformadas, reconstruídas ou até mesmo demolidas."*** Um dos principais agentes da conformação do edificado actual sobre as cidades foi a revolução Industrial. No século XIX, como referido, a discussão sobre o Património evolve para posturas sobre os ambientes observados por um sentido nostalgico despontado pelo avanço tecnológico que levou à construção de estruturas de dimensões e expressões consideráveis. Estruturas que participam hoje no nosso território pela função que desempenham ou desempenhavam. Devem assim, ser repensadas.

BENEVOLO, Leonardo, *O último capítulo da Arquitectura Moderna,* Lisboa, Edições 70, 1985, pag.157

"Intervenir, prolongue una identidad que há sido conseguida lenta y trabajosamente. Como se há dicho en outro pasaje, la ciudad es un património del pasado a transferir hacia el futuro y, si es posible, mejorado por el presente;"

GRACIA, Francisco de, *Construir en lo construido* : la arquitectura como modificación, Madrid, Nerea, 2001, pag.179

2.2 Património industrial

Industria, revolução

Na segunda metade do séc. XVIII pela evolução do capitalismo comercial para o industrial, por meios de um elevado desenvolvimento tecnológico, a conjectura económica e social sofre profundas alterações de impacto a vários níveis. Este período de elevado desenvolvimento denomina-se por **Revolução Industrial**. O sistema social capitalista muda de uma perspectiva mercantilista, instável, para um cenário produtivo, mais assertivo nos números de produção e transacção pelos enormes progressos tecnológicos e científicos que apoiaram a formação da actividade industrial na sociedade moderna a partir do séc. XIX, atingindo a sua plenitude no século seguinte.

Etimologicamente, "indústria" significa **actividade ou habilidade,** termo até então, associado às competências do **artesão**. No entanto, segundo a nova conjectura económica, as tradicionais oficinas, são substituídas a partir dos novos conceitos de standarização e velocidade, por espaços que cumpram estes novos propósitos. A palavra indústria surge agora, como um **símbolo de desenvolvimento, de progresso e eficiência**. Ao contrário do artesão, a indústria parte de uma organização colectiva sobre um espaço comum, que a partir de processos na base de interacção do homem com máquinas, cria de forma sistematizada, um produto.

baseado em, **CRUZ**, Hugo Rafael Torres Meira da, *Arquitectura industrial na obra de Arménio Losa*, Porto, FAUP, 2011, pag.21 ⟶

Este fenómeno, apoiado pelo novo sector económico em crescimento, constituiu mudanças do ponto de vista social e territorial, pelo surgimento das classes empresariais e operárias e pela implantação deste sector com forte expressão no território. A **Fábrica** é o lugar e símbolo deste novo capitalismo. É portanto, o agente expansivo e colonizador desta preposição económica sobre o meio físico e social. A evolução do pensamento científico à época é acompanhado por este novo programa funcional que se vem a implantar nas cidades desenraizado de qualquer noção anteriormente estabelecida. A Fábrica, ao contrário da habitação, do programa religioso ou até militar, nada tem de natural a uma condição humana já antes instaurada. Relativiza, portanto, todo o pensamento sobre um edificado que dá testemunhos das alterações económicas, em torno da partilha espacial entre o homem e a produção mecânica. As questões arquitectónicas surgem na tentativa de acompanhar este desenvolvimento ao mesmo tempo que se expandem as possibilidades de novas expressões associadas ao uso de novos materiais provenientes desta "Revolução".

FOLGADO, Deolinda, *O lugar da indústria no território,* em **BRAÑA**, Celestino García, *Indústria e Arquitectura Moderna, em A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005, pag.80 ⟶

Implantação, território

Pelo seu desenvolvimento e simbologia, a máquina, torna-se o epicentro de todas as mudanças do séc. XIX. Ganha portanto, uma enorme importância nas dinâmicas sociais, desde a sua organização, aos novos espaços desenhados destinados ao seu abrigo e funcionamento. Numa primeira fase, a implantação dos sectores industriais esteve fortemente dependente da proximidade às **matérias-primas** na base de cada produto, às redes viárias para a sua distribuição e aos recursos energéticos que utiliza. A **zona Periférica** entre a cidade e o campo representou o "lugar" próximo das cidades, onde o recurso natural às energias e à matéria-prima era viável. Assim, em contínuo com zonas agrárias surgem produções agro-alimentares ou vinícolas, em zonas de montanha a exploração de minas, e junto aos meios mais urbanizados os sectores de bens – de - consumo, têxtil, entre outros.

As primeiras implantações do sector procuram optimizar as suas possibilidades pela **gestão de uma economia de meios** sobre a escolha da implantação industrial, utilizando as oportunidades ambientais pré-definidas na envolvente. Esta relação determina a organização industrial como equivalente às explorações agrárias, junto a cursos de água (primeira fonte energética), onde a classe operária, proveniente do meio rural, tem já a sua habitação, tirando desta forma, partido de mão-de-obra próxima.

A proximidade das implantações industriais com a matéria-prima explorada é outro dos factores determinantes na localização das actividades produtivas. Pela sua transformação, extracção ou outra forma de exploração, a localização das unidades de trabalho implica uma gestão entre o meio edificado da fábrica e aquilo que na sua actividade participa: a distância à matéria-prima, a proximidade com as infra-estruturas de apoio à distribuição mas também o apoio aos trabalhadores nos seus estabelecimentos quotidianos (habitação, vias de transporte, comércio). Assim, a **localização das indústrias** é responsável por uma escala de produção que se expande pela rede viária de distribuição até à habitação em seu redor, não se esgotando somente num edificado inicial proposto. Este envolvimento sobre o território levou à construção de novas paisagens que celebram diferentes funções, por construções de diferentes escalas, pela invasão de antigos espaços rurais, agrários, constituindo lugares desorganizados, artificiais, articulados ao longo de eixos viários que se associam entre pontos na paisagem.

baseado em, **VIDAL**, Vicente Manuel, *Indústria: cidade e território; a geografia da indústria,* em **BRAÑA**, Celestino García, *Indústria e Arquitectura Moderna, em A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico,* Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005, pag.73 ←

O olhar sobre as implantações industriais do séc. XIX e XX implica não só o reconhecimento e análise do espaço de trabalho da produção mas também os **prolongamentos**

deste sector sobre uma maior escala que o envolve. É reflectir portanto, nas questões Urbanísticas postas em causa mediante o desenvolvimento de toda uma circunstância económica.

Estética, função

As exigências do novo sector industrial resolvem a vontade de transformar, de criar novas formas, como uma oportunidade de construir elementos simbólicos, atentos às mudanças da sociedade. Os Arquitectos e Engenheiros que protagonizaram estas construções, na agitação desta época, estiveram atentos às suas mudanças para a criação de um **espaço funcional**, produtivo, útil para o novo sector. No cruzar da razão teórica com um sentido prático associado ao funcionamento das linhas de produção surge a Arquitectura Moderna Industrial: *"A revolução dos métodos de cálculo estrutural e os contributos práticos dos engenheiros irão traçar um panorama sensivelmente diferenciado da época anterior"*. A arquitectura industrial acompanha portanto, os pressupostos da época, deixa-se envolver para sofrer com as aplicações cientificas na sua caracterização. A partir dos anos 20 as indústrias estão já associadas a modernas tecnologias de construção pela aplicação de novos materiais importados da revolução.

BRAÑA, Celestino García, *Estética da máquina, Estética do Engenheiro, em A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005, pag.40

O pensamento artístico e arquitectónico, no inicio do séc. XX, traduz a necessidade de responder à contaminação da máquina pelos espaços sociais em que participa. A preocupação da arquitectura era entender este pressuposto e de encontrar princípios que formulassem uma estética industrial associada a implicações actuais. É desta forma, que a arquitectura Moderna encontra uma enorme acomodação no sector Industrial. As principais **características da modernidade arquitectónica** do inicio do séc. XX, **concretizam-se mais substancialmente no cumprimento técnico do edifício Industrial.** As necessidades desta tipologia impõem-se como argumentos transparentes para a nova Arquitectura cuja caracterização resulta também da aplicação de materiais como **o Ferro, o Betão e o Vidro**, surgidos pelo próprio desenvolvimento. Estas aplicações permitem ao desenho novas possibilidades expressivas como também uma configuração arquitectónica muito específica, própria do contexto. A articulação dos problemas de funcionamento, mobilidade e flexibilidade interna resultaram por norma, em formas de organização por dois tipos de estrutura: o espaço livre, abobadado, com recurso ao betão na sua materialização e a quadrícula de pilares associada ao betão e ao ferro. O desenho da estrutura estabelece por sua vez, uma nova relação com a **cobertura**

que envolve as unidades de trabalho resolvendo o problema da iluminação na utilização do vidro. **O desenho estrutural** é a característica fundamental no concretizar da estética moderna industrial pelas exigências funcionais que carecem de amplos espaços, adaptáveis aos diferentes interesses espaciais que permitem expressar a própria racionalidade de cada edifício.

Ao contrário do entendimento arquitectónico até à data, a edificação das construções industriais resume uma articulação entre a Arte e Técnica estabelecida na segunda metade do séc. XIX. Por altura em que o pensamento artístico problematizava o desenvolvimento maquinista e progressiva industrialização, assumindo o exemplo da construção em 1889 da Torre Eiffel como a exploração máxima de um dos materiais mais representativos da época: o Ferro, encarando as suas possibilidades estéticas e estruturais.

Numa instância inicial, a conformação do espaço Industrial pertencia ao campo dos engenheiros, pois era a classe que melhor **sintetizava as necessidades dos processos de produção** e que potenciava as linhas de montagem e produção, que conseguia portanto, uma maior eficácia de resultados. No entanto, os valores eficazes da engenharia que pareciam ter condenado um sentido "artístico" nas construções, foram aos poucos corrompidos pelo novo mediatismo que a Arquitectura adquire na transposição dos valores técnicos a espaços desenhados. A arquitectura determina-se como a Arte que problematiza a técnica industrial por uma estética específica:

"E a arquitectura como Arte, reduzida entretanto a sinónimo da forma e ornamento, tinha passado a opor-se à técnica, instrumento de progresso e nessa medida de bem-estar da civilização."

BRAÑA, Celestino García, *Indústria e Arquitectura Moderna, em A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005, pag.43

O programa Industrial, pelo abrigo das máquinas, exigia diferentes espacialidades das da escala humana. Desta forma, as novas concepções soltam-se de valores preconcebidos para noções mais despojadas, puras na sua volumetria, determinantes na caracterização da nova Arquitectura Industrial Moderna. É neste momento que pelo avanço do sector e sua expansão internacional que se reconhece uma imagem de marca, a Fábrica, que agora pela apreensão de uma arquitectura nova e específica atribui um novo valor acrescentado ao próprio fabrico.

A estética industrial do séc. XX celebra o alvoroço do pensamento arquitectónico pelo sentido utilitário. Para muitos arquitectos, como Corbusier, as formas produzidas pela

Indústria constituem a pureza pretendida pela verdadeira Arquitectura Moderna não regulada pelas tradições do ornamento na concepção do "belo":

"A fábrica é o lugar redundante onde a estética moderna encontra o próprio programa moderno."

FIGUEIRA, Jorge, **MILHEIRO**, Ana Vaz, *O fim da fábrica, o início da ruína*, em **BRAÑA**, Celestino García, *Indústria e Arquitectura Moderna, em A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005, pag.93

Caso Português

O processo de industrialização Português caracterizou-se de uma forma própria com condições diferentes e independentes da conduta Europeia. A partir dos inícios de novecentos debatia-se em Portugal um desejo de modernização sobre um Território rural nitidamente menos desenvolvido em relação à restante Europa. Enquanto símbolo de progresso e modernização a expansão industrial Portuguesa reflecte uma assimilação lenta, mantendo até tarde uma autoria quase anónima mesmo quando protagonizada por profissionais de relevo. No entanto, apesar das condições instáveis ao nível social, político e económico nos finais do século XIX e século XX, a industrialização em Portugal resultou em **profundas alterações paisagísticas** do Território, não só na concretização do programa industrial mas também nos prolongamentos das suas implantações, como a rede viária ou a localização da habitação operária. A afirmação da arquitectura moderna Industrial Portuguesa acompanha o ritmo da produção dos novos materiais construtivos, entre um interesse de modernização, apoiado nas potencialidades do culto maquinista e a nostalgia de uma ruralidade perdida.

Assim, o processo de industrialização nacional parte nas primeiras décadas do século XIX com o recurso às máquinas de vapor em indústrias localizadas especialmente em Lisboa, Porto, Braga e Setúbal. Sente-se portanto, neste tempo, uma convergência aos meios urbanos pelas explorações industriais que implicam o problema da localização da nova classe operária. O atraso tecnológico era, por sua vez, sentido pela falta de mão-de-obra qualificada e pela falta de investimento estatal no novo sector industrial privado.

baseado em, **CRUZ**, Hugo Rafael Torres Meira da, *Arquitectura industrial na obra de Arménio Losa*, Porto, FAUP, 2011, pags.65-69 →

No inicio do século XX mediante a nova conjectura política e social marcada pelo fim da Monarquia, implantação da república e posterior estabelecimento do regime ditatorial, desenvolvem-se em Portugal infra-estruturas que promoveram uma expansão catalisadora de novas dinâmicas entre pontos distantes no Território. Até à década de 30 o poder estatal demonstra uma certa resistência ao processo de industrialização para um equilíbrio entre o desenvolvimento industrial em consonância com as politicas agrárias e tradicionais muito

img 6 e 7 Fábrica de Fiação e tecidos de Vizela

Fábrica de Fiação e tecidos de Vizela:
-Criada em 1845, com sede no Porto;
-Industria textil
-Representa um agente a considerar no desenvolvimento da região de Negrelos e Santo Tirso ao nível das redes infra-estruturais e dinâmicas sociais;
-Importante reconhecimento nacional;

baseado em *http://esdah_dea4a.blogs.sapo.pt/1109.html,* online a 23/04/2014

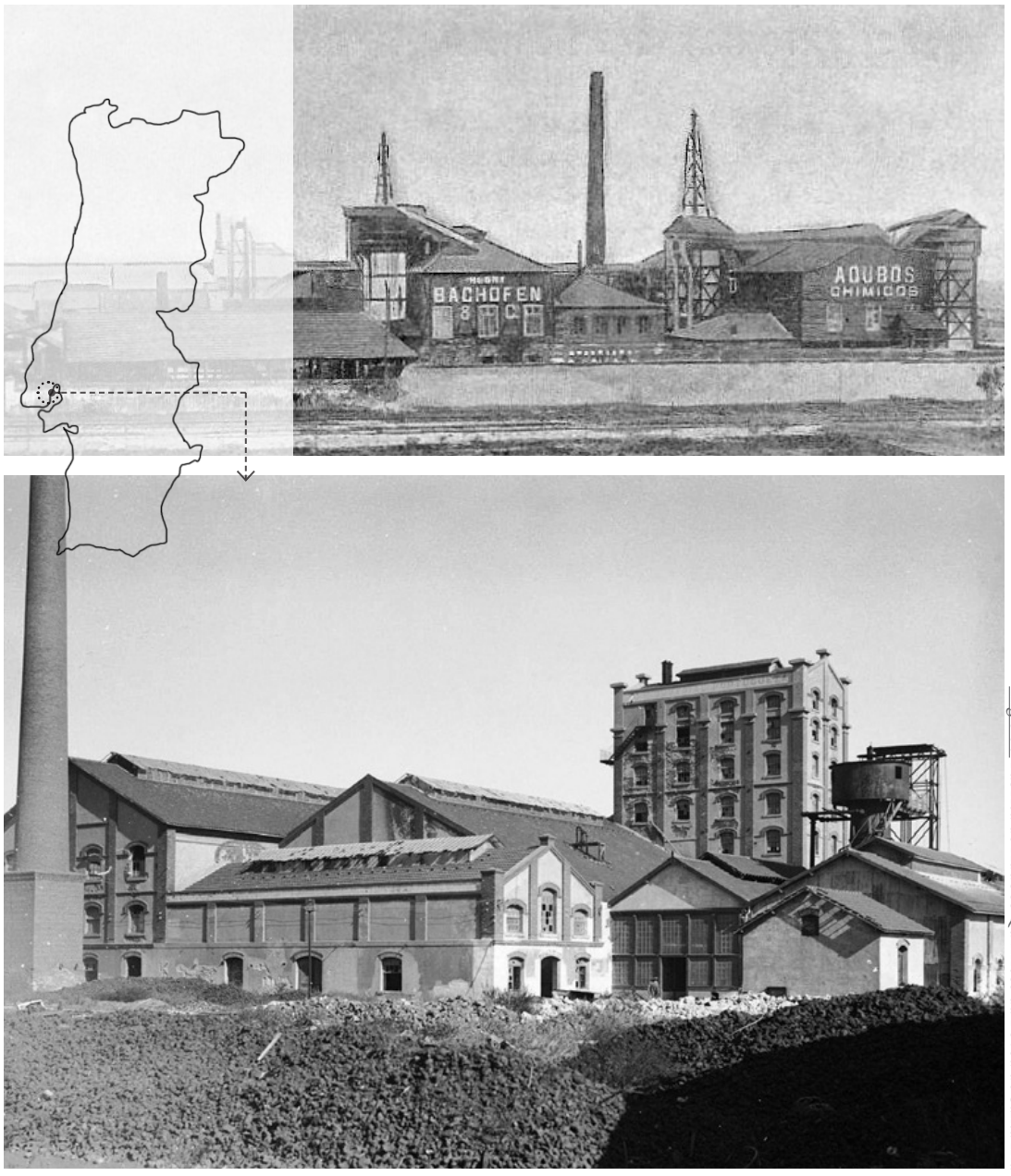
expressivas no panorama Português. Com a chegada da grande exposição da Industria Portuguesa em 1932 e 33, constituiu-se uma oportunidade para o desenvolvimento do sector Industrial, rompendo a tendência rural em vigor. O debate sobre as politicas empreendedoras e progressistas do novo sector industrial depara-se com um país extremamente dependente de matérias-primas importadas e foca-se sobretudo no desenvolvimento de uma rede eléctrica nacional. No entanto, mediante os esforços de modernização o país parecia não responder aos processos de industrialização não concretizando algumas das expectativas. Até á década de 40 as principais indústrias continuavam a localizar-se junto do litoral nas grandes áreas de Porto e Lisboa. Verificava-se também a carência de equipamentos modernos nos espaços industriais e um reduzido número de trabalhadores empregados, o que comprometia a eficiência e quantidades produzidas a competir dentro do contexto Europeu.

baseado em, **CRUZ**, Hugo Rafael Torres Meira da, *Arquitectura industrial na obra de Arménio Losa*, Porto, FAUP, 2011, pag.73 ⟶

O espaço tradicional de produção como as oficinas marcava, em grande parte, o campo industrial Português. Só mais tarde no começo da década de 50, pelo apoio governamental e de várias forças privadas que investiram no sector pela criação de infra-estruturas requeridas ao desenvolvimento e pela aprovação de leis e normativas de apoio ao ramo industrial, se começaram a estabelecer valores produtivos mais significativos e competitivos. Desta forma, as oficinas tradicionais referidas eram agora substituídas por novos complexos modernos como o das indústrias químicas ou de fábricas ligadas à exploração de novos materiais de construção. Os planos de industrialização passaram a prever a electrificação a uma grande escala territorial, a integração de componentes científicas aos métodos de produção e um planeamento a longo prazo viável.

A par destes desenvolvimentos o desenho industrial constituiu um novo desafio pelo apuramento da técnica em favor do progresso territorial, de uma imagem e espacialidades que aprovassem e acompanhassem o crescimento do sector. Nas décadas seguintes, de 50 e 60 o país estava preparado para competir na escala Europeia. O investimento estatal recaia de novo no campo industrial no sector das energias pela introdução do petróleo na substituição do carvão. Estes desenvolvimentos permitiram também maiores taxas de empregabilidade no sector e as condições do trabalho fabril melhoraram do ponto de vista das instalações e também da habitação operária. Apesar dos últimos desenvolvimentos, Portugal continuava ainda bastante atrasado, pouco competitivo nos mercados Europeus.

Na segunda metade do século XX, décadas de 60, 70 e 80, por novos meios de apoio público, procurou-se aumentar o valor das exportações e elevar os números de



img 8 e 9 Fábrica de Adubos Químicos da Povoa de Santa Iria

Fábrica de Adubos Químicos da Povoa de Santa Iria:
-Fundada em 1905 (começo século XX)
-Instalada nas proximidades da linha de ferro;
-Aproveitamento das matérias-primas essenciais ao produto final, o sal marinho e calcários extraídos na envolvente próxima: a montanha de Vialonga;

baseado em *http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2012/03/companhia-industrial-portuguesa.html*, online a 23/04/2014

produção. Foram promovidas estratégias de descentralização do sector. Tentou-se assim, que a distribuição das unidades fabris se expandisse para lá das cidades principais de forma a criar novas dinâmicas sobre zonas rurais e agrárias conjuntas ao desenvolvimento da rede viária, anos antes estabelecida. Este desenvolvimento apoia-se também na exploração de uma mão-de-obra pertencente já a um meio estabelecido mas com potencialidades interessantes à ocupação industrial. Esta nova distribuição tem consequências paisagísticas que hoje se lêem no património rural Português, nas dinâmicas territoriais e socias. Estabeleceu-se um sector empresarial representado pelos complexos industriais que passaram a fazer parte da subsistência e identidade das suas localizações.

"reflexo desta realidade industrial em visível crescimento é, no plano urbanístico, a primeira consolidação das concentrações industriais no nosso país. Deste modo, dá-se início à zonificação industrial das cidades portuguesas, dando origem a novos espaços que perduram até aos nossos dias de hoje, e que com as suas características particulares, caracterizam um território bem específico"

FERNANDES, José Manuel em, CRUZ, Hugo Rafael Torres Meira da, *Arquitectura industrial na obra de Arménio Losa*, Porto, FAUP, 2011, pag.75

No fim século XX, década de 90, mediante a abertura e novas normativas dos mercados Europeus, o sector Industrial Português demonstra carências, em determinados sectores industriais, por não conseguir competir no mesmo plano comercial. Assim, à entrada no século XXI, Portugal debate-se com enormes dificuldades na manutenção dos seus espaços Industriais pela força com que perdia o seu lugar no panorama comercial Europeu e Internacional. A classe empresarial viu-se, em parte, forçada a abandonar estas moradas, deixando um rasto do que ainda muito recentemente teria sido criado. Sistemas industriais obsoletos, expectantes sobre diferentes meios, periféricos, campestres ou até mesmo citadinos.

A "fábrica", como agente físico de um sector económico é o símbolo que no território Português expressa a expectativa da modernidade industrial. É hoje o reflexo de um programa que caiu na obsolescência pela falta de rentabilidade e viabilidade do sector que representa. Qual é então o rumo que este Património deve seguir? Tornou-se uma ruína que conta a história da modernidade Portuguesa pela qual se especula uma razão para a sobrevivência, por novas possibilidades programáticas. As indústrias, hoje em dia, são altamente tecnológicas, cumprem regulamentos e formas standart na qual a mediação pela Arquitectura é de difícil assimilação. A fábrica moderna é por sua vez, um objecto melancólico entre a Arte e a técnica adequada à partilha entre o homem, o objecto industrial e a paisagem em que insere.

baseado em **FOLGADO,** Deolinda, *O lugar da indústria no território,* em Braña, Celestino García, *Indústria e Arquitectura Moderna, em A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005, pag.82 →

img 10 e 11 Fábrica d´Oliva

img 12 Fábrica Barros

Fábrica d´Oliva:
-Fundada em 1925, desenhada pelo arquitecto Fernando Campos;
-Assumiu um lugar determinante no desenvolvimento de S. João da Madeira;
-Industria da Fundição;
-Linguagem e volumetria associada ao Movimento Moderno;
-Constitui hoje uma ruína, na base da qual um novo projecto cultural revitalizador emergirá;

baseado em baseado em **CELESTINO**, García Braña, *A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005, pag.251

Fábrica Barros:
-Sediada em Lisboa tendo o edifício sido concluído em 1958;
-Industria têxtil;
-Inserida numa lógica industrializadora de Lisboa;
-Linguagem própria num contexto Modernista;
-Coloca-se hoje, como um problema, carente de manutenção e utilidade;

baseado em **CELESTINO**, García Braña, *A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005, pag.243

2.3 Desactualizações | Actualizações
Processos e condições em arquitectura

SORIANO, Federico, *100 hipermínimos y uno último de Francisco Jarauta*, Madrid, Lampreave, 2009, pag.56

"One of the features of modern activity, noticeable both in its objects and in space, is mutability. The possibility of being modified is the actual connection that holds it together. All human production is in a continuous state of transformation."

Por desactualização entende-se todo o processo cujo lugar edificado não sofreu a adaptação necessária à sua manutenção. Independentemente de uma imagem sugerida são muitas as estruturas que perdem sentido pela simples transferência de um desempenho antigo para a actual circunstância temporal. Sem os necessários processos de ajustamento num campo patrimonial de acção, as estruturas que antes eram compreendidas na sua localização, função, imagem e viabilidade são agora superadas pela actualização constante das dinâmicas Urbanas.

O programa arquitectónico acontece mediante uma necessidade de abrigo de determinados usos, segundo elementos que providenciem, ao longo de um certo tempo, as condições ao desempenho humano dessas funções. O desenho pressupõe portanto, uma noção clara dos desenvolvimentos sobre o espaço e está nele implícito uma circunstância momentânea na qual o corpo arquitectónico é estabelecido. A história da Arquitectura acontece em paralelo com a evolução humana e como tal acompanha os valores de cada época adaptados a cada arquitectura. Assim, a morada arquitectónica deve ser também encarada como uma metamorfose de valores instáveis a partir dos quais o espaço sofre mutações. Para os arquitectos é portanto, fundamental entender que o objecto arquitectónico não se encerra no seu desenho inicial. A instabilidade de qualquer função deve ser reconhecida para que o espaço não se torne obsoleto e limitado a um primeiro desempenho tal como sugere Frederico Soriano em "100 hiperminimos": *"Throughout history, architecture has preserved the stability of the discipline as a reliable asset. But beauty is ephemeral, programs are flexible and instability can be constructed at last. We have to aim for a dynamic conception of architectural form. We need to become conscious of the ways of transforming."*

SORIANO, Federico, *100 hipermínimos y uno último de Francisco Jarauta*, Madrid, Lampreave, 2009, pag.57

Sendo o Futuro sempre incerto, os valores do Passado são uma espécie de garantia e nostalgia perante o campo físico existente. Deste modo, as possibilidades futuras não representam por si só, uma afirmação convincente sobre os elementos e condições pré-existentes. Deve ser sempre considerado e reflectido o processo de actualização de cada

função edificada. O Património e o meio físico devem ser ponderados como uma realidade em progressão e não em estagnação. As acções devem ser estabelecidas no sentido de proteger esse Património, mas também de criar novas narrativas, abertas a novas possibilidades de acordo com diferentes graus de intervenção pelos diversos casos.

Assim, como exposto, os princípios de actualização do Património, para uma adequação às condições actuais do "habitar", não se encerram somente na recuperação do meio físico e construtivo do edificado. Em muitos casos, o problema da adaptação tem que ver com novas actividades funcionais que devem então, ser reavaliadas segundo a condição existente a recuperar. É portanto, um processo de apreciação funcional e construtiva, numa relação que combina uma nova dinâmica apropriativa do espaço existente. Em "Construir en lo construido" Francisco Gracia reúne vários princípios relativos a processos de actualização sobre edifícios históricos denotando a consciência de uma condição temporal a qualquer corpo arquitectónico: *"Aceptar la dimensión temporal de la arquitectura, tanto en el uso como en la práctica proyectual, significa reconocer el inevitable proceso de modificación a través del tiempo no solo por médio de procesos de entropia y de usura, o de cambio de función, sino todo de cambio de significado dentro del contexto*". O tempo é então, compreendido como o principal agente modificador da conjectura espacial. Não só no sentido tectónico de cada estrutura abordada, mas também na forma como é feito o apropriamento.

GRACIA, Francisco de, *Construir en lo construido* : la arquitectura como modificación, Madrid, Nerea, 2001, pag.178

Tempo: a construção de uma narrativa

"La historia se escribe a partir de operaciones que dependen de nuestra propia intención, de la intriga que guia nuestras pesquisas."

MORALES, Ignasi de Sola, *práticas teóricas, práticas históricas, práticas arquitectónicas,* em VIDLER, Anthony *Inscripciones,* Barcelona, Gustavo Gili, 2003, pag.263

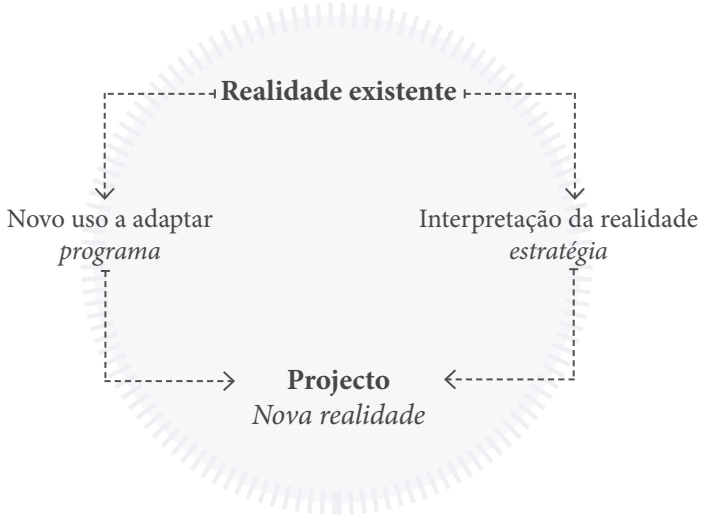
As acções que sobre o espaço são estabelecidas compreendem uma construção de narrativas históricas que por intenções específicas alteram a forma arquitectónica a partir da condição inicial. Para Sola Morales, a história é o princípio teórico na base da mutação espacial e como tal qualquer acção futura deve reconhecer as "intenções" passadas e assimiladas em cada espaço. A história surge então, como uma ferramenta teórica ao serviço de uma prática que por uma interpretação consegue elucidar e revigorar noções anteriores com impacto num novo desenho actual. O arquitecto é um intérprete da realidade existente, assimila os seus valores, entende as acções passadas em cada espaço desenvolvidas, para então, conjugar um novo Futuro na base dos potenciais reconhecidos.

Se cada lugar tem a sua história, um processo de construção próprio, assim será a interpretação que sobre cada realidade é criada. As possibilidades de desenho Futuro sobre o corpo edificado variam de acordo com a subjectividade da interpretação associada a cada espaço arquitectónico específico. Deste modo, a especificidade de cada espaço torna-se a base de estratégias que compreendem as suas possibilidades, estabelecendo assim, um meio contínuo, evolutivo a partir do existente. O arquitecto é então, responsável pela conexão entre tempos distintos e o seu desenho é contabilizado na criação do lugar alterado e adaptado.

"El arquitecto no es más que el intérprete, brillante o zafio, de dicha ideologia dominante, (…) el discurso fiable, de la verdadera condicion de la arquitectura en el presente o en el pasado, es el discurso de la historia critica, una pratica teórica que, desde la negatividad, asume la unica posibilidad de un discurso interpretativo verdadero."

MORALES, Ignasi de Sola, *práticas teóricas, práticas históricas, práticas arquitectónicas,* em VIDLER, Anthony *Inscripciones,* Barcelona, Gustavo Gili, 2003, pag.261

Segundo a noção apresentada, compreendem-se as acções interventivas no espaço existente a partir de um grau de intervenção, que por uma interpretação se estabelece, mediante o pretexto de um novo uso.



esq.2

Imagem | Uso

"La constante evolución de la arquitectura, producida por la sucesión de culturas diversas, a lo largo del tiempo y justificada en el plano más estrictamente funcional por la adecuación de las edificaciones a nuevas necesidades"

GRONDONA, Javier, *Rehbilitación y vivienda en Sevilla: renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica:1975-1988*, *Sevilla,* C.O.A.A.O., 1989, pag.16

O Parque edificado traduz um conjunto denso de elementos "degradados" pelo uso que o quotidiano actual não os sujeita. Contudo, a sua manutenção é necessária para a sobrevivência destas estruturas, para manterem a imagem que sobre uma determinada implantação actua. Alguns já sofreram estratégias de reintegração, outros estão em processo desses procedimentos e outros parecem esquecidos com as funções que tentam segurar entre as novas possibilidades modernas.

Cada edifício compreendido num uso específico é responsável por uma aparência que caracteriza a sua localização. O problema apresenta-se quando as estruturas se revelam inutilizadas. Independentemente do seu estado actual ou anterior utilização, a sua condição revela-se desajustada da conjectura actual. Nesse sentido, surge o problema da conservação que pela actualização de uma função contribui para a manutenção de uma imagem associada ao edificado.

Segundo J. Grandona e J. C. Babiano em Rehabilitacion y vivenda en sevilla, a conservação de qualquer estrutura arquitectónica deve reflectir a forma como esta será apropriada por uma função, não se fixando unicamente num valor objectual: *"No se produce una valoración histórica de lo existente, se su valor es exclusivamente material"*. Torna-se assim fundamental, compreender a utilidade de cada edifício para lá do valor da sua imagem e encontrar um desenho de um novo estatuto que o integrará nos espaços que participam no quotidiano.

GRONDONA, Javier, *Rehbilitación y vivienda en Sevilla: renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica:1975-1988*, *Sevilla,* C.O.A.A.O., 1989, pag.16

A partir da noção referida consegue-se agora compreender várias intervenções que sobre um lugar já estabelecido resolvem uma nova apropriação que se adapta no espaço, revigorando-o, ao mesmo tempo que é capaz de elucidar para as questões da pré-existência.

Princípios

Tendo em conta o conhecimento histórico, anteriormente referido, relativamente a posturas activas sobre o Património edificado, procura-se a partir da actualidade, reconhecer os princípios base das operações de qualificação do meio existente. Ou seja, identificar estratégias de orientação, com o objectivo de visar o problema, por uma declaração de princípios e intenções.

DIEDRICH, Lisa, *Entre a Tábua Rasa e a Museificação*, em Cardoso, Isabel Lopes, *"Paisagem Património"*, Porto, Dafne (Equações de arquitectura; 65), 2013, pag.87

"Encontrar uma perspectiva que de forma orientada, sustentável e coerente, seja capaz de dar resposta à situação presente em que se encontra grande parte do nosso parque edificado"

O pensamento contemporâneo, consegue dar sentido a várias noções interventivas, declarando, sobre a comunidade, vários pontos de vista de acções sobre o conjunto de edifícios aqui enquadrados. Compreende, por norma, a interacção de uma antiga estrutura que segundo um processo de adequação relativo à função, à dimensão e à linguagem qualifica o espaço. É portanto, estabelecida uma relação íntima, benéfica, como uma simbiose entre o antigo organismo e o novo a apropriar o espaço. É desta forma, pela associação de camadas cronológicas distantes que se desenha uma nova realidade.

esq.3

No capítulo "La intervention sobre la Arquitectura del Pasado" em Rehabilitacion y vivenda en sevilla são resumidos e anotados princípios teóricos enquadrados mediante as diferentes posturas que sobre as acções interventivas são levantadas. Posturas revivalistas, que olham para a reconstrução da cidade histórica como única forma de superar os problemas da civilização pré-industrial, pela procura rigorosa de continuidade com arquitecturas passadas; Posturas que avançam sobre o meio existente consolidado para possibilidades que transgridem, em parte, um limite patrimonial. Ou seja, aceitam em certa medida o meio dado mas conjecturam novas possibilidades formais e funcionais; Posturas contextualistas que pelo conhecimento prévio da história de cada lugar partem para o desenho como forma de o qualificar a partir de uma sensibilização; entre outras posturas que sobre o meio constroem uma ideologia. O capítulo culmina com a introdução de noções generalistas que na opinião dos autores, resumem alguns pressupostos quanto às acções contemporâneas sobre o existente:

"- Reutilización de temáticas asentadas en su amplio uso, tanto a nível tipológico, como al constructivo y linguístico;

- Revalorización de lo tectónico como determinante fundamental de la cualidad del objeto arquitectónico;

- Interés por las tecnologias, buscando com ello incorporar datos de certeza en las elecciones formales, que liberen de lo azaroso y convencional que tiene este âmbito;

- Utilización y aceptación del ornamento solo en tanto sea justificable desde su estricta necesidad construtiva;"

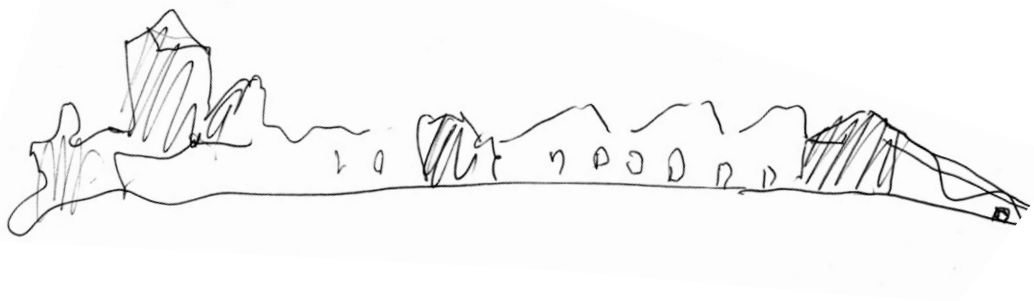
GRONDONA, Javier, *Rehbilitación y vivienda en Sevilla: renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica:1975-1988*, *Sevilla,* C.O.A.A.O., 1989, pag.32

As posições e estratégias apresentadas surgem no sentido de sintetizar uma forma orientada para o projecto de reabilitação. O processo de concepção deve reconhecer não só as qualidades "construtivas e linguísticas" do edificado como também ter em conta o potencial do seu uso num contexto. Assim, entendem-se as fases de desenho, tais como implantação, programa, linguagem e significado, como parte de um processo de reflexão atento que assimila, salvaguarda, altera ou até decompõe a estrutura inicial mediante as fases referidas, que estando intrinsecamente relacionadas, criam uma nova realidade pronta a novas ocupações.

As acções tentam assim, a sensibilização para o desenho interventivo na base de uma postura condicionada ao meio, às intenções de projecto, à criatividade interpretativa e à sustentabilidade da forma em concepção. Assim, pela acção reflectida, as várias conjecturas qualificam e identificam o património que na contemporaneidade é a marca mais relevante para o reconhecimento de uma cultura.

Referencias

A densidade de edificações construídas e a oportunidade de sobre elas operar, por diversas razões, leva a que mais sistematicamente as acções arquitectónicas actuem num sentido da revisão de estruturas consolidadas. Como referência estudam-se vários projectos que se destacam na temática da reconversão, qualificação e adaptação. Foram então, reunidos projectos que tratando o problema do Património industrial, resolvem diferentes posições por novas tipologias a integrar estruturas existentes. A linguagem de cada edifício adaptada conforma uma nova possibilidade por meio de usos e interesses novos, especulativos em torno destas estruturas. Este estudo foi realizado como apoio ao projecto de tese, pelo desenvolvimento do trabalho, não procurando uma total catalogação de projectos que se relacionem à tipologia industrial. O critério de escolha dos projectos apresentados procura enquadrar os projectos como diferentes reflexões sobre usos particulares, posturas e atitudes diferenciadas tendo em conta uma localização e possibilidade a cumprir. Assim, sem a aspiração de estudar os projectos na totalidade procura-se observar os princípios gerais que motivaram as estratégias interventivas dos seguintes sete projectos, em território Português.



img 14: Esquisso | Laboratório da Paisagem

Espaço Robinson, arquitectos Eduardo Souto Moura e Graça Correia, Portalegre

Junto a uma importante área de desenvolvimento da cidade de Portalegre, surgiu, a partir da deslocação da Fábrica de cortiça Robinson, uma área de 60.000 m2, desocupados. Por antigos armazéns, hangares e oficinas o projecto de reabilitação do Antigo espaço Robinson propõe a recuperação de um Património Industrial pela redefinição de funções aos diversos edifícios existentes bem como recuperar a ligação histórica do espaço à cidade.

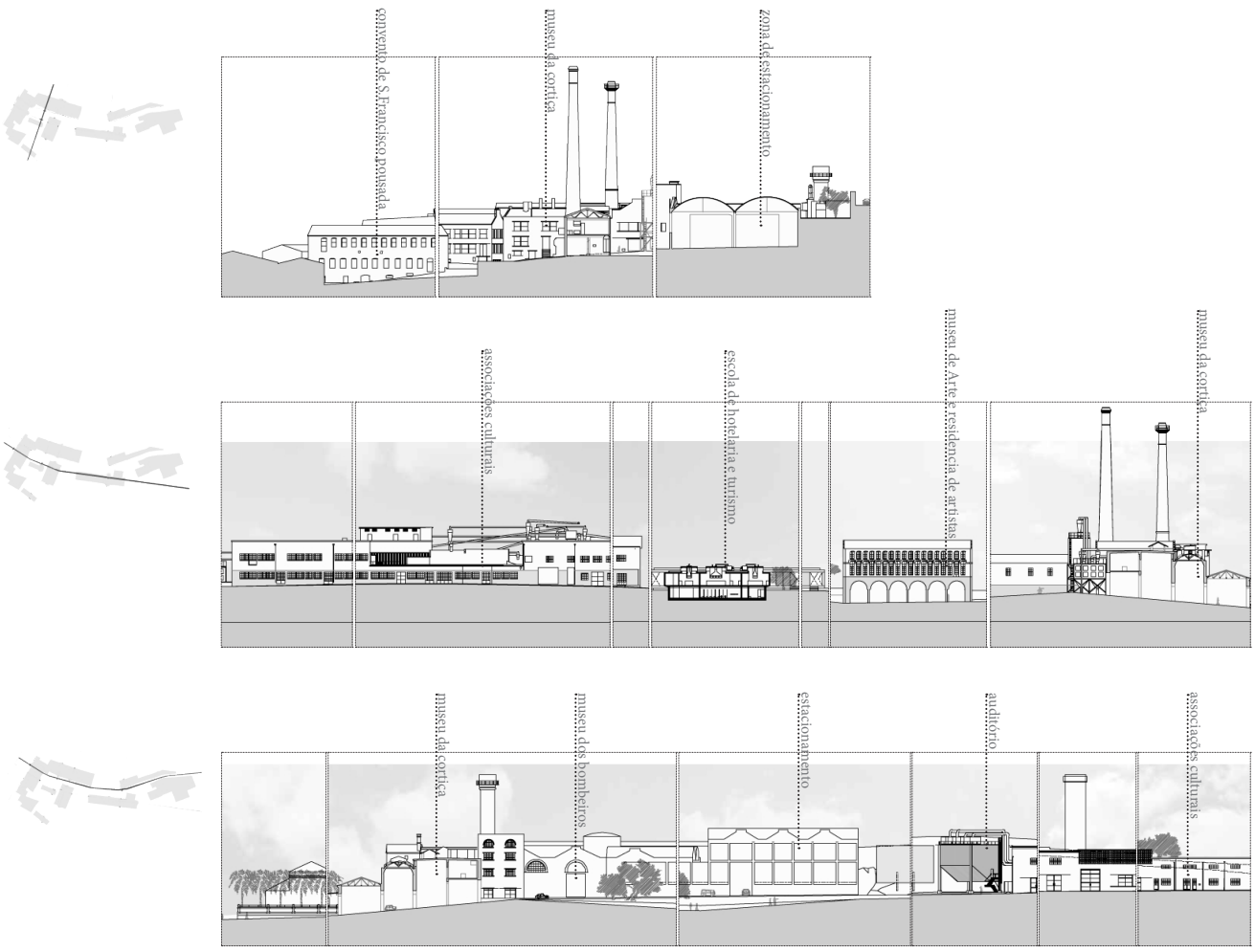
"Entende-se que conservar a memória histórica através do património é alimentar os sinais de identidade de uma cidade que não quer ver anulado o seu papel no panorama do país - mediante a sua adaptação a novos usos, os edifícios 'contentores' do passado configuram novos cenários numa velha cidade que se quer aberta ao futuro."

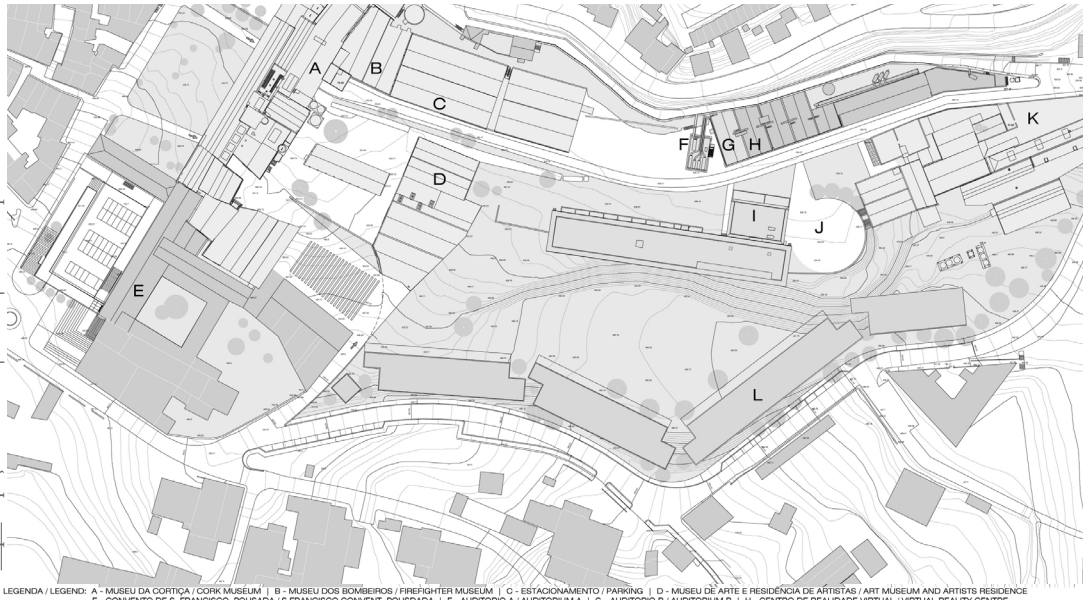
Memória descritiva, cedida pelo gabinete de Arquitectura: Souto Moura - arquitectos

O projecto entende as possibilidades do antigo edifício no sentido de atribuir à cidade novos desígnios a colaborar no desenho Urbano de Portalegre. Assim, o plano define como estratégia a abertura de um novo arruamento por espaços exteriores que promovem a articulação entre a paisagem envolvente, os antigos edifícios da Fábrica e um novo a considerar. O percurso, cruza então, as diversas funções culturais e artísticas (Museu de Cortiça, Museu de Arte, residência de artistas, espaço de Auditório, Centro de realidade Virtual, Associações Culturais e estacionamento) de iniciativa diária sobre os antigos espaços e uma nova escola de Hotelaria e Turismo integrada num novo edifício de linguagem contemporânea, contrastante com a restante.

Sobre o conjunto fragmentado do tecido Urbano, o projecto tenta pela recuperação de uma imagem presente na memória comum, a promoção de uma nova relação entre a cidade Tradicional e a cidade contemporânea pelo rejuvenescimento de um contíguo simbolicamente significativo.

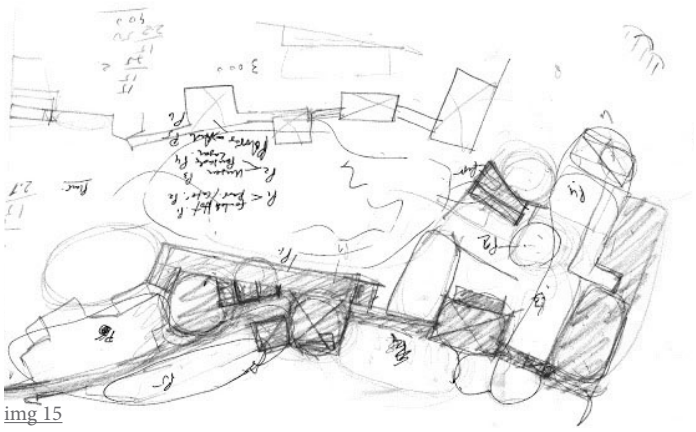
baseado em *Memória descritiva,* cedida pelo gabinete de Arquitectura: Souto Moura - arquitectos



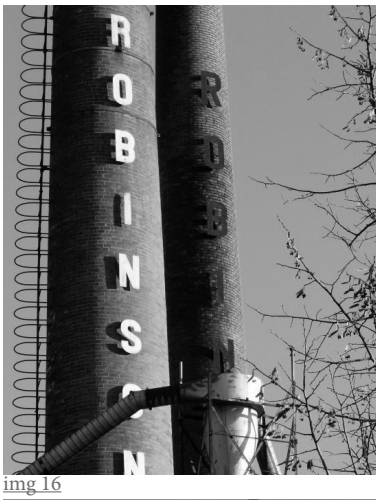


LEGENDA / LEGEND: A - MUSEU DA CORTIÇA / CORK MUSEUM | B - MUSEU DOS BOMBEIROS / FIREFIGHTER MUSEUM | C - ESTACIONAMENTO / PARKING | D - MUSEU DE ARTE E RESIDÊNCIA DE ARTISTAS / ART MUSEUM AND ARTISTS RESIDENCE
E - CONVENTO DE S. FRANCISCO, POUSADA / S.FRANCISCO CONVENT, POUSDADA | F - AUDITORIO A / AUDITORIUM A | G - AUDITORIO B / AUDITORIUM B | H - CENTRO DE REALIDADE VIRTUAL / VIRTUAL REALITY CENTRE
I - ESCOLA DE HOTELARIA E TURISMO / CATERING AND TOURISM SCHOOL | J - PRAÇA DOS ESTUDANTES / STUDENTS SQUARE | K - ASSOCIAÇÕES CULTURAIS / CULTURAL ASSOCIATIONS | L - ÁREA RESIDENCIAL / RESIDENTIAL AREA

esq.4: Espaço Robinson | Planta | Cortes explicativos



img 15



img 16

img 17

img 18

img 19

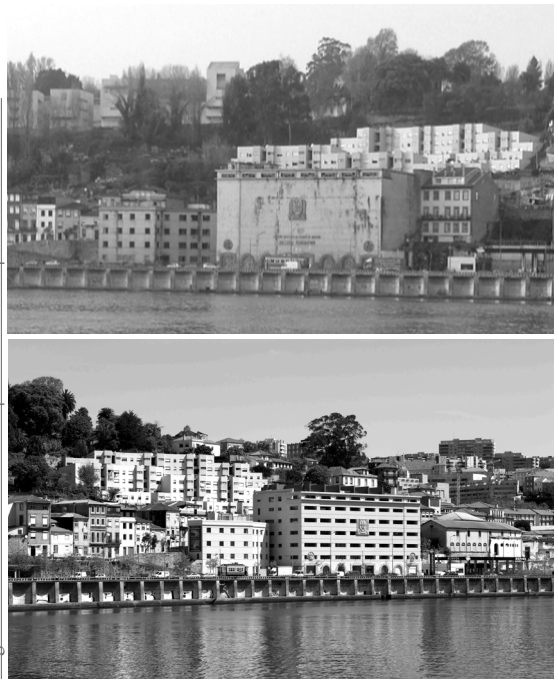
Douro´s Place, arquitecto Carlos Prata, Porto

O projecto de reconversão do antigo edifício na frente fluvial do Porto, denominado por "Armazém Frigorífico", pelo Arquitecto Carlos Prata, procura uma "interpretação valorativa do edifício existente". Tendo em conta um uso inicial, organizado em dois volumes, o antigo armazém frigorífico de bacalhau e restante zona de escritórios foi adaptado a um edifício habitacional de várias tipologias constituindo ao nível do rés-do-chão uma zona de comércio.

Por um volume compacto, sobre si encerrado, introduziram-se vãos numa nova relação com o exterior por meio de espaços de varanda. Desta forma, sem a introdução de caixilharia sobre a existente fachada cega, consegue-se diluir ao mínimo a interferência de um novo programa a instalar. Consegue-se assim, garantir um gesto não impositivo sobre a conjectura inicial ao mesmo tempo que possibilita a abertura do volume à paisagem urbana envolvente.

Por sua vez, a nova organização interna apropria-se da métrica estrutural para ganhar forma na subdivisão do espaço interno, agora constituído por fogos de diferentes áreas e tipologias. A intervenção é em suma, uma reflexão das possibilidades a que um corpo de características industriais, mediante uma localização, pode sofrer pela reciclagem do espaço e forma ao mesmo tempo que salvaguarda uma lógica inicial volumétrica e estrutural.

baseado em *Memória descritiva,* cedida pelo gabinete de Arquitectura: Carlos Prata, Gabinete de Arquitectura e serviços



img 20 e 21: o edifício existente | obra concluída | vista do rio Douro

img 22 e 23: o edifício existente | obra concluída | vista da marchinal fluvial

Silos, intervenções anónimas, Caldas da Rainha

Desactivados desde 2003, os Silos de Ceres, nas Caldas da Rainha, denotam os anos de abandono pelos quais o edifício se degradou mas por outro lado desenvolveu interesses especulativos mediante o seu potencial. Tendo já sido alvo de vários projectos para a sua recuperação, como um hotel, ou até mesmo habitação, o edifício é agora ocupado por artistas e designers que encontraram na antiga estrutura a oportunidade de estabelecerem espaços de trabalho. Organizado por módulos de treze metros quadrados, de aluguer de baixo custo, criou-se no edifício um centro artístico e de troca de experiencias usado principalmente por jovens empresas que procuram ainda estabelecer-se nas áreas que representam.
Além dos ateliers individuais o edifício integra ainda espaços comuns, de cozinha e zonas de estar bem como amplas áreas de exposições onde cada inquilino se compromete a organizar uma apresentação uma vez ao ano.

A organização e gestão do projecto, parte dos primeiros ocupantes do edificio, antigos alunos da Escola Superior de Arte e Design, ESAD, que encontraram neste bloco um espaço descomprometido e livre às ocupações que pretendiam. Desta forma, o espaço acusa ainda os traços do seu abandono mas justifica-se pela carácter despojado que confere ao espaço.

baseado em *http://www.regiaodeleiria.pt/blog/2010/08/16/antigos-silos-nas-caldas-da-rainha-transformados-em-viveiro-de-criatividade-para-artistas/* online a 07/05/2014

img 24 e 25: os Silos | Caldas da Rainha | vista interior da utilização do espaço

img 26: os Silos

Bolsa do Pescado, arquitecto José Carlos Cruz, Porto

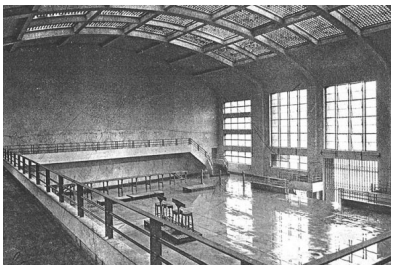
O Antigo edifício da "Bolsa do Pescado", do arquitecto Januário Godinho, localizado na frente ribeirinha do rio Douro, será convertido num hotel que pela localização privilegiada procurará recuperar a relação privilegiada do edifício com o rio.
Construído entre os anos de 1933 e 1935 o projecto interventivo tem agora como base a recuperação das características originais, entretanto degradas, da arquitectura modernista.

Assim, pelos antigos espaços de mercado serão localizados os novos espaços, de apoio ao serviço hoteleiro, sendo que apenas a zona do antigo frigorífico será demolida e totalmente redesenhada para instalar a maioria dos quartos. O desenho da fachada principal será mantido, por uma recuperação do foro construtivo, de acordo com a sua conformação inicial. O projecto de arquitectura procura aliar à imagem de um passado Industrial um novo uso, viável, à manutenção e reabilitação de um espaço degradado por um uso que lhe foi abandonado.

baseado em
http://www.josecarloscruz.com/pt/equipamentos
online a 07/05/2014

Actualmente em processo de recuperação espera-se a conclusão dos trabalhos para Outubro de 2014.

img 27 e 28: o edifício existente | obra em progresso



img 29, 30 e 31: espaço de mercado inicial | após degradação (estado actual) | Visualização

LX FACTORY, arquitectos João Alves e Ana Pinto, Lisboa

"*Uma fracção de cidade que durante anos permaneceu escondida é agora devolvida à cidade na forma da LXFACTORY. Uma ilha criativa ocupada por empresas e profissionais da indústria também tem sido cenário de um diverso leque de acontecimentos nas áreas da moda, publicidade, comunicação, multimédia, arte, arquitectura, música, etc. gerando uma dinâmica que tem atraído inúmeros visitantes a re-descobrir esta zona de Alcântara.* "

http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/ online a 07/05/2014

Na zona de Alcantara, em antigos edifícios de cariz industrial onde anteriormente funcionou a Companhia Industrial de Portugal e colónia, a Fiacção e Tecidos Lisbonense e mais recentemente a Gráfica Mirandela, estão agora sediadas empresas de carácter criativo que pela indeterminação do avanço dos planos para a zona de Alcântara alugam espaços para as suas actividades. A apropriação do edifício decorre de um carácter temporário que os inquilinos partilham, dependente do desenvolvimento dos projectos para a zona. Assim, mantendo a sua essência original, fabril, mas acrescentando alguns apontamentos de desenho mais apurado, a intervenção deu origem a interessantes reutilizações de diversos aspectos construtivos das Fábricas existentes.

Os traços de identidade são então mantidos pela recuperação de um Património especifico na introdução de valores contemporâneos associados ao quotidiano que naquele espaço se desenvolve actualmente. Aos espaços comuns procurou-se encontrar um sentido unitário sendo que os espaços privados são à responsabilidade e liberdade de cada inquilino.

A ocupação destes espaços enquadra funções que desde o design, à publicidade, à Arquitectura, ao cinema, a espaços de "showrooms", potencializa o encontro de diversas dinâmicas onde cada empresa pode encontrar soluções pela partilha de conhecimento.

baseado em *http://www.lxfactory.com/ficheiros/noticias/cidadescriativas.pdf,* online a 07/05/2014

img 32 e 33: Lx-Factory | vistas do complexo

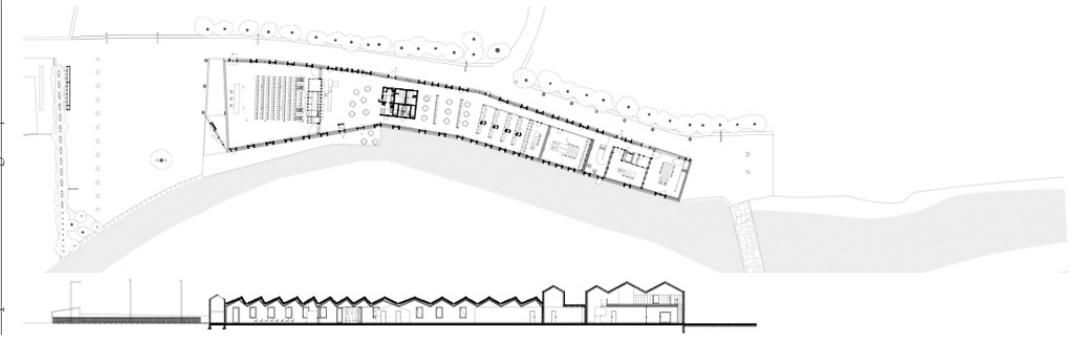
Laboratório da Paisagem, arquitectos Fátima Fernandes e Michele Cannatà, Guimarães

Fazendo o registo de uma ponte Romana bem como a de uma pré-existencia relativa ao apogeu industrial, a antiga Fábrica de pedra foi em 2012 adaptada a um novo uso público, de sensibilização paisagística pelos arquitectos Fátima Fernandes e Michele Cannatà.

Mantendo a forma de uma tipologia industrial, a proposta de intervenção procura clarificar os distintos tempos de intervenção para não criar ambiguidades na leitura da história do espaço. A continuidade entre as peças é garantida pela relação do novo com a métrica volumétrica existente tendo em conta que os volumes existentes foram recuperados e limpos em contraste com os novos volumes executados em betão branco. Pela localização, situado junto ao canal da Ribeira de Selho, o Laboratório da Paisagem confere ao território envolvente um novo valor sobre a paisagem estabelecida.

baseado em **CAMPOS**, Nuno, *Guia de arquitectura : espaços e edifícios reabilitados,* Porto, Traço alternativo, 2012, pag. 33

esq. 5: Lab. da Paisagem | Planta e Corte



img. 34

img. 35

img. 36

Antiga Fábrica dos Leões, arquitectos Inês Lobo e Ventura Trindade, Évora

Construída em 1916, a antiga Sociedade de Moagem transformou-se, na década de 70, pelo esforço do desenvolvimento industrial, na Fábrica de massas Leões. Recentemente em 2009, o edifício sofreu remodelações para hoje abrigar espaços de ensino de Artes Visuais e Arquitectura. O desenho dos arquitectos estabeleceu-se no sentido de decompor historicamente o legado encontrado, reconhecendo camadas de diferentes épocas, para desta forma, limpar as construções anexas e as formas provisórias. Assim, os edifícios e espaços associados tornaram-se claros na sua espacialidade reconhecendo e valorizando a forma inicial fabril.

Os espaços de ensino resultem da versatilidade e dimensão que o corpo inicial permite, por uma relação com a paisagem envolvente. Foi ainda acrescentado um novo corpo, baixo e em contraste com a escala do restante edificado, para oficinas e cafetaria de apoio aos restantes espaços.

baseado em
CAMPOS, Nuno, *Guia de arquitectura : espaços e edifícios reabilitados,* Porto, Traço alternativo, 2012, pag. 74

img. 37. vista interior das salas

img. 38

img. 39

img. 40

img. 41

A unidade fabril reavaliada

Livro branco da arquitectura e do ambiente urbano em Portugal, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1995, pag.38

"No que toca ao desenvolvimento das cidades, as escolhas não podem continuar fixadas na contínua expansão das áreas ocupadas e no abandono das estruturas e infra-estruturas existentes em nome de uma miragem de crescimento que não tem qualquer justificação."

A fábrica é uma memória recente na paisagem contemporânea. Fruto da história das ultimas décadas, foi objecto de um processo que se reflectiu na degradação da sua imagem. O estado destas edificações tem directamente que ver com as actividades que lhe estavam associadas que, pela extinção das suas funções laborais, compromete o lugar Arquitectónico.

O programa Industrial é salvaguardado pela especificidade das funções que abriga. Assim, muitas destas "moradas" modernas, erguidas até aos finais dos anos 80, estão hoje desactivadas. A estratégia de manutenção destes edifícios deve tentar um uso específico sobre uma componente sustentável pela qual, um "rendimento" procura ser extraído para uma subsistência relacionada também o estado da arquitectura. Actualmente, o desequilíbrio de produtividade económica espelha problemas na manutenção deste edificado que hoje, esgotado das suas funções, celebra um tipo específico de ruína.

Particularizada pela função que representa, abrangente nos espaços que desenha, a Fábrica constitui hoje, um sector fundamental inserido nas tipologias arquitectónicas e no panorama económico como uma conjectura a considerar com consequências sociais e territoriais muito claras. Na forte relação que estabelece com o programa que suporta, o edifício industrial está em risco no momento em que a condição produtiva é afectada. As suas estruturas sofrem hoje processos de abandono ou até mesmo de demolição criando enormes problemas na paisagem contemporânea, mas estabelecendo também novas possibilidades com o objectivo da reabilitação destes edifícios devolutos. A arquitectura procura assimilar este material pelas possibilidades à adaptação a partir de um uso primitivo. Procura-se hoje encontrar princípios que guiem e actuem sobre estes complexos no sentido de reinventar uma história sobre novas condições.

Tendo em conta a mudança do paradigma da conservação para o da transformação e reivindicando novas abordagens sobre a disciplina de projecto propõe-se que o Património participe activamente nas estratégias de transformação cultural, na promoção de projectos arquitectónicos que contemplam o projecto do edifício fabril. Sobre o pretexto do projecto,

as unidades fabris devem ser reavaliadas na promoção de actividades económicas, culturais, educativas ou de lazer, como espaços de socialização associados à sua localização, por uma óptica de renovação.

O projecto de tese reflecte sobre os factores que constroem a paisagem envolvente, públicos e privados, articulando o sentido de permanência e de mutação na constituição de uma estratégia arquitectónica, sob fundações empresariais. A intervenção surge inscrita com referência às formas existentes e ao contexto pela avaliação das possíveis adaptações ao meio encontrado. A proposta sintetiza não só um novo uso para o edifício fabril, como também tenta a promoção de uma conotação simbólica, um sentido de pertença à paisagem construída.

"Urge intervir, rasgar vazios na mole edificada, renovar Património e criar outro, diversificar os seus usos."

LIMA, António João **VELOSO**, Luísa, *Made in Ave, À procura de uma identidade num território difuso, Arquitectura em Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave,* Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008, pag. 79

img. 42

3.1 A expansão da cidade

Do centro às periferias do Porto

3.2 São Martinho do Campo

De freguesia a vila do concelho de Santo Tirso

3.3 A quinta

Enquadramento, produção, possibilidades

3.4 A adega

O Património Existente

Elementos obtidos

img.43: São Martinho do Campo | Topografia

3. A Geografia específica

3.1 A expansão da Cidade

Do Centro às periferias do Porto

GRANDE, Nuno, *O verdadeiro mapa do universo: uma leitura diacrónica da cidade portuguesa,* Coimbra, Ed. Darq, 2002, pag.13

A **cidade**, as suas dinâmicas, limites e dimensões voltam *"hoje ao centro das discussões políticas"*. De acordo com o território Português, os modelos representativos das cidades tornaram-se desadaptados e incapazes de reconhecer a condição contemporânea das identidades locais e individuais de cada centro metropolitano.

As cidades são determinadas por uma pré-estrutura, no caso do Porto, tal como da Capital, as vias de comunicação apresentam-se hoje como esse sistema arterial, onde as comunicações e movimentos se tornaram mais rápidas e fluidas gerando uma constante mobilidade entre centro e periferia. Um movimento diário, entre a habitação, o trabalho e o lazer.

O Porto, na sua **dimensão histórica** manifesta, como outros núcleos Urbanos, uma condição efémera na forma como se estabelece. A história é um instrumento que nos ajuda a entender a evolução morfológica Urbana pela expansão, abrandamentos, contracções e outras condições que por determinados factores participam no desenho das cidades. Na formação da maioria das cidades Europeias, é possível considerar as muralhas como a primeira grande estrutura Urbana, que equaciona o limite e uma identidade paisagísta, pela marcação de um perímetro tal como argumenta Alfredo de Matos Ferreira relativamente ao caso Português: *"A organização do espaço Português patenteia, com uma evidência gráfica, a permanência das estruturas medievais na forma dos aglomerados"*. Mais tarde, na Renascença, como referido, as cidades avançam para lá das muralhas, por meios de espaços Públicos de investimento estatal na nova conformação das cidades. O Barroco introduz a noção do objecto, do edifício monumento isolado que trabalha numa lógica individual para a caracterização de um espaço. Por sua vez o século XIX admite um nível "extra-urbano" na concepção do espaço, essencialmente associado aos problemas de circulação. Ou seja, a rede de estruturas viárias passa a ser equacionada pelo meio da nova disciplina de Urbanística.

FERREIRA, Alfredo Durão de Matos, *Aspectos da organização do espaço português*, Porto, Faup Publicações, 1995, pag.20

Desta forma, até aos dias de hoje a expressão dos planos de Urbanística passam a ser o grande **agente da definição das cidades** como a principal obra Pública. As cidades Portuguesas, tal como o grande Porto, são fenómeno desta evolução e consciência Urbanística. Como consequência da ramificação dos acessos pelo território Português, os núcleos Urbanos transformaram-se num território sem forma, que introduziu traços de Urbanidade

a todos os lugares. O Porto partiu do símbolo amuralhado como lugar identitário, para uma concepção Urbana que rompe e "mumifica" o seu centro tradicional pelas estruturas viárias que unem a cidade a outras como Braga, Guimarães, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia. Nestes "entretantos" campestres constituíram-se, junto às ligações, lugares periféricos sobre o espaço rural envolvente. O modelo compacto partiu para o disperso como identidade da Urbanidade contemporânea da zona do grande Porto.

Do ponto de vista económico, a conexão do centro do Porto às Periferias permitiu a implantação de subúrbios habitacionais onde os habitantes se empregaram em sectores Industriais estabelecidos na rede, por mão de investimento privado sobre apoio estatal, em zonas de Jurisdição relativas ao centro Urbano. Os habitantes destas áreas são também os trabalhadores destas Industrias como também das zonas agrículas adjaventes em locais como Trofa, Famalicão, Vila Nova de Gaia, Gondomar, Oliveira do Douro, até Santo Tirso (limite da zona de Jurisdição), entre outras áreas suburbanas.

As grandes Industrias do Porto espalharam-se pelo território envolvente, foram em parte incentivadas pelos sectores Públicos centrais que criaram novas infra-estruturas de acesso ao Norte e Interior do País. A **área metropolitana do Porto** tornou-se num aglomerado Urbano determinado pela forte presença do sector Industrial de confecção de vestuário e têxtil (tinturaria, tecelagem), metalurgia, ourivesaria e calçado e pela produção de bens de consumo competitivos na zona Norte. A cidade ganhou portanto novos contornos em virtude das próprias necessidades da indústria. Por sua vez, *"Os centros tornaram-se cada vez mais prestadores de serviços, cidades terciárias, redes de decisões políticas e económicas."* O núcleo Urbano central passa assim a regular as actividades destes sectores espalhados por uma rede fluida no território. De certa forma, este processo de Industrialização não constitui em Portugal a cidade Industrial inserida no centro Urbano, mas representou ao invés, um avanço descontrolado sobre o meio rural onde se banalizaram importantes valores naturais agora profundamente alterados pela presença humana.

WILHEIM, Jorge, *Urbanismo no subdesenvolvimento,* São Paulo, Editora Saga, 1969, pag.24

Após este processo Industrial estar consolidado e edificado, tem-se vindo a assistir na última década ao desmoronamento deste sector. Com a entrada da moeda única pelas convenções Europeias, aumentou a competitividade internacional, os mercados financeiros entraram em permanente instabilidade, e o apoio ao investimento por fundos comunitários tratou de sectores não transaccionáveis da nossa economia em construções de cariz público como auto - estradas, redes de energia e de telecomunicações, entre outras. Desta forma,

foram retirados recursos para o apoio do sector Industrial, que mediante os novos mercados mais competitivos não aumentou os níveis de produtividade. Assim, nesta nova condição empresarial, o apoio público foi substituído pelo privado, ou pelo simples desmantelamento desta rede económica diluída na rede rodoviária em torno da cidade, com graves consequências sociais relativas à empregabilidade.

No desenho Urbano e nas suas aproximações às condições humanas não é significativo abordar apenas as questões de escala e proporção dos espaços e das circulações. Deve também contemplar e promover consciências sociais e económicas de cada lugar. A disciplina de Urbanística não deve estar desassociada dos aspectos económicos, deve por sua vez, reconhecer estratégias de desenvolvimento de zonas periféricas associadas aos diversos sectores de cada região.

A situação actual financeira levou à **obsolescência** de um enorme sector participativo de dinâmicas estabelecidas no território. Assim, determinou-se o abandono de enormes complexos Industriais que consolidavam os parques Industriais e comerciais ao longo dos eixos interurbanos do núcleo Urbano central, interior e litoral. A desintegração destes espaços é então resultado do fracasso económico e de políticas Urbanas simplesmente apoiadas na rede pública de estradas que transformaram o território num **"difuso" somatório de simples acções privadas** sobre os eixos.

baseado em, **LIMA**, António João **VELOSO**, Luísa, *Made in Ave, À procura de uma identidade num território difuso, Arquitectura em Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave,* Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008, pag. 73-79

Estas edificações passam agora, a pertencer ao campo da especulação imobiliária, que desta vez apoiada no sector privado, deve investir sobre novas formas de produção e crescimento económico. O futuro desta rede periférica é indeterminado, são vários os complexos de enorme dimensão desocupados, sem função atribuída, à espera que algo sobre a sua prévia construção possa ser viável evoluir. É caso desta indeterminação lugares como Santo Tirso, por toda a extensão do Vale do Ave e zonas afluentes com jurisdição ao grande Porto.

Nesta nova composição importa considerar não só as alterações sobre as dinâmicas do parque edificado mas também as **questões sociais** que envolvem a desocupação demográfica nestas zonas esquecidas e cada vez mais desvalorizadas.

3.2 São Martinho do Campo

De Freguesia para vila do concelho de Santo Tirso

Associada à grande área Metropolitana do Porto e sua **área de Jurisdição**, a vila de São Martinho do Campo situa-se a 40 km, 35 minutos de distância do centro do Porto.

Pertencente ao Concelho de **Santo Tirso**, entre as freguesias de Negrelos, S. Salvador e Virães de Baixo, São Martinho do Campo tem uma população de 3500 habitantes em 3,44 km2 de área. Como limites cardiais, a Norte o rio Vizela, a Este a encosta do monte de Negrelos, a Oeste uma pequena elevação no limiar de São Martinho e a Sul a extensão do vale entre encostas pela constelação de vilas, freguesias, aldeias do Concelho. O **limite** destas restantes localidades decide-se pelas placas rodoviárias segundo um eixo contínuo que as amarra sobre o qual não são visíveis diferenças significativas entre as formas, funções ou linguagens implantadas sobre o território constante.

img. 44: Chegada a Saõ Martinho do Campo

esq. 6: Porto centro e districto na relação com Santo Tirso | localização

Do Porto a São Martinho observa-se parte do **Território Periférico**, da grande área Metropolitana do Porto a Norte do centro Urbano. Entre vazios e ocorrências construídas, sente-se a diluição da cidade pela rede de conexão a Guimarães e outros pontos a Norte. Por Rio Tinto, Valongo, Santo Tirso e outras localidades fixa-se o conjunto de lugares, espaços, vilas que formam um sistema periférico, pouco denso, extenso e difundido de acordo com a geografia morfológica do território e pelo romper das "vias rápidas". Sobre a região de São Martinho, entende-se desde a sinalética à chegada, uma marca da Arquitectura que outrora prosperou neste lugar.

O estudo da condição actual da **Paisagem de São Martinho** deve compreender uma análise de ordem não só arquitectónica mas também social, económica e cultural. Entender as questões levantadas pela Paisagem deve também pressupor uma oportunidade pelas potencialidades viáveis a considerar sobre um Património.

A partir dos anos 60 pelo investimento público nas redes de acesso do Porto ao Norte do País, São Martinho do Campo construiu uma enorme **cultura industrial e agrícola** nomeadamente na indústria têxtil, de confecção, tecelagem, fiação e produção vinícola. O crescimento económico prosperou nas seguintes décadas de 70, 80 até meados da década de 90.

Um dos temas relevantes para abordar este Território são as **transições e contrastes**. Por investimentos privados e Políticas Urbanas públicas constituiu-se um território que entre pequenos e grandes contrastes transita entre funções, estéticas e morfologias. A transição parte da saída da via - rápida para uma estradas de imediato cariz rural, de outra extensão e velocidade entre o parcelamento da agricultura, da habitação e da indústria. A transição entre espaços resulta na leitura de um loteamento que como unidade mínima e individualizada constitui a expressão máxima de um entender privado sobre o território:" *Um caminho entre muros, um pequeno vazio deixado entre duas parcelas agrícolas. Um quintal.",* entre moradias sobre a estrada, pequenas unidades agrárias familiares, e indústrias. Assim, por um desenvolvimento individual, os proprietários e as suas necessidades espontâneas determinaram sobre o Território uma estética individualizada em que o **arbítrio pessoal** é o "arquitecto" desta Urbanidade.

CAMPOS, João de Castro Torres, **RICARDO**, David Fonseca, **PALMA**, Helena Rolão, **GOUVEIA**, Margarida Ramos, **CAMPOS**, Tiago Torres, **MÚRIAS,** Tomás, *Ave, uma Ruptura para uma nova identidade*, Arquitectura em Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave, Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008, pag.89

img.45

img.46

baseado em, **LIMA**, António João **VELOSO**, Luísa, *Made in Ave, À procura de uma identidade num território difuso, Arquitectura em Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave,* Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008, pag.73-79

Mediante esta construção, encontra-se um Património arquitectónico em que **coexistem** edifícios de diferentes épocas, centenários e actuais, por utilidades desde a habitação ao apoio agrícola (equipamentos pré-industriais), à indústria, com pouca relevância para estruturas de serviços. Estas configurações transitam sem um ordenamento qualificativo do território por fábricas, casas e seus espaços contíguos.

O **contraste** é então, um efeito da multiplicidade de construções de diferente cariz. É a expressão de um Território agrupado sobre uma pequena comunidade estabelecida em associação às expansões Urbanas sobre um meio que tenta a sua auto-suficiência. Dentro de uma colectividade, encontra-se assim, uma **transversalidade entre escalas** que introduzem por sua vez arquitecturas sobre si encerradas na sua própria razão comercial ou de abrigo.

Sustentabilidade define-se como: *"o desenvolvimento que dê respostas às necessidades do presente, sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras darem resposta ás delas",* PINHEIRO, Manuel Duarte, *Ambiente e construção sustentável.* Lisboa:Instituto do ambiente, 2006. pag.28 →

Após a década de 90 e mediante uma certa gestão de fundos comunitários Europeus atribuídos na década de 80, a auto-suficiência desta localidade perde impacto e força nos mercados. A não reflexão sobre um trabalho prévio de ordem estratégica, crucial para a sustentabilidade da região ao nível económico resultou no esgotamento da competitividade destas Indústrias no novo mercado Europeu.

img.47

img.48

Reconhece-se hoje este território como um problema a considerar nas dinâmicas sociais de empregabilidade e sustentabilidade financeira. Pelas décadas de crescimento estabeleceu-se por princípio uma *"classe operária emergente dos traços rurais"* em conjunto com uma "*classe de raiz familiar*" que criou um "*conhecimento aplicado à Industria*" empreendedora. Hoje, sobre o modelo Urbano gerado surgem dificuldades nas dinâmicas sociais e económicas mais complicadas de deter mediante a carência organizacional do espaço construído. É um território preocupante, onde os acontecimentos construídos levantam algum desalento sobre a classe social que habita e a que administrou esta cadência.

LIMA, António João **VELOSO**, Luísa, *Made in Ave, À procura de uma identidade num território difuso, Arquitectura em Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave,* Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008, pag. 78 ←

Os enormes complexos Industriais, outrora, responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento económico da região, são parte determinante na leitura do lugar de São Martinho do Campo. Constituem uma marca **inquietante,** parametrizada por auto-estradas, vias de acesso às Industrias emergidas de um ambiente rural, agrícola na sua essência, que veio suportar a implantação destes complexos, agora obsoletos. Os esquemas seguintes tentam localizar estas estruturas dentro de um contexto associado à região.

Lordelo
Atainde
Carvalheiras
Agrelo de Baixo
Agrelo de Cima
Soutelo
Aldeia Nova
Costa

esq. 7: identificação das principais Freguesias e Vilas em redor de São Martinho do Campo

Indice de lugares

1. Limite da Quinta, objecto do projecto;

2. Anterior edifício da Industria de confecções têxtil, "Supercorte", fundada em 1961, agora sediada em Paços de Ferreira. O edifício em São Martinho da Campo foi deixado desde 2011;

3. Actual sede da empresa Felpinter na recuperação das antigas instalações da empresa Sofil;

4. Antiga sede da Real Recta Lda, empresa de prestação de serviços de transportes nacionais e internacionais de mecânica geral, chaparia, pintura, entre outros. Com o encerramento da empresa o edifício encontra-se abandonado, inutilizado;

5. Antiga Sofil corpo Sul – Sociedade de fiação de Vizela, empresa de confecção têxtil;

6. Antiga Sofil – Sociedade de fiação de Vizela, depois do abandono e esgotamento da empresa o edifício a Norte, de dimensões consideráveis junto às vias de acesso, está agora obsoleto;

7. Pinheiro da Rocha, indústria têxtil, recentemente encerrada;

8. Somani, , indústria têxtil, em actividade;

9. Flor do Campo, encerrada em 2009, por um processo de insolvência que foi acompanhado por vários meios de comunicação pela enorme perda para os 400 trabalhadores da empresa têxtil;

10. Estação de comboio, Lordelo;

11. Zona comercial;

12. Kimono, empresa de decoração de interiores em actividade;

13. Realcalça, empresa de confeções, em actividade;

14. 15. Zona comercial;

16. Estufas de Apoio às explorações agrárias;

17. Zona Comercial já pertencente à freguesia de Roriz;

esq. 8: identificação de elementos determinantes na Paisagem Construída

Os elementos mais determinantes na qualificação da imagem actual de São Martinho são portanto, os complexos industriais recentemente abandonados. No sentido da dissertação este reconhecimento é fundamental para a criação de uma relação programática e consequentemente espacial com a Adega, objecto de projecto, e também, pela localização próxima destas estruturas. Assim, na imagem 51 está registada a antiga fábrica da "Supercorte", agregada ao limite Oeste da quinta, na imagem 49 e 50 a antiga "Real Recta", na proximidade com a entrada Norte da Quinta, na imagem 52 a antiga industria têxtil "Sofil", e na imagem 55 a encerrada empresa "Pinheiro da Rocha" ambas localizadas no acesso às artérias de comunicação de São Martinho com o Porto e restante Território.

img. 49

img. 50

img. 51

img. 52

img. 53

img. 54

img. 55

3.3 A quinta

Enquadramento, produção, possibilidades

No âmbito da dissertação o reconhecimento histórico da propriedade privada e familiar da quinta na qual o objecto de projecto se insere, determina-se fundamental para reflectir sobre futuras possibilidades estratégicas para um espaço já realizado. Entender os fenómenos de produção, os seus valores e espaços associados dentro de um limite cultivado leva a responder à **sustentabilidade** futura do projecto de tese que tenta compreender não só um espaço desenhado como também uma rede de hipóteses comerciais fundamentais para o estabelecimento de uma nova arquitectura.

No interior de uma envolvente industrial, habitacional e agrária, a quinta, de propriedade familiar, dedica-se à produção vinícola desde o século XVIII. Ao longo dos anos, a propriedade, a princípio mais reduzida, foi-se expandido, por investimento próprio até à forma que hoje admite.

img.56: Entrada principal da Quinta, Norte

img. 57: a "casa"

img. 58: vista interior da quinta, barragem e vinhas

img. 59: a capela junta aos espaços de apoio ao trabalho agrícula

img 60: zona da piscina e jardim na relação com a vinha

img 61: vista interior da quinta, a vinha e a envolvente habitacional

img 62: a adega a Sul

img 63: a barragem e a vinha no limite Sul

img 64: escoamento da água da barragem

De domínio familiar, a produção da herdade apoia-se fundamentalmente no **vinho** pelos seus 23 hectares de vinha dentro de 32 hectares totais. Dentro dos seus limites constitui-se um terreno agrário marcado pelas filas de videiras, paralelas entre si, pelos diferentes socalcos e patamares onde a **matéria-prima** está portanto, na base organizativa da parcela total. A manutenção dos hectares de vinha é feita pelo aproveitamento de águas de uma pequena barragem no limite Sul da propriedade, que partiu do proveito de um riacho que cruza a quinta de Sul a Norte.

Do ponto de vista do edificado, até à década de 80 a quinta tinha na sua constituição a casa, a capela, uma adega e outros espaços de pequenas dimensões de apoio aos trabalhos vinícolas e agrários. Este grupo de edifícios está concentrado junto à entrada Norte, cota alta do terreno, libertando o restante território a Sul. O solar, constituído pela casa e capela de traça senhorial, compreendem o espaço da habitação e de lazer da família proprietária e gestora da produção vinícola.. Deste conjunto, a partir do portão principal são lançados os acessos, caminhos e percursos de terra batida e calcetada, internos da propriedade pelos hectares de vinha. A Sul do perimetro, encontra-se desde a década de 80 a Adega, responsável, desde aí, por toda a produção de vinho, licores e água-ardente.

A produção de vinho teve nos anos 80 e 90 o seu mais alto desempenho na quantidade produzida e portanto, comercializada. Por uma produção total de 300 pipas e tendo em conta que cada pipa suporta 500 litros, o valor total de vinho produzido era de 150 000 litros por 200 000 garrafas de 0,75 litros. A exportação era nesta época feita para os Estados Unidos e Norte da Europa além da comercialização nacional. Fundamentalmente de vinho branco (Castas do Minho e Águia do Minho) e 40 pipas de tinto. Do vinho tinto era ainda produzido um vinho Rosé (Rosé do Minho).

Hoje em dia, a produção de vinho é menor e destina-se ao consumo próprio e a um sector comercial mais reduzido e próximo. Por sua vez, a uva passou a ser vendida a empresas vinícolas de grande produção. Assim, o proveito da matéria-prima produzida passou a ser dividido por duas entidades: a proprietária, que cultiva e trata o fruto e uma segunda, privada, que trabalha a matéria-prima para a produção de grandes quantidades de vinho. O projecto de tese parte da oportunidade do controlo e comercialização total da quantidade de uva criada pela família proprietária da quinta. De forma a ter um produto sempre associado a uma zona de cultivo especifica.

Esquema 4: identificação do limite da Quinta

•Núcleo da Casa, Capela, Piscina, Jardins, Estufas e Edifício de apoio ao trabalho agrícola junto à entrada Norte;

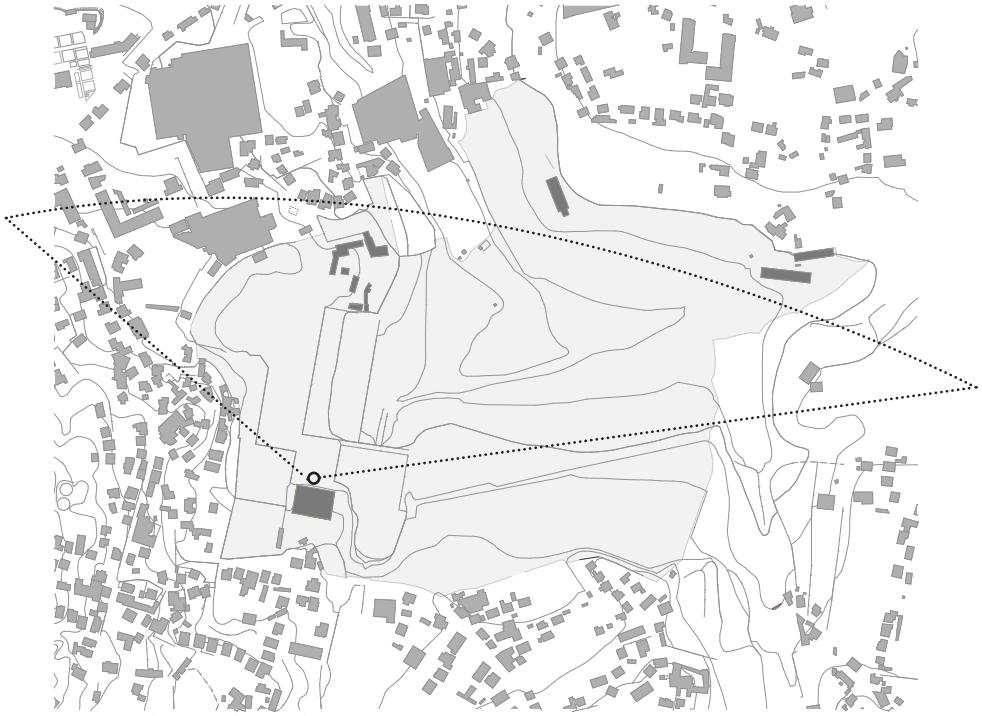
•Local de residência e lazer da família proprietária;

•Edifício de apoio ao trabalho agrícola para arrecadação de utensílios necessários;

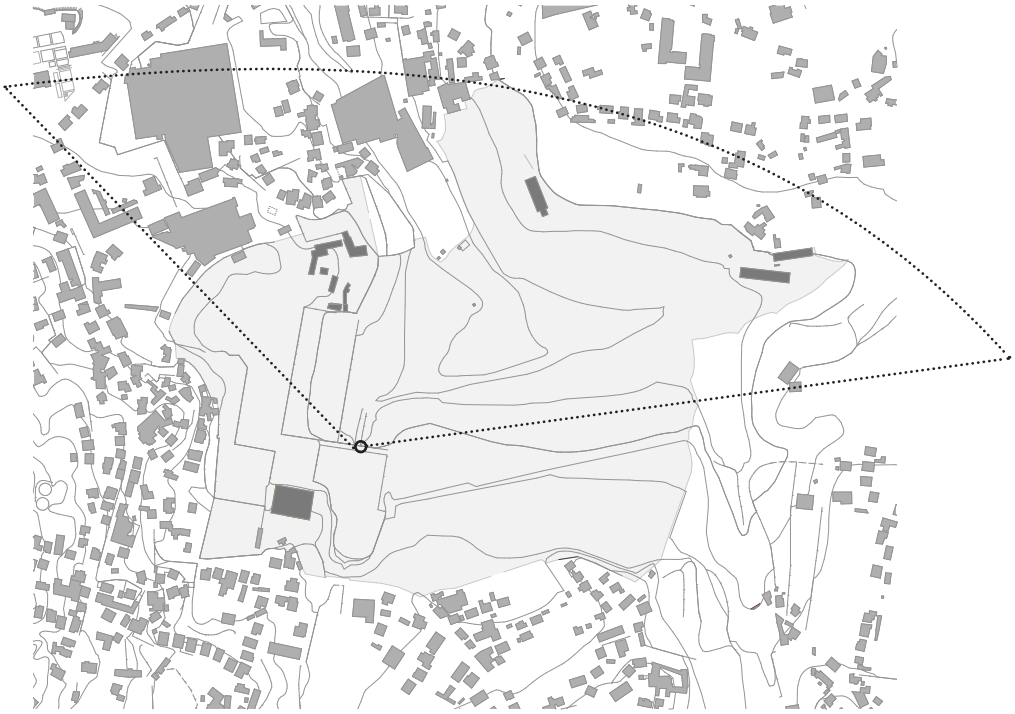
•Local de habitação dos antigos trabalhadores residentes e de um edifício anexo de apoio aos trabalhos na quinta;

•Adega e Barragem junto à entrada Sul da quinta;

esq. 9: identificação de elementos construídos na quinta



Marcação do ponto de vista da panoramica 1 na quinta



Marcação do ponto de vista da panoramica 2 na quinta

3.4 A adega

O Património existente

No sentido da expansão comercial tornou-se necessário o desenho de um novo **espaço de produção, de carácter fabril, adaptado** às necessidades da venda e exportação do vinho, com novas máquinas industriais e espaços que as abrigassem para uma produção mais eficaz, organizada e contemplativa do escoamento do produto. Em 1982 foi então, avançado com o projecto para uma nova Adega, finalizada em 84.

Implantada na pendente Sul do limite da propriedade, a Adega acompanha o declive natural do terreno por meio de quatro patamares associados a uma cobertura comum, quebrada de acordo com as mudanças de cotas internas. A frente Norte do edifício volta-se para a cota baixa da vinha e restante quinta. Por sua vez, a frente Sul, à cota alta, compreende a zona de carga e descarga do produto, junto do ponto de acesso público à Adega lado pelo qual é feito o escoamento da produção na relação com a rede viária distributiva. Os alçados laterais permitem a leitura natural da pendente tendo em conta que o lado Este estabelece uma relação clara com a barragem existente pertencente à quinta.

Tendo em conta a envolvente próxima, a Adega implanta-se num **vale**, centrada pelas unidades habitacionais e industrias para lá do limite da quinta. É assim, percepcionada em diversos momentos de um percurso em redor da herdade, por São Martinho, a par da restante vinha. Está sempre visível a partir das cotas altas da envolvente próxima, centrada e destacada pela natural topografia. A adega entende-se por fim, como um corpo com claras características fabris, industriais, pela sua dimensão e linguagem, presa a um correcto funcionamento interno mas que consegue ao mesmo tempo, uma relação com o meio muito própria, capaz de novas possibilidades e visualizações plásticas.

O edifício surge então, com estreitas relações ao meio Natural envolvente, rematando o contexto agrário, vinícola a Sul pela **forma quadrangular encerrada** por uma cobertura constante, quebrada por pequenos vãos de entrada de luz para cada patamar associado. Com pequenas excepções, o edifício lê-se então, como um corpo sobre si mesmo fechado quebrado apenas pelas pequenas frestas altas no alçado Norte.

img.67: panoramica entrada para a Adega

img. 69: Alçado Sul da Adega - entrada principal

img. 68: Alçado Norte da Adega

img. 70: Alçado Lateral Oeste da Adega

img. 71: Alçado Lateral Este da Adega

img. 72: Adega e relação com a vinha

img. 73: Zona de cargas e descargas a Sul

Do ponto de vista programático a Adega organizava-se segundo os diferentes patamares pelas diferentes etapas de preparação do vinho de acordo com os **processos de produção.** Ao longo da gradação dos vários níveis surgiam nos topos as zonas de acessos verticais, de instalações sanitárias e de escritório. Actualmente a estratégia distributiva referida não funciona da mesma forma. Devido à redução das quantidades produzidas os dois patamares inferiores estão inutilizados, funcionando agora toda a produção na cota alta com maior facilidade de mobilidade desde a chegada da matéria-prima ao escoamento do produto final. A Adega compreende actualmente, dentro da sua área total, espaços sem uso, de **características próprias e oportunas** a futuras concessões.

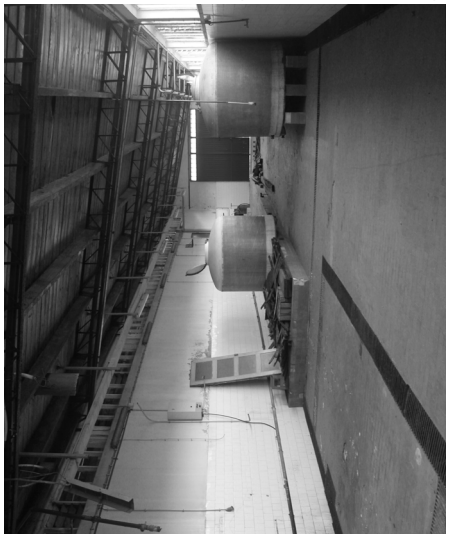
O volume, de forma aproximadamente regular, apresenta uma quadrícula de pilares paralelos entre si e aos limites volumétricos do corpo formal. Aos pilares estão associadas as vigas, treliças metálicas de pequena altura que acompanham a pendente natural exterior e suportam todo o plano superior de madeira. O espaço surge então, livre e amplo para passíveis organizações e ocupações cobertas pelo mesmo elemento em comum a todo o espaço – a madeira, que toma importantes repercussões na leitura e expressão do espaço. No Patamar inferior é associado ao espaço um lambrim de azulejo branco até à altura das frestas de iluminação que trabalha na protecção dos planos verticais. A caracterização de cada espaço é também determinada pelos **objectos industriais que configuram e alteram a escala** e a forma de como se percepciona cada compartimento. Entende-se portanto, que cada patamar foi desenhado de forma a proporcionar diferentes possibilidades de **uso industrial**.

O estado de degradação da Adega, pelo uso que não lhe é sujeito, é gradativo mediante os menores valores produtivos dos anos que passam. A sua manutenção não acontece da mesma forma que na década anterior. São vários os sinais que denotam para a desactualização deste espaço. Aos poucos teme-se que o meio natural, comprometa o volume degradando-o de tal forma que a "re"-ocupação ou nova apropriação seja mais agravada. É portanto, um património constituído recentemente, com proporções e marcas claras na paisagem que o envolve e por outro lado com **aptidões e versatilidades** para atender novas possibilidades.

A Adega, como **unidade produtiva industrial**, e o seu estado actual são exemplo de um Património alarmante recorrente em muitas paisagens do território Português. Representa estruturas com poucos anos de consolidação mas depressa na **expectativa** de uma nova configuração.

img. 75: patamar intermédio, de acesso aos níveis inferiores

img. 77: Patamar inferior da Adega



img. 79: Máquinas Indústriais de apoio à produção

img 81: A est. vertical betão na relação com a est. metálica

img. 74: Passadiço associada à zona de entrada, cota alta

img. 76: o espaço vinícola, da Adega, de maior dimensão

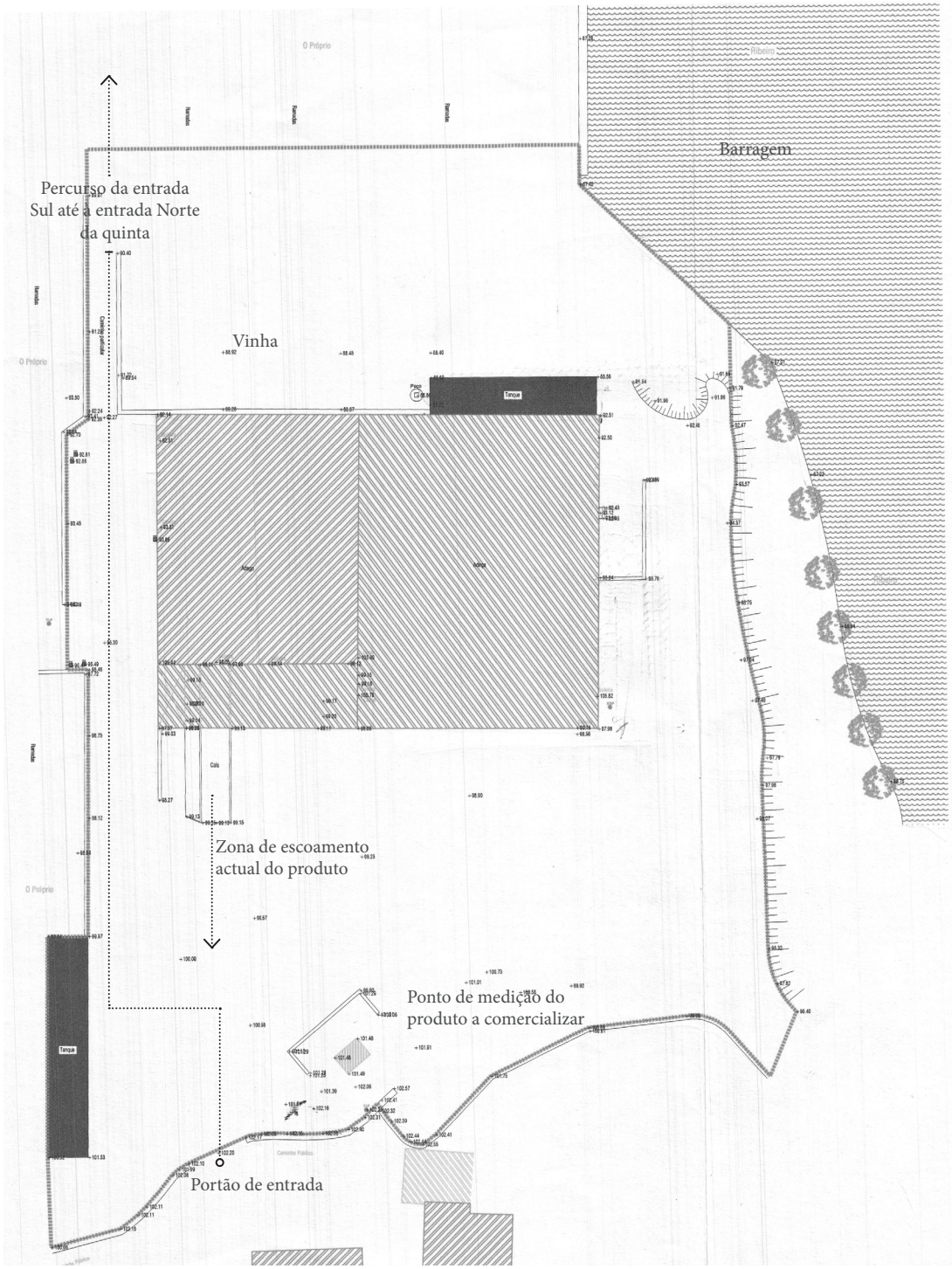
img. 78: Máquinas industriais de apoio à produção

img. 80: Estrutura metálica sob o plano superior de madeira

Elementos obtidos

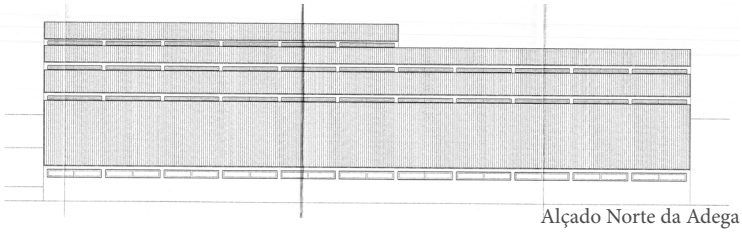
Desde a sua construção, a Adega não sofreu modificações do ponto de vista construtivo. Isto é, manteve o desenho inicial e apresenta-se segundo essa forma com a alteração da lógica funcional que no seu interior se estabelece. No entanto, no ano de 2001, foi realizado um projecto para a alteração de alguns espaços da Adega. Fundamentalmente o novo desenho previa a construção de um núcleo de balneários e restantes instalações sanitárias a considerar no espaço previamente destinado aos Alambiques. Pela inutilização desta área foi então, pensada a construção destas infra-estruturas para o apoio aos trabalhos. Apesar de não ter sido realizado, os desenhos deste projecto são a base de arquitectura mais rigorosa encontrada na pesquisa. Assim, na primeira aproximação ao espaço da Adega, recorre-se a esses elementos para enquadrar o espaço fabril do projecto. Sendo a primeira observação e análise dos desenhos obtidos uma base operativa, intuitiva, sobre o espaço a considerar, também na apresentação da Adega se recorre a esse instinto.

Planta de implantação da Adega no
limite Sul da quinta junto à barragem



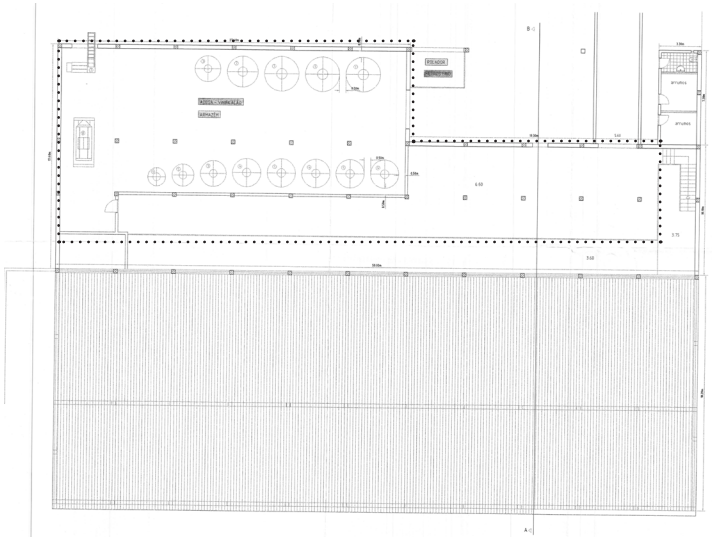
esq. 10: implantação da Adega na Quinta no conjunto de relações a estabelecer dentro da propriedade

Elementos obtidos:
Plantas, Alçados, Corte

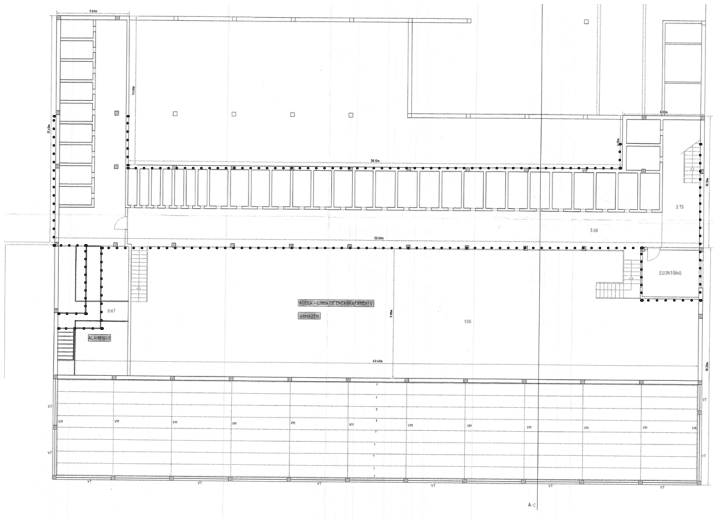


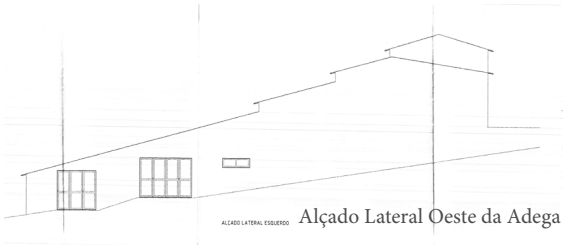
Alçado Norte da Adega

Nível Superior
cota 98.56

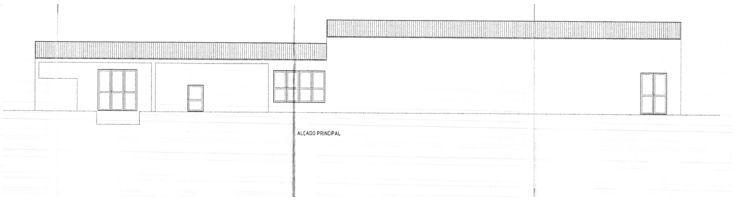


Nível Intermédio
cota 95,50



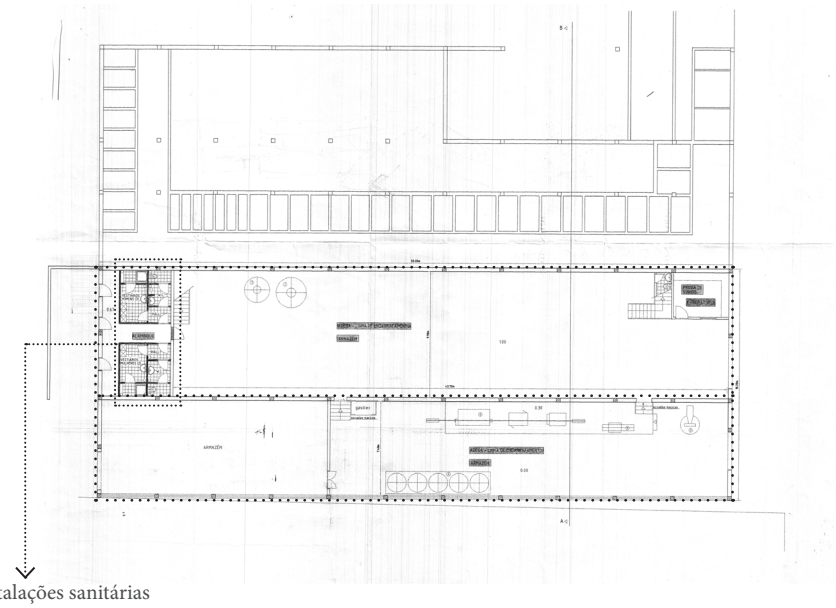


Alçado Lateral Oeste da Adega

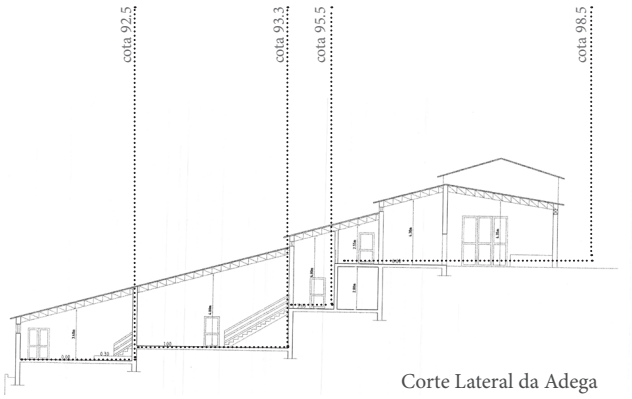


Alçado Sul da Adega

Níveis Inferiores
cota 93.30 e 92.50



Instalações sanitárias enquadradas no projecto de 2001, não tendo sido concretizadas.



Corte Lateral da Adega

esq. 11: Plantas e Cortes explicativos da lógica programática da Adega | Cotas internas

4.1 Programa a estabelecer

Novo uso

4.2 Novo desenho

Princípios de intervenção

Fases de desenvolvimento

Linguagem

Documentar, pelo processo

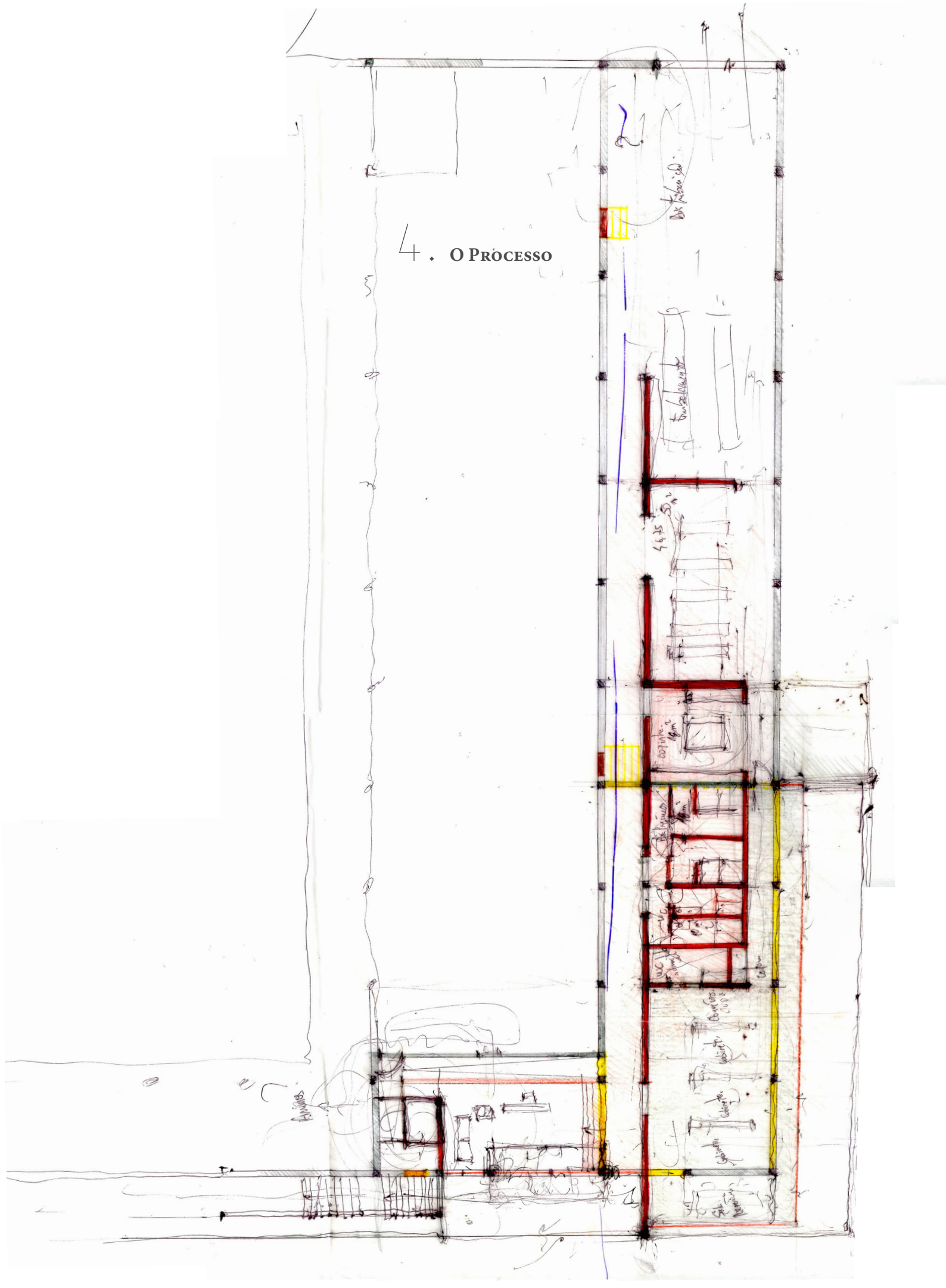
4.3 Proposta de intervenção

Reflexão

Lista de desenhos

img 84: Planta | Esquisso do processo de desenho

4. O Processo



"My drafts and sketches quickly take on the form of mindmaps, with connections and associations going in all directions. I'm so fascinated by the creative process itself that I end up talking more about that (and in a quite general way) than about the specificities of my proposals."

SANDSTRÖM, Nils, *Reflection*, Estocolmo, KTH - school of Architecture, 2013

O processo de trabalho sobre um objecto particular em Arquitectura cumpre um carácter de síntese sobre os temas em volta associados. O projecto procura cruzar uma estratégia de adaptação de um Património que se revela oportuno num contexto próprio de acções a desenvolver.

O exercício de projecto não visa uma conclusão específica, mas antes um processo pelo qual um método de trabalho foi evoluindo tendo em conta as mutações e as permanências que sobre uma pré-existência determinam uma nova realidade. O projecto será apresentado pelos esquissos de estudo, desenhos de levantamento, maquetes para que seja notório um processo de desenvolvimento, numa aproximação a um desenho.

Mediante as fases de desenvolvimento e tendo em conta as problemáticas que se levantam quanto ao desenho do espaço, foram sendo reunidas referencias de apoio e consulta para o projecto. Este conjunto de projectos, apresentados no decorrer do capítulo, não procura o estudo aprofundado de cada caso, mas antes o entendimento de um dado particular útil e com semelhanças ao desenho a estabelecer. O critério da sua escolha não parte assim, de uma associação específica de tipologias, uso, programa ou até linguagem mas da relação com uma qualquer circunstância transportada para o projecto de tese.

Para o propósito de tese interessa sobretudo o estudo da inserção de um novo programa que sobre um processo tenta ser resolvido. A forma de apresentação da proposta de intervenção mostra também essa procura. Os desenhos distinguem elementos novos a considerar e os já estabelecidos a manter assim como, denotam intenções projectuais sobre materialidades, questões técnicas, lógicas de funcionamento entre outras opções de desenho.

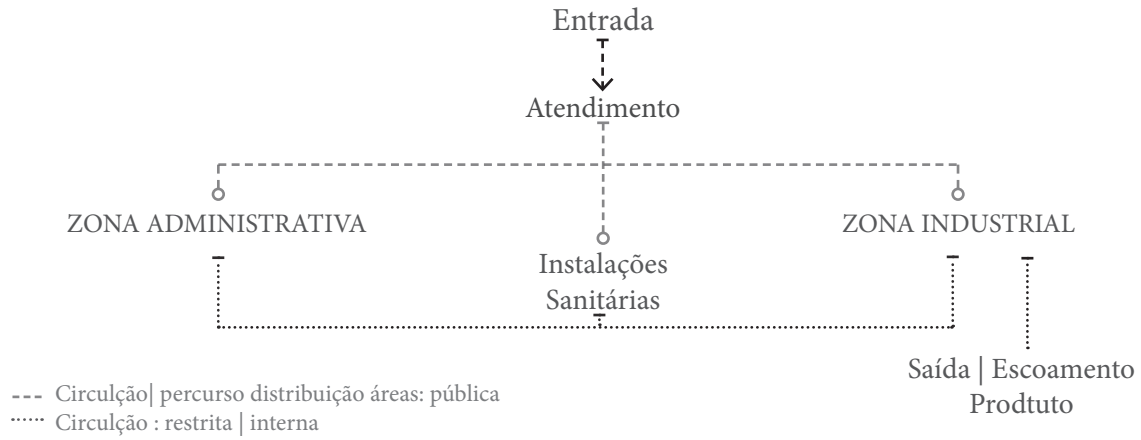
4.1 Programa a estabelecer

Novo uso

Tendo em conta o **espaço industrial da Adega**, com parte inutilizado, tenta-se estabelecer uma nova estratégia comercialmente sustentável com vista ao desenvolvimento da produção vinícola da quinta a partir da matéria-prima produzida, a Uva. Atendendo aos valores menos significativos de venda de vinho, a estratégia promotora enquadra-se numa tipologia de inovação industrial, a partir do aperfeiçoamento experimental para a criação de um novo produto.

Assim, sob o pretexto do desenvolvimento de uma marca de produtos de cosmética e tratamento, tendo como matéria-prima a Uva, mais especificamente a Grainha, a desocupada Adega é escolhida para ser o local de implantação do projecto associado à quinta, pela possibilidade de uso que representa. O tipo de espaços requeridos e suas dimensões foram sendo apuradas mediante o processo de projecto, no diálogo entre o requerente do projecto e os responsáveis, farmacêuticos, pela dinâmica a que a matéria-prima é submetida.

Desde o primeiro momento, se aferiu que a produção e todo o processo de desenvolvimento experimental (processo de apuramento da receita do produto) seria garantido por outras instalações, espaços da indústria farmacêutica e que a Adega seria uma espécie de intermediário entre a vinha, a indústria complementar de produção, a logística, o embalamento e a distribuição do produto. Por meio destes processos concluí-se então, um primeiro **esboço programático** relativo aos espaços a considerar na Adega dividido por sectores dentro de um comum esquema de circulação:



esq. 12: Primeiro esquema da lógica distributiva do programa

Por dois percursos independentes, um de carácter mais público outro associado às dinâmicas internas, foram consideradas duas zonas a ser desenvolvidas:

• A **zona administrativa** para o apoio logístico e comercial da marca constituída por uma sala de reuniões, três escritórios, um espaço de convívio com uma pequena copa associada e uma zona para arquivo.

Espaços e Áreas:
Sala Reuniões: 15/20m2
Escritório (3): 12/15 x3 = 45m2
Sala Convívio + copa: 15m2
Arquivo: 10 m2
Total aproximado: 90 m2

• A **zona industrial** que na zona da recepção dos boiões de 50 l, seria responsável pelo embalamento, armazenamento e escoamento do produto. Nesta zona seria ainda salvaguardado um espaço para a confecção de um outro produto, compotas de vinho verde, comercializado juntamente com os cosméticos, mas produzido inteiramente na Adega numa cozinha específica à sua confecção. O tipo de espaços aqui abordados tende a compreender um conjunto de normas próprias que resolvem a sua tarefa mediante as especificidades de temperatura, higiene e funcionalidade a que estão submetidos.

Espaços e Áreas:
Embalamento + Espaço de distribuição: 150m2
Armazém/Stock: 150/200m2
Cozinha Industrial: 30m2
Total aproximado: 380m2

Por fim, as instalações sanitárias, a localizar estrategicamente entre as duas zonas de trabalho, compreenderiam não só o conjunto de casas de banho como também os balneários, masculino e feminino, e zonas de vestuário anexadas, de apoio aos funcionários. As áreas destes espaços, deveriam ser calculadas em função do número de trabalhadores, nesta fase, ainda por apurar:

Espaços e Áreas: (a depender do número de funcionários – estimativa inicial)

WC Homens: 10m2

WC Mulheres: 10m2

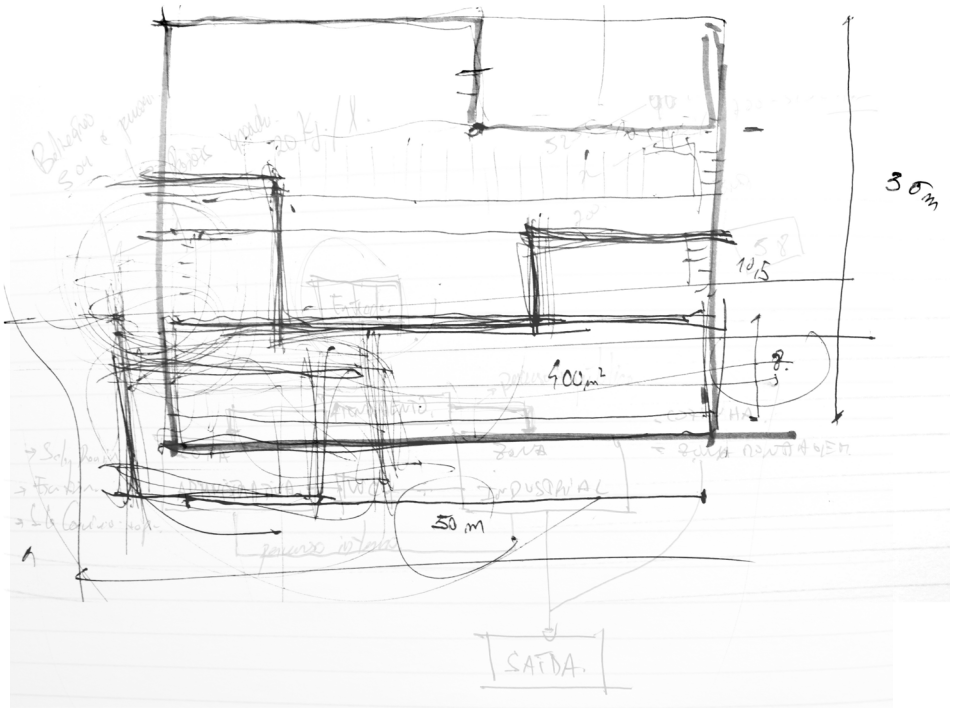
WC Mobilidade Reduzida: 5m2

Balneários Masculino: 20m2

Balneários Feminino: 20m2

Total aproximado: 65m2

Com o avançar do projecto, o programa foi sendo ajustado a uma estratégia geral desenvolvida no diálogo da equipa farmacêutica com o requerente e proprietário da Adega. Na fase actual do projecto, tendo em conta a área administrativa apresentada, o plano inclui a área de instalações sanitárias, a finalizar mediante o número de trabalhadores (dez a considerar valores máximos) e a área industrial. Desta última, foi excluído o processo de embalamento que será realizado nas instalações farmacêuticas, numa linha de produção já standarizada e estabelecida. A zona de armazenamento e stock tem de respeitar condições de temperatura próprias entre os vinte e os vinte e cinco graus célsius controlados artificialmente, a cozinha industrial deve também cumprir requisitos relativos aos seus acabamentos a considerar pela Arquitectura e a zona de cargas e descargas, a considerar junto ao armazém mas em contacto com o exterior, deve garantir o isolamento e filtros necessários para que não se criem fugas que comprometam a qualidade do produto.



img 85: Esquissos

Atendendo a todas as questões levantadas consegue-se sintetizar uma lógica programática para os espaços requeridos:

A zona de cozinha foi desenhada a partir dos cumprimentos legais relativos a cozinhas desta especificidade de acordo com o *"REGULAMENTO (CE) n.o 852/2004 DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO de 29 de Abril de 2004 relativo à higiene dos géneros alimentícios"*, sendo subdividida em zonas: antecâmara, zona de preparação e zona de resíduos de forma a garantir a independência destes compartimentos.

file:///C:/Users/Jo%C3%A3o%20Francisco%20Sousa/Downloads/i005119%20(1).pdf

• ZONA INDUSTRIAL:

Armazém/Stock: 130m2

Cozinha Industrial: 20m2

Cargas e descargas: 20m2

Total aproximado: 170m2

• ZONA ADMINISTRATIVA:

Sala Reuniões: 15/20m2

Escritório (3): 12/15 x3 = 45m2

Sala Convívio + copa: 15m2

Arquivo: 8 m2

Total aproximado: 88 m2

• INSTALAÇÕES SANITÁRIAS:

Estes espaços devem cumprir as especificidades próprias enquadradas e verificadas no *"Regulamento geral de segurança e higiene no trabalho nos estabelecimentos industriais"* . Foi então, calculado o número de equipamentos sanitários em função de dez trabalhadores, número máximo a considerar. O regulamento determina assim, que sejam considerados para homens um lavatório, um chuveiro, uma retrete e um urinol e para mulheres, um lavatório, um chuveiro e uma retrete sendo cada espaço desenhado segundo uma "*disposição construtiva*" especifica.

As áreas aqui apresentadas foram calculadas a partir do desenho proposto no *"Regulamento geral de segurança e higiene no trabalho nos estabelecimentos industriais"*. Os valores surgem em paralelo com o desenho a obedecer., ver esq.13, pag. 123

WC Mobilidade Reduzida: 5m2

Balneários Masculino: 10m2

Balneários Feminino: 10m2

Restantes instalações: 5m2

Total: 30m2

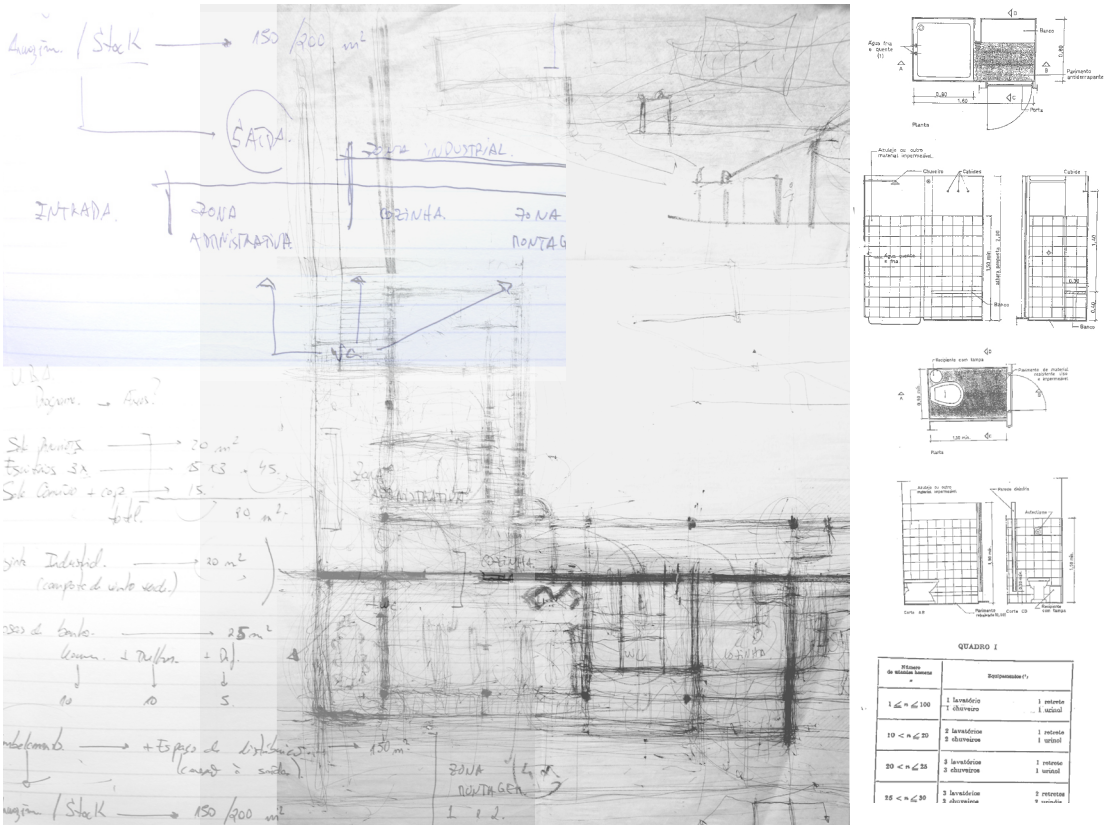
• ZONA ENTRADA:

Atendimento | Loja | Mostruário: 55/60m2

• ZONA CIRCULAÇÃO:

Deve assegurar a circulação confortável e prática entre os respectivos espaços, bem como deve responder e atender às dimensões necessárias de passagem e cruzamento de material e funcionários. O seu cálculo foi estabelecido a partir do restante valor total por uma percentagem de 25: 87m2

As áreas apresentadas representam uma linha geral distributiva do programa a adaptar às condicionantes existentes pré-estabelecidas. O conjunto total da área aproxima-se dos 435 m2 sento que a Adega tem um total de 2300 m2. Desta forma, o projecto não contempla uma apropriação total do espaço existente mas ocupa antes uma área específica que procura as melhores possibilidades e controlo a estabelecer no novo espaço. Assim, na adaptação das áreas aqui apresentadas ao espaço existente alguns valores sofreram pequenas alterações a verificar na planta a apresentar. O estabelecimento do novo programa leva também ao arranjo de zonas exteriores que conduzem às entradas no corpo fabril: uma entrada para os funcionários e visitantes, uma outra entrada, independente, associada às zonas de armazenamento, cargas e descargas dos veículos de mercadorias.



esq. 13: esquema de suporte para a definição das áreas de instalações sanitárias

4.2 Novo desenho
Princípios de intervenção

A partir da definição programática e pelo potencial do edificado existente são definidos alguns princípios de orientação com vista o estabelecimento do novo uso. Desta forma, a Adega, não excluindo das suas actividades a produção do vinho, passa a ser complementada por um novo programa que sem relação directa com as funções anteriormente estabelecidas, consegue rejuvenescer parte de um Património passível a adaptações.

Sendo que as áreas a considerar não representam a área total da Adega e estando os níveis superiores ainda reservados à produção do vinho, opta-se por dispor o novo programa no nível inferior organizando a intervenção numa extensão de limites claros e em contacto com pontos de acesso ao exterior.

A intervenção toma em atenção as qualidades inerentes do espaço existente: não só do ponto de vista das suas proporções como também do sistema construtivo que o envolve, procurando valorizar os pontos existentes relevantes à identidade do espaço complementando-o no novo desenho. Atendendo a uma caracterização específica, o espaço sintetiza um carácter fabril na sua génese. Pela cobertura leve e inclinada revestida a madeira, pelas vigas metálicas que de quatro metros e meio estabelecem uma métrica, pelo tipo de acabamentos e pela existência de objectos industriais de consideráveis dimensões, o espaço adquire um contexto para a sua compreensão, uma espécie de narrativa que desde a sua implantação ao tipo de detalhe, estabelece uma identidade própria caracterizadora do espaço. O projecto tenta a captação destas dinâmicas para criar uma nova realidade que estabeleça o contacto entre um organismo existente e o novo uso a que é afeto. Desta forma as duas cronologias tendem a beneficiar da sua co-existência. Por se considerarem mutuamente na cedência de valores entre épocas e usos, estabelecem uma nova forma, singular, por um esquema contemporâneo de acções a desenvolver.

Por outro lado, atendendo à implantação do volume dentro da quinta, procura-se tirar o maior partido dos elementos naturais constituintes da paisagem envolvente marcada pela matéria-prima na base das funções a cumprir na Adega. Na pendente natural que a Adega ocupa tenta-se que a relação com o exterior seja um novo dado a associar à nova realidade a estabelecer. Partindo de um perímetro encerrado, apenas com excepção no limite sul à cota alta e em algumas entradas alternativas, tenta-se que o novo espaço aproprie

e enquadre a paisagem para o seu interior, com especial atenção para o novo desenho do alçado a Norte. Desta forma, a barragem, os eucaliptos a este, a vinha em toda a sua extensão e a paisagem topográfica e habitacional em redor da quinta são de certa forma e segundo determinados enquadramentos, elementos qualitativos do espaço interior de trabalho. É assim, salvaguardado um interesse em reconhecer uma relação com a Natureza a trabalhar pela quinta, razão pela qual o projecto se desenvolve.

Tendo em conta o programa estabelecido, o esquema distributivo e o perímetro escolhido para a ocupação, a estratégia de projecto procura uma divisão clara entre a zona administrativa e a zona industrial pela introdução das instalações sanitárias, a partilhar, no intermédio dos pontos distintos do programa. Por sua vez e atendendo novamente ao mapa de circulação, compreendem-se duas zonas de circulação distintas: uma directamente associada à entrada destinada a todo o pessoal que visita ou trabalha nas instalações e uma outra, mais dissimulada entre os espaços, dirigida ao funcionamento interno e administrativo, de forma a gerar uma maior fluidez e mobilidade pelos espaços.

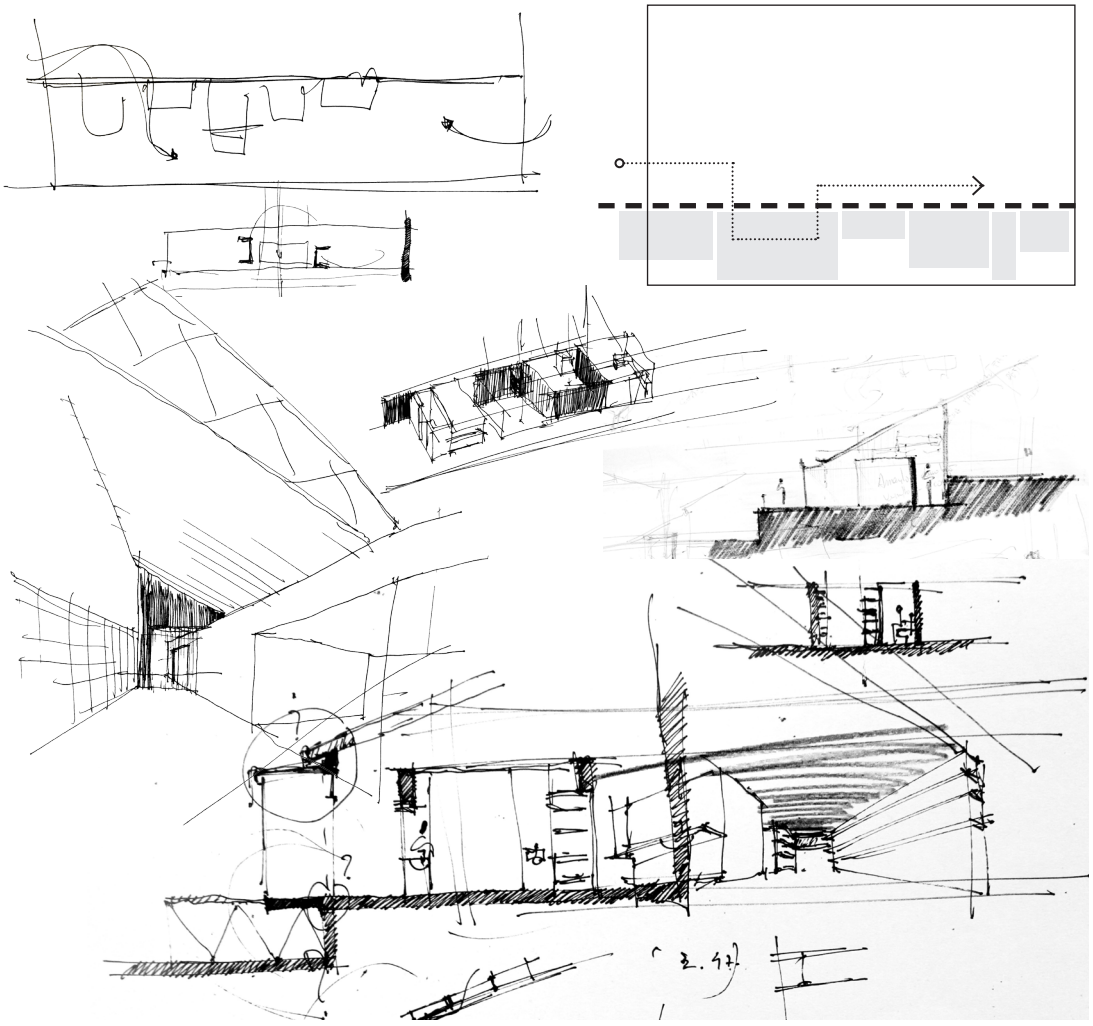
Fases de desenvolvimento

Após definida a área a ocupar, o primeiro esboço procurou determinar uma forma clara de distribuir e organizar o programa na relação das diferentes funções sobre uma lógica comum. O projecto procura que o desenho a estabelecer se sinta coeso na leitura dos diferentes elementos que se complementando numa forma única distinguem áreas, funções e tempos distintos. Cada elemento horizontal, vertical ou volumétrico é assimilado num sentido individual para com o espaço que lhe é correspondente não descuidando um desenho global interventivo.

1.

Pelo mapa distributivo entendeu-se criar um plano vertical, expressivo, que percorresse todo o nível a ocupar. Por um gesto único estaria assim, garantida a circulação e o acesso a todos os espaços do programa. Este primeiro elemento a considerar na raiz compositiva do desenho estende-se para lá do perímetro inicial da Adega sendo parte da definição de quase todos os espaços a desenhar. Por um lado procura qualificar a zona de entrada exterior, lançando-se, posteriormente, na extensão de espaços interiores até à sua desmaterialização na zona de armazém.

Considerou-se que o desenho dos espaços do novo programa não seriam comprometedores da leitura actual e global do nível da Adega a considerar. Assim sendo, determinou-se que os diferentes compartimentos são abrigados pela comum cobertura existente a tratar. Ou seja, a divisão do espaço não acontece em toda a secção vertical criando assim, uma relação constante entre os novos dados espaciais com os existentes. Aos espaços que requerem o seu encerramento a lógica estabelece-se como se de uma caixa dentro de outra se tratasse, aos restantes espaços que permitem uma maior partilha, a cobertura entende-se como o elemento comum que colabora numa caracterização geral do espaço conformado. No entanto, pelo controlo da temperatura de áreas independentes, considerou-se uma ruptura nesta lógica tendo em conta as duas grandes áreas do programa, administrativa e industrial. Nesse sentido, mantêm-se uma divisão vertical, total e existente, tendo em conta que cada área partilha de igual modo, a mesma cobertura. Desta forma, considerando os princípios



img 86: Esquissos

interventivos supra referidos, os novos elementos procuram assimilar o espaço existente para a sua qualificação. A ideia de associar cronologias distintas a um espaço comum envolvente remete ao estudo de duas referências que neste sentido, são bastante directas: A Casa em Brejos de Azeitão dos arquitectos Aires Mateus e à unidade dormitório da reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro pela Arquitecto Eduardo Souto de Moura.
Embora de tipologias e funções distintas os dois casos ponderam a partilha de uma cobertura a um espaço comum a partir do qual outros se desenvolvem internamente.

Casa em Brejos de Azeitão, Setúbal, Portugal
2000|2003
Arqs. Manuel e Francisco Aires Mateus
"La Casa se diseña dentro de un contenedor existente, al que, como refuerzo de los límites del espacio, se le duplican a nivel bajo los muros perimetrales para alojar espacios de servicio. Pero hay una segunda intervencion: un conjunto de volumenes simples (dormitorios y banos) se introducen en el espacio unico y regular de esta antigua bodega, levitanto a distintas alturas."

El Croquis #154, 2002-2011 Aires Mateus, Construir el molde del espacio, Madrid, El Croquis Editorial, 2011, pag. 31

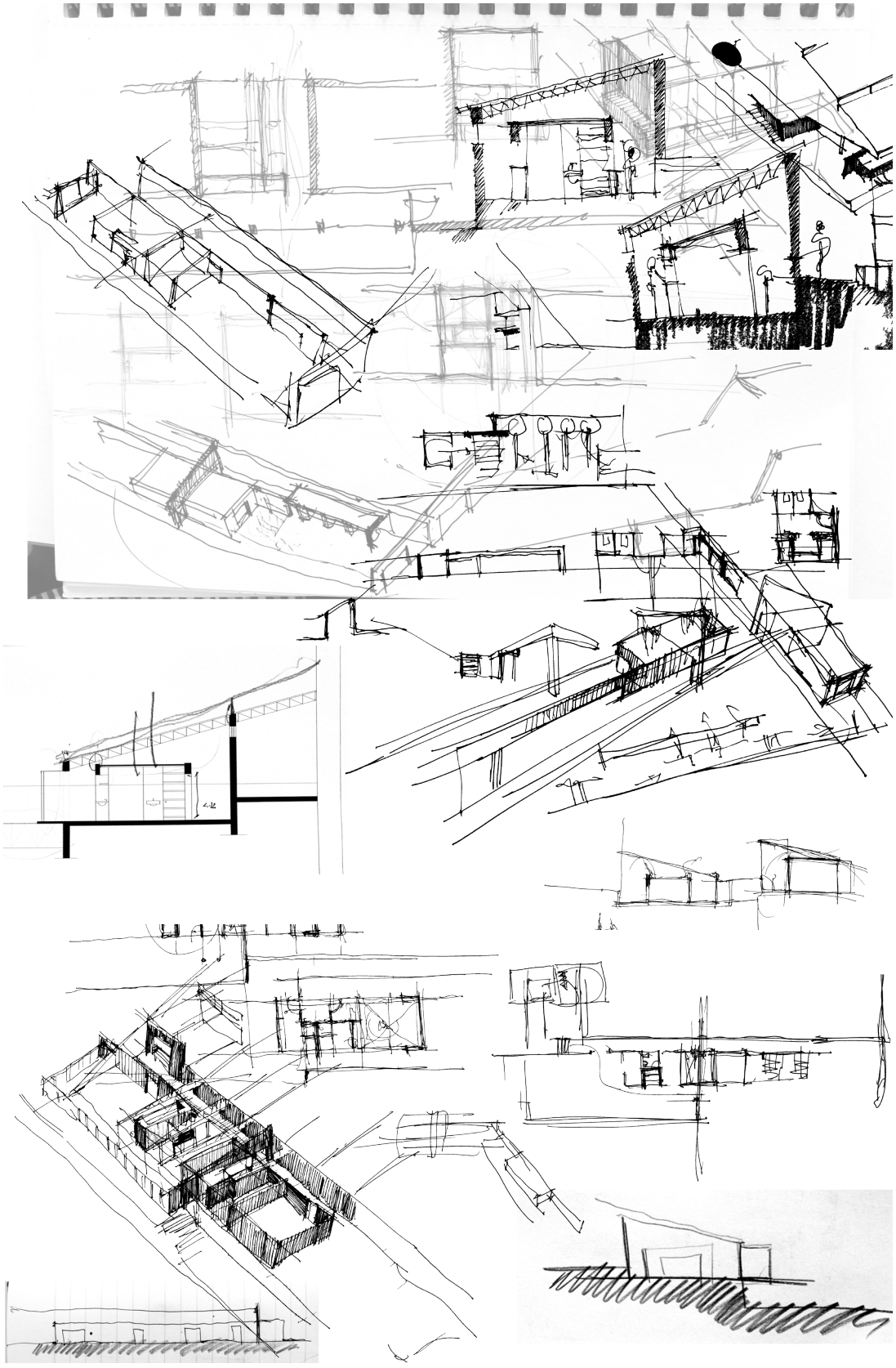
No caso da Casa em Brejos de Azeitão é referido como princípio interventivo: *"The overall interpretation of the space is maintained in spite of the insertion of a new program"*, neste sentido o desenho procura um meio delimitador do novo projecto que não interfere com um limite pré-determinado. De acordo com o programa habitacional que a casa obedece, foi criado um esquema que distribui os espaços por dois pisos: O piso inferior, das áreas comuns, constrangido apenas aos limites exteriores da construção, como um espaço único e o piso superior, mais íntimo, em que cada compartimento se encontra encerrado na sua privacidade. Os espaços comuns como os acessos e todo o piso inferior vivem então, da dinâmica da inserção de pequenos espaços dentro de um outro maior, de outra materialidade, mais antiga.

img 87

img 88

img 89

img 90



img 91: Esquissos

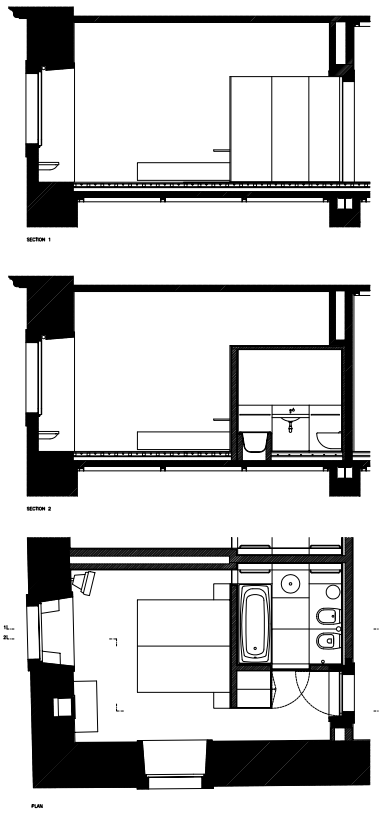
Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro, Portugal, 1989|1997
Arq. Eduardo Souto Moura
"I didn´t make a building out of a ruin, I made a modern building. I produced a contemporary building with the old stones for pragmatic reasons. The fact that it lacks a roof has to do with that decision." [1]

"O resultado foi um hotel com identidade própria, que integra perfeitamente os diferentes elementos e funções." [2]

[1] *El Croquis #146, 2005-2009 Souto de Moura, Teatros del Mundo, Madrid*, El Croquis Editorial, 2009, pag. 22

[2] **MOLA**, Francesc Zamora, **SERRATS**, Marta, *Eduardo Souto de Moura Arquitecto*, Lisboa, Bertrand Editora, 2010, pag. 71

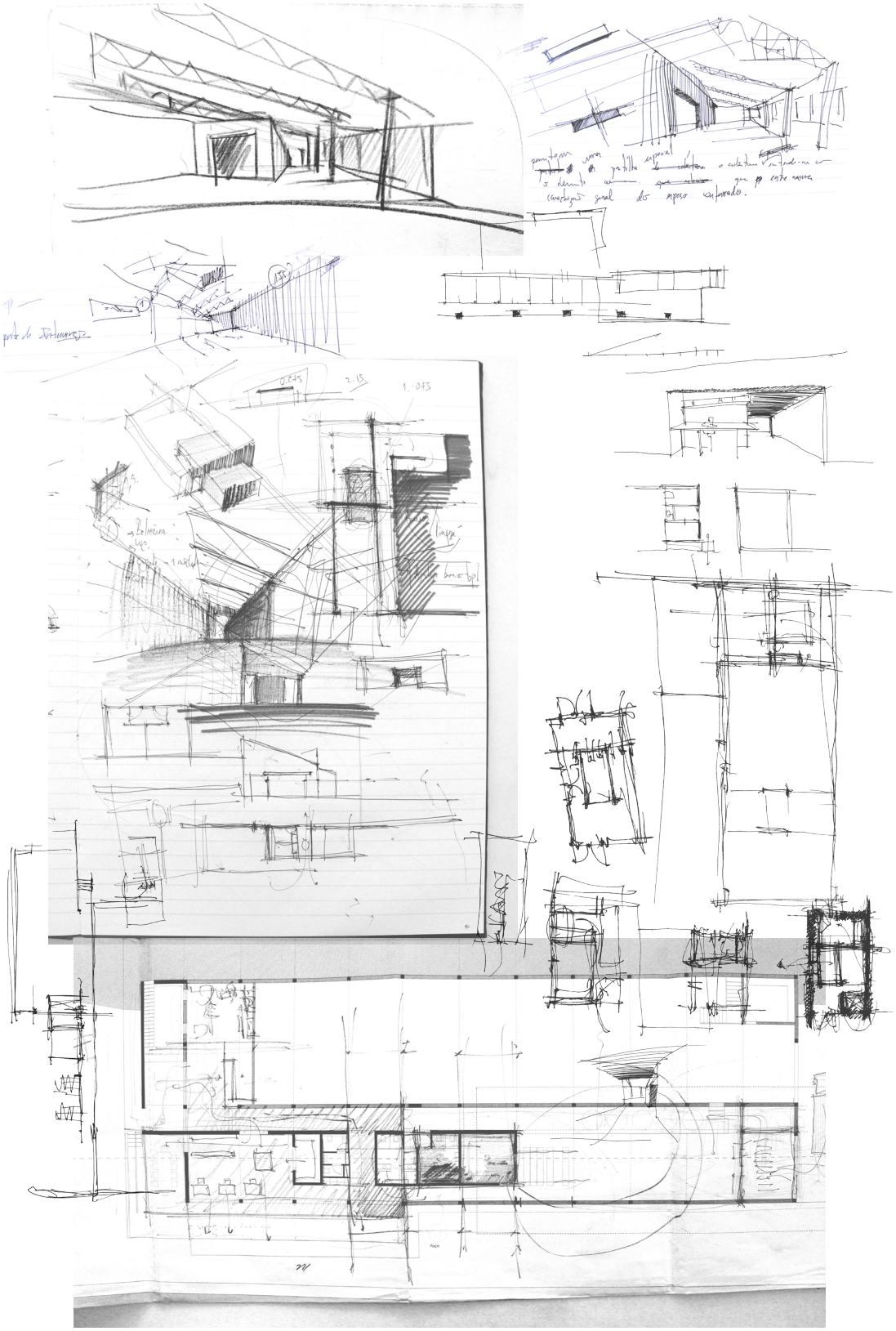
Na Pousada de Santa Maria do Bouro, a referência encontrada remete para o desenho do quarto tipo projectado. Neste pequeno núcleo, o espaço do quarto tem na sua constituição uma área de dormir, de descanso e a respectiva casa de banho. A casa de banho é assim, concebida como um volume independente ao espaço total do quarto. Esta associada a um canto e à zona de entrada, mas pelo considerável pé-direito do espaço existente, o desenho integra-o como uma forma independente, não só na sua dimensão como também na sua materialidade distinta da restante área pelo revestimento a madeira.



img 92: corte pela módulo do quarto da Pousada

img. 93

No projecto de tese, dos espaços encerrados e independentes dos restantes fazem também parte as instalações sanitárias, como as casas de banho e os balneários, mas também a zona de copa e de cozinha. Obedecendo à métrica proposta pelas vigas metálicas estes espaços desenvolvem-se num limite próprio, entre circulações, a partir de uma lógica modelar, pela qual o espaço se subdivide de acordo com as áreas ajustadas a cada função. Ao longo do processo de desenvolvimento do projecto esta área foi sofrendo alterações no sentido de melhor se apurar às dimensões pretendidas e à forma como se relaciona com a circulação e condicionantes visuais que envolve.



img 94: Esquissos

2.

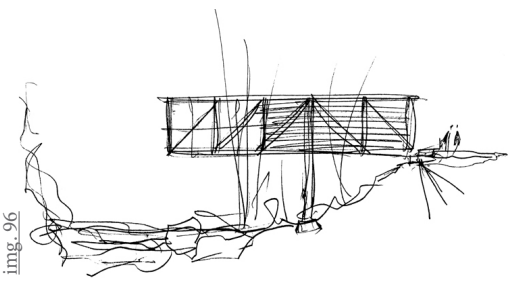
Na leitura exterior do volume, o seu claro limite é um dado caracterizador da actual condição. Na nova forma a considerar, o projecto procura expandir os limites iniciais numa nova relação a estabelecer com a envolvente. Pelo alçado Norte, associado à zona de implantação do novo programa, tenta-se que seja criada uma nova narrativa na qual o espaço interior de trabalho se relaciona com a matéria-prima essencial à sustentabilidade de toda a estratégia laboral a desenvolver. Esta relação é traduzida por um plano transparente que se desenvolve para lá do limite Norte pré-estabelecido. Este novo elemento projecta-se, desenhando sobre a paisagem, um corredor exterior, uma varanda, no sentido de lançar um novo desempenho plástico ao volume presente e tornando clara a inserção de um novo uso sobre a estrutura. Neste entendimento o novo alçado desenha-se por uma lógica contemporânea, no cruzamento entre uma antiga caracterização, transformada, que por meio de um nova função se altera pela leitura contrastante de duas acções temporalmente espaçadas.

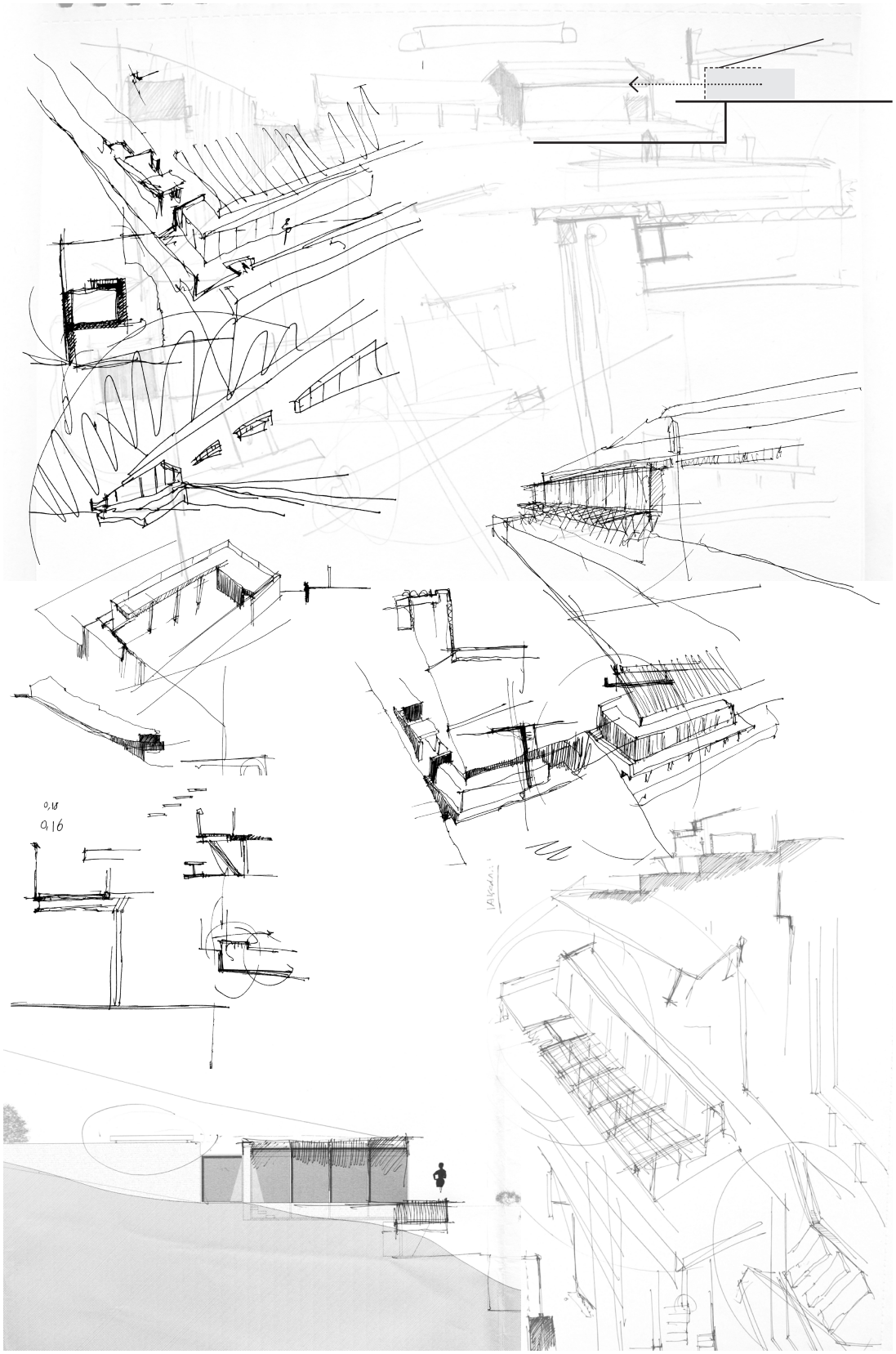
Sobre a paisagem o novo elemento envidraçado constituirá o símbolo associado à introdução do novo desempenho. A caracterização da sua linguagem procura o confronto com o anteriormente estabelecido, soltando-se sobre o natural, no sentido de qualificar uma imagem ao mesmo tempo que contribui para a configuração da área interior associada à zona administrativa. Como referência da linguagem a desenhar, surgiram vários projectos entre os quais a Goulding House, a Hopkins House e a Benthem House. Os três projectos, por uma construção metálica, configuram um simples pano de vidro no qual se espelha uma natureza. No caso da Goulding House e da Benthem House a construção solta-se do plano horizontal do chão para se tornar independente na sua caracterização. A relação com a Natureza não se estabelece no contacto com o solo mas antes, num meio termo, em que o observador é colocado num novo plano que toma em atenção os elementos que do chão nascem. Tal esquema relaciona-se com o proposto no projecto apresentado. A relação a estabelecer é então, entre o observador e a vinha, entre o observador e as copas próximas, tendo como limite a topografia envolvente.

Goulding House, County Wicklow, Irlanda, 1972
Arq. Scott Tallon Walker
"The Goulding House is an elevated sculpture, hovering above the waters, its transparent aspect contrasting with its cedar cladding"
"But my greatest pleasure was to be in the building at different seasons of the year. The building embraces the season and its discipline contrasts delicately with the organic forms around it"

WALKER, Scott Tallon, em Bradbury, Dominic, *The Iconic House: Architectural Masterworks Since 1900*, Thames & Hudson, University of California, 2009, pag. 203

img. 95


img. 96

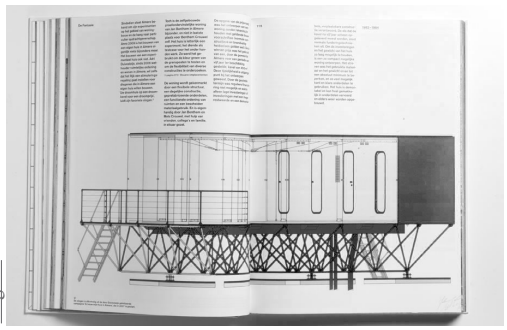


img 97: Esquissos

Benthem House,
Amsterdão, Holanda,
1984
Arq. Jan Benthem
"The lightweight house by Benthem Crouwel was built using many pre-fabricated components, and was designed to be quickly and easily dismantled", " The house is attached to a foundation of concrete slabs and is strengthened through steel-wire tension cables."

http://themodernhouseblog.net/2013/11/18/house-of-the-week-almere-house-by-benthem-crouwel-architects/, online a 08/05/2014

img. 98


img. 99

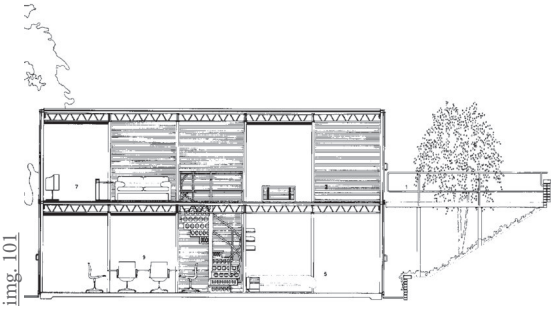
A zona administrativa na conjugação dos espaços de escritório, reunião e arquivo vive desta relação, desenhada na difusão no seu espaço interior por questões de conforto ao trabalho mas também no sentido de relacionar o processo logístico interno com a produção agrícola intrínseca à marca a criar. Esta zona desempenha as funções de toda a logística comercial e distributiva do produto. Assim sendo, é uma área de trabalho estável que representa o núcleo fundamental do processo de desenvolvimento e expansão da empresa. A divisão rígida entre os espaços aqui representados foi subvertida. Criou-se um núcleo que por elementos de mobiliário ou outras formas translúcidas orientam o tipo de função de cada área. Os espaços de escritório tornaram-se apenas um, comum com relação directa ao arquivo e à sala de reuniões que avançando também sobre o perímetro inicial associa-se ao espaço de escritório administrativo no intercalar de elementos transparentes sobre um opaco.

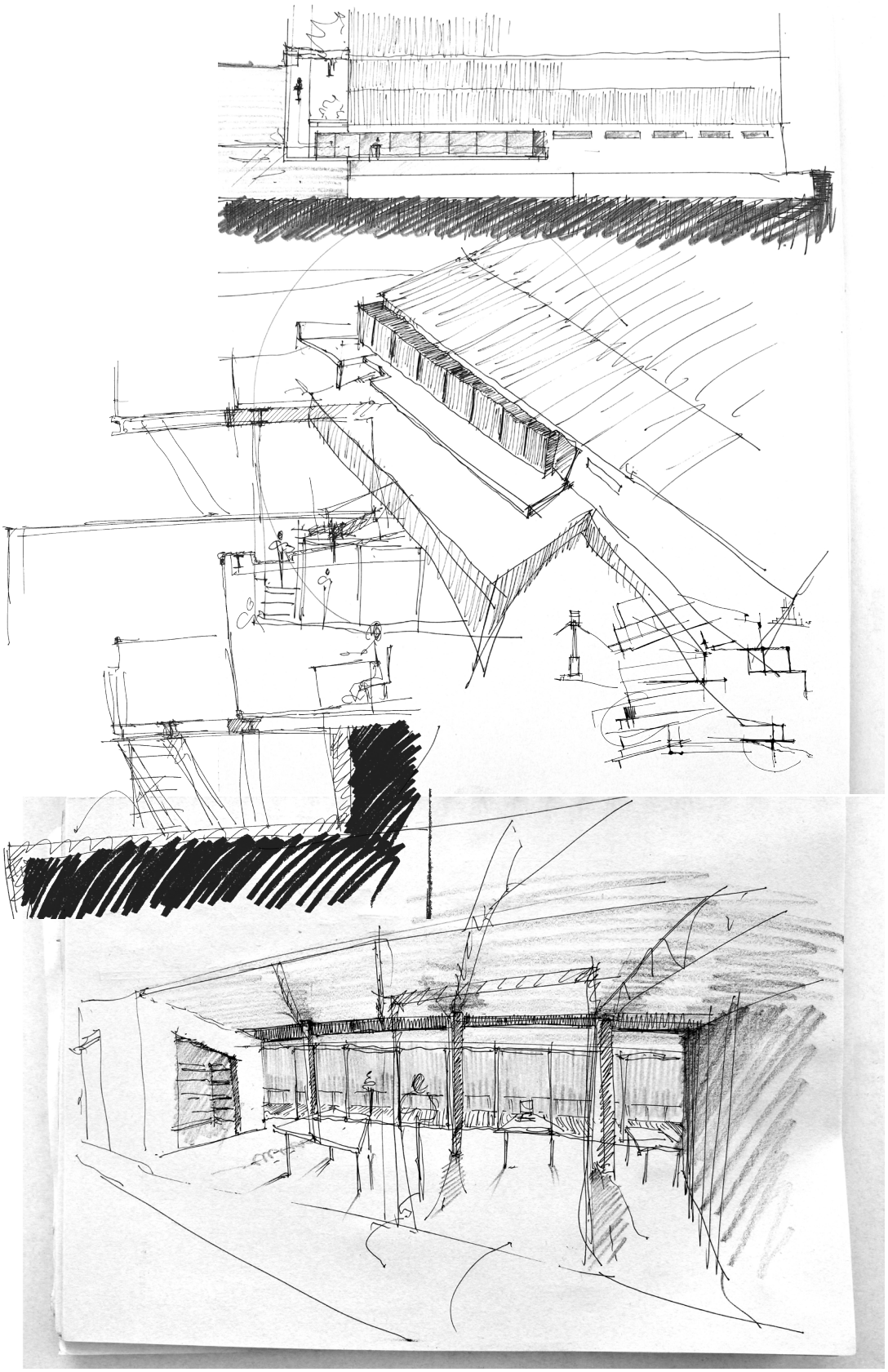
Hopkins House, Londres,
Inglaterra, 1976
Arq. Michael and Patty Hopkins
"We definatly wanted to build a steel-framed house", "The house was initially kept as open-plan as possible (partitions were later inserted to create bedrooms."

HOPLKINS, Patty, em Bradbury, Dominic, *The Iconic House: Architectural Masterworks Since 1900*, Thames & Hudson, University of California, 2009, pag. 222

A Hopkins House surge novamente como referencia pela forma como é organizado o espaço interior. Na base de uma planta livre os diferentes espaços sob uma estrutura metálica leve são enquadrados mediante o mobiliário e outros elementos arquitectónicos não opacos. Cria-se assim um ambiente comum em que cada espaço vive da relação que estabelece com os restantes por conexões visuais que são estabelecidas entre eles e com o exterior.

img. 100


img. 101



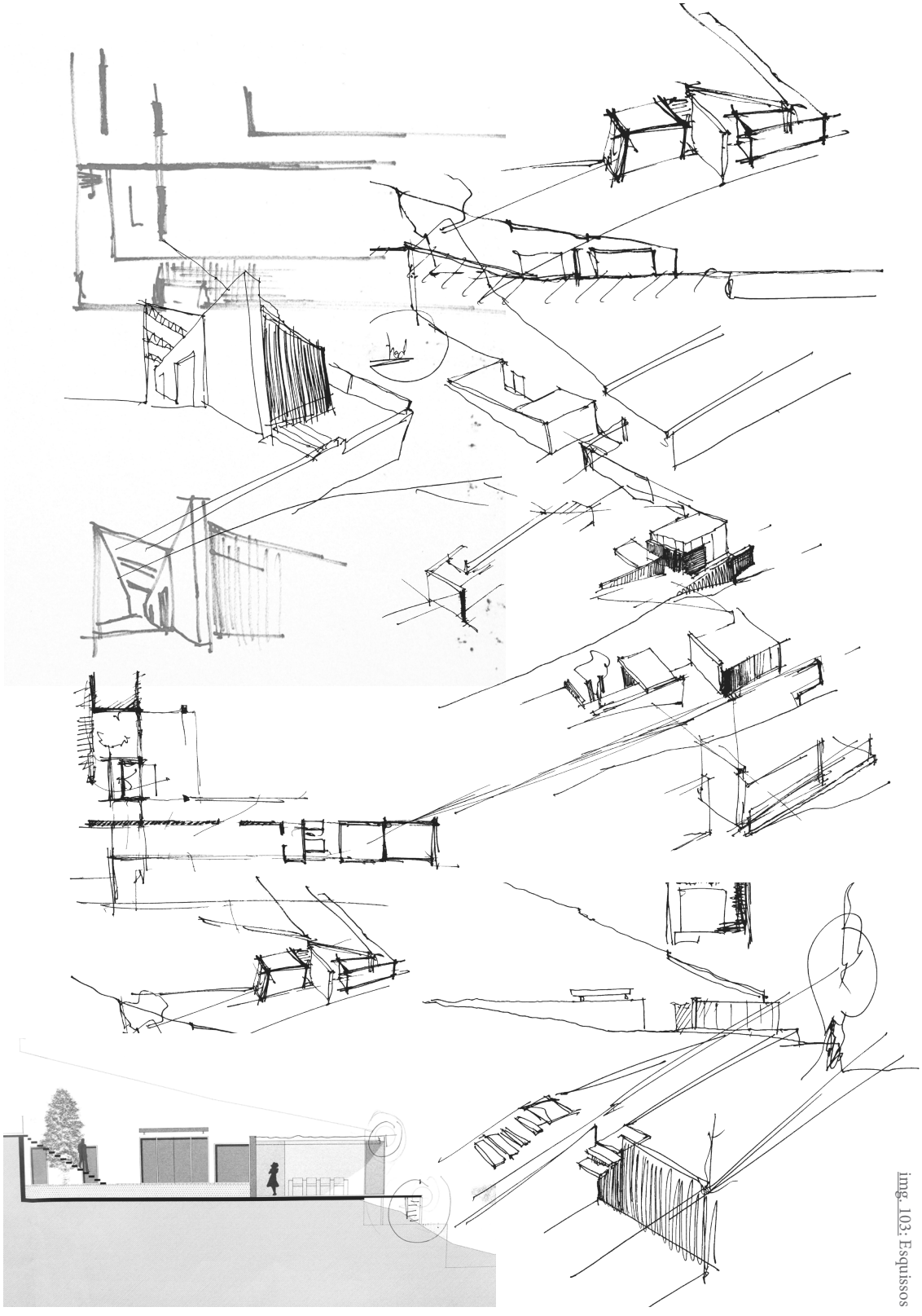
img. 102: Esquissos

3.

O desenho da entrada Este destinada a funcionários e visitantes, é a única área que se desenvolve para lá do eixo de circulação principal. Estando a uma cota mais elevada, compreende o espaço de atendimento bem como um pequeno mostruário dos produtos fabricados. Localizada na desactivada área dos Alambiques procura-se que este espaço seja caracterizado por antigos objectos industriais desenvolvidos a duas cotas. Por sua vez, o espaço exterior que lhe corresponde, está actualmente estabilizado entre muros de contenção que criam uma base plana incrustada na pendente natural. A partir desta plataforma cria-se a oportunidade de pelos elementos existentes, constituir o espaço de entrada. Este espaço exterior dado à chegada, bem como o seu correspondente interior de recepção assimilam assim, os dados espaciais existentes para a sua conformação.

O percurso até à entrada resolve-se por diferentes momentos em que o observador se relaciona com diferentes elementos da envolvente próxima até ao espaço circunscrito. Na descida, pela pendente natural estabelizada, o caminho é feito entre o alçado Este da Adega, a barragem e a restante quinta. A visão é portanto, enquadrada pela altura do alçado Este, levando o olhar por toda a extensão de cultivo. Num dado momento, pelos muros existentes, chega-se a um novo acesso de escadas que na forma de simples lâminas de betão, vencem a cota até à entrada. No sentido de qualificar a entrada, este ponto resolve-se no desenho de uma cobertura segura por vigas, de pequena dimensão, entre o alçado Este e o muro recuperado. O espaço, quase totalmente sobre si encerrado, traduz uma relação com o interior da Adega pelos elementos que se estendem a partir do mesmo interior. Desenhado na referencia a vários projectos, o espaço procura um certo isolamento em contraste com a ampla vista que pelo percurso até ele é estabelecida. No sentido de determinar um momento consciente antes da entrada na Adega, o espaço vive de elementos arquitectónicos que sobre ele preconizam uma imagem fixa, com excepção à árvore, elemento natural, em constante movimento.

Como referência surge a casa d´Arrábida do arquitecto Souto de Moura que sobre o tema da mudança de cota, desenha um pátio escavado pertencente e participativo nas dinâmicas da casa. O acesso a este pátio parte de uma cota alta, na percepção da paisagem envolvente, até a um espaço definido, num perímetro claro, à cota de entrada. O tema do espaço exterior associado à entrada aparece recorrente na obra do Arquitecto Souto Moura. Outro exemplo relevante à analogia com o projecto de tese, é a casa em Alcanena do mesmo arquitecto. O espaço de entrada é o culminar de um percurso que sobre uma paisagem de



img. 103: Esquissos

cultivo se realiza até à casa. Do ponto de vista da experiencia do espaço, este esquema parte de uma dimensão indefinida sobre um território para um contorno claro de um espaço entre o caminho e a porta de entrada. Deixando, por fim sobre o espaço, vestígios do que acontece para lá do que o contem, por meio de vislumbres da paisagem ou do espaço interior que se associa.

Casa na Serra da Arrábida, Setúbal, Portugal, 1994|2002
Arq. Eduardo Souto Moura
"Desde o início que me era claro de que não era necessário fazer um corte na montanha para inserir a casa na paisagem, mas que deveria resolver a complexidade do lugar mediante a compreensão e interpretação do território"

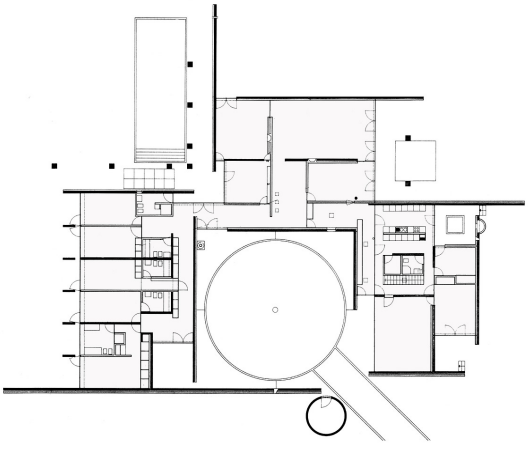
MOURA, Eduardo Souto, em *Eduardo Souto Moura Conversas com estudantes*, Gustavo Gili, Barcelona, 2008, pag. 21

img. 104

img. 105

Casa em Alcanena, Santarém, Portugal, 1987
Arq. Eduardo Souto Moura
"The house sits on a raised mound overlooking lightly undulating terrain of vineyards and fig tree orchards. As one of the few buildings in the area, it commands a panoramic view over the agricultural countryside. Approaching the house across an orchard from the nearby road, a square cour d'honneur with an inscribing circular granite pavement forms the nucleus of the house."

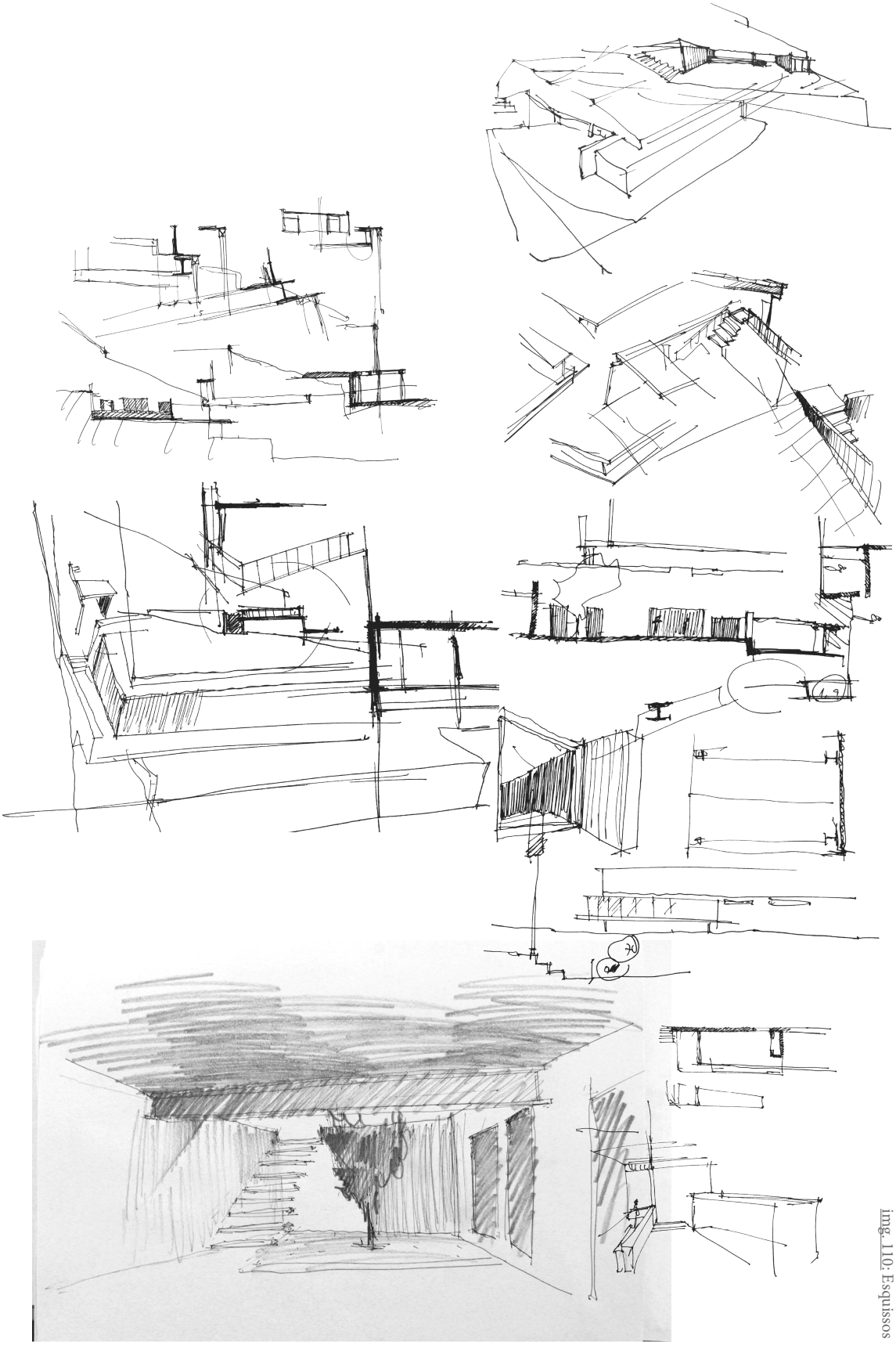
http://www.domusweb.it/en/from-the-archive/2011/03/31/souto-de-moura-house-in-alcanena.html, online a 08/05/2014


img. 106: Planta da casa em Alcanena

img. 107

img. 108

img. 109



img. 110: Esquissos

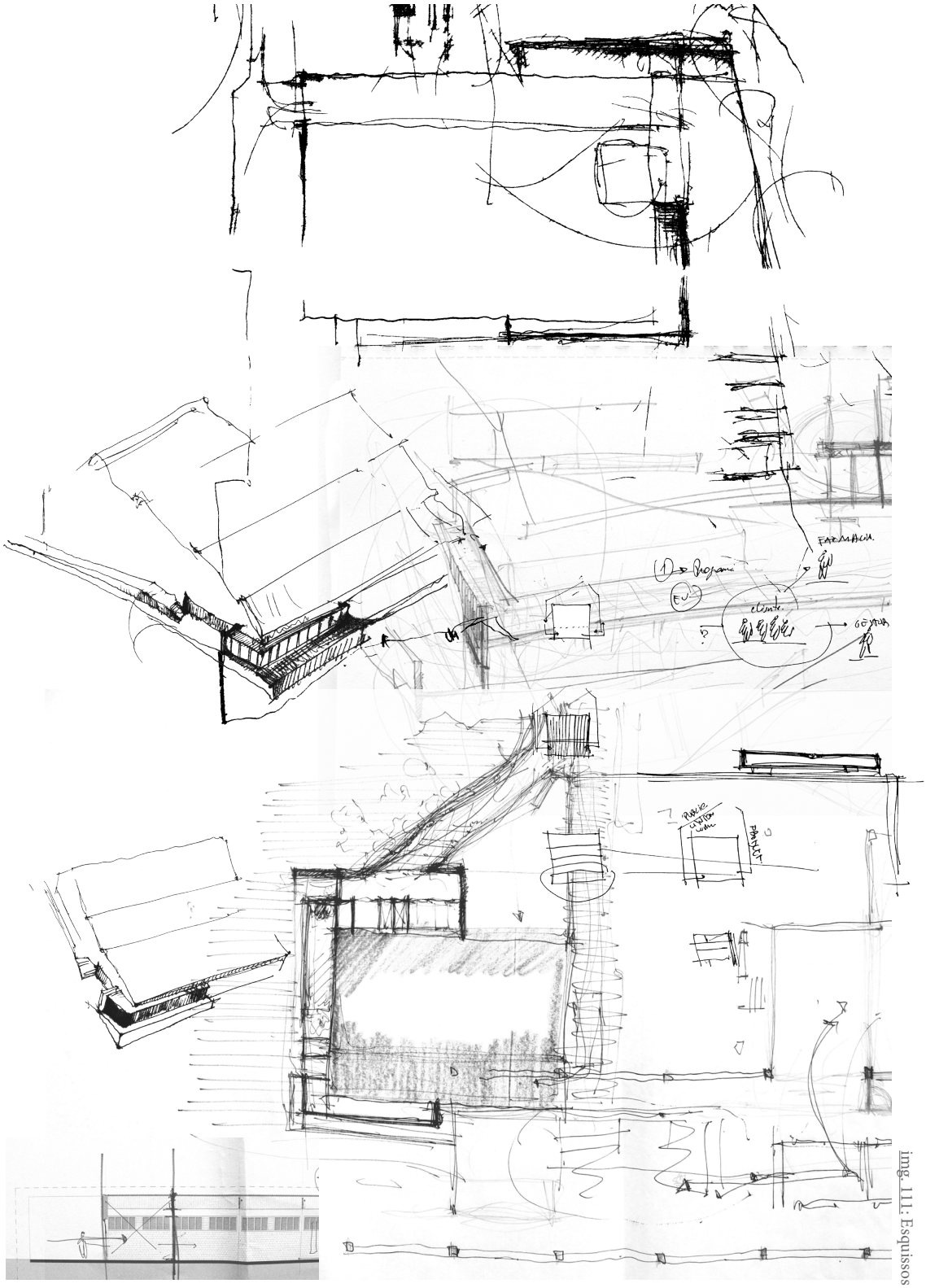
4.

Por um sentido particular a intervenção aqui descrita, pelas progressivas fases de desenvolvimento, concluí-se com o desenho do espaço exterior. Do ponto de vista funcional, o desafio nesta fase, trata o problema de conduzir o utente à respectiva entrada e os veículos de mercadorias ao local de cargas e descargas, sobre um desenho único. O terreno de contacto com a Adega reflecte um modo natural de desenhar percursos, pelo uso, por entre os quais a vegetação, sem controlo, ganha lugar. O desenho de projecto procura estabilizar esta condição natural nos pontos determinantes de forma a assegurar o acesso aos novos pontos de entrada, por contraste às restantes formas naturais que para lá do desenho estabelecido evolvem.

Assume-se assim, uma plataforma ortogonal que ,por um pavimento comum a partir do portão da quinta a Sudoeste, cria um percurso que se divide entre os lados Este e Oeste. A Oeste, encontra-se a zona de carregamento, na relação mais directa com a entrada da quinta e com os restantes acessos dentro da propriedade. A Este estabelece-se uma zona de estacionamento e posteriormente o acesso a uma rampa que sobre a pendente guia o utente até à entrada. Por um desenho contínuo, entre novos elementos já referidos, o percurso pavimentado culmina na zona de varanda, sobre a vinha, no remate de todo o alçado Este. Entende-se desta forma, um desenho, que atento ao novo programa a instalar, resolve uma estratégia interventiva para os percursos exteriores considerando os prolongamentos que o novo uso implica.

Novamente no sentido de estabelecer um diálogo entre duas cronologias, o desenho do pavimento fixou-se pelo recurso a um único material que traçando o limite da Adega contrasta com a linguagem já estabelecida entre os elementos verticais, do edificado, e os horizontais, do pavimento. Assim, por lajetas de betão são traçados os percursos, rematados, em certos pontos, por muros ou bancos em blocos do mesmo material (ver desenho).

A referência para o tratamento deste espaço remete para o projecto de reabilitação do Castelo de Bellver, em Palma de Mallorca, pelos arquitectos Jose Martinez Lapenã e Elias Torrer Tur. No projecto o problema da recuperação do edificado é transposto e quase reduzido à introdução de uma superfície pavimentada que partindo do limite exterior do núcleo edificado resolve problemas funcionais, de circulação e de integração de um novo

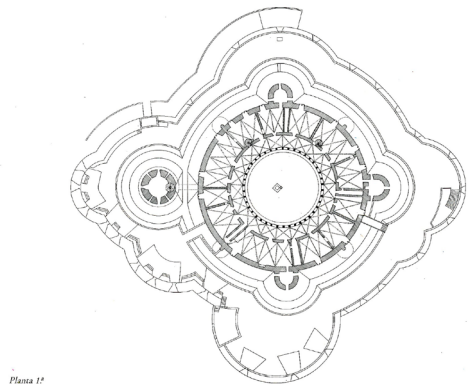


img. 111: Esquissos

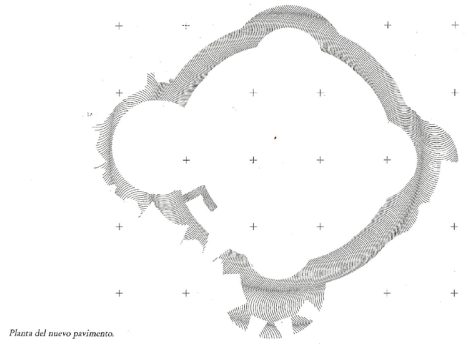
espaço de museu. Por uma base rigorosa, o desenho apropria-se de toda a superfície em redor do castelo até aos seus muros de contenção sobre a paisagem, elevando a cota de circulação e adaptando-se às condicionantes existentes da área. No limite Norte da Adega, na relação com a vinha, a intervenção compreende uma postura idêntica pelo desenho do pavimento, elevado, procurando também, uma relação com a paisagem vinícola da propriedade.

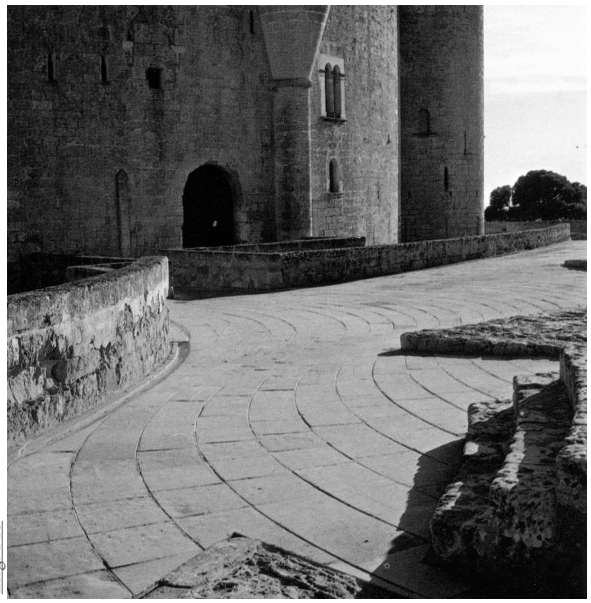
Castillo de Bellever, Palma de Maiorca, Espanha, 1985
Arqs. José António Martinez Lapeña, Elias Torres Tur
"Las obras realizadas tratan de resolver estos problemas de erosión al conducir las aguas por una superficie pavimentada, hasta un único desague situado en el foso entre el castillo y el paseo de ronda. El trazado ondulante está formado por arcos de círculo entrelazados con centros situados en circunferencias concéntricas que se desplazan"

LAPEÑA, José António Martinez, **TUR**, Elias Torres, *Documentos de Arquitectura*, Almería, O.A.A.O., 1988, pag.27

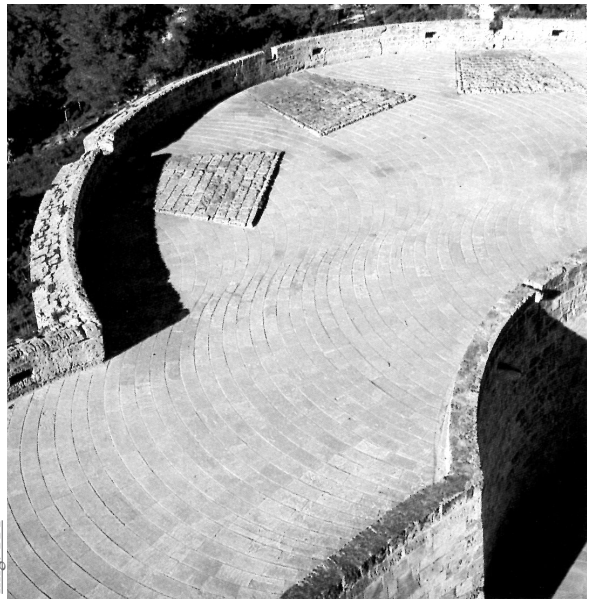


img. 112

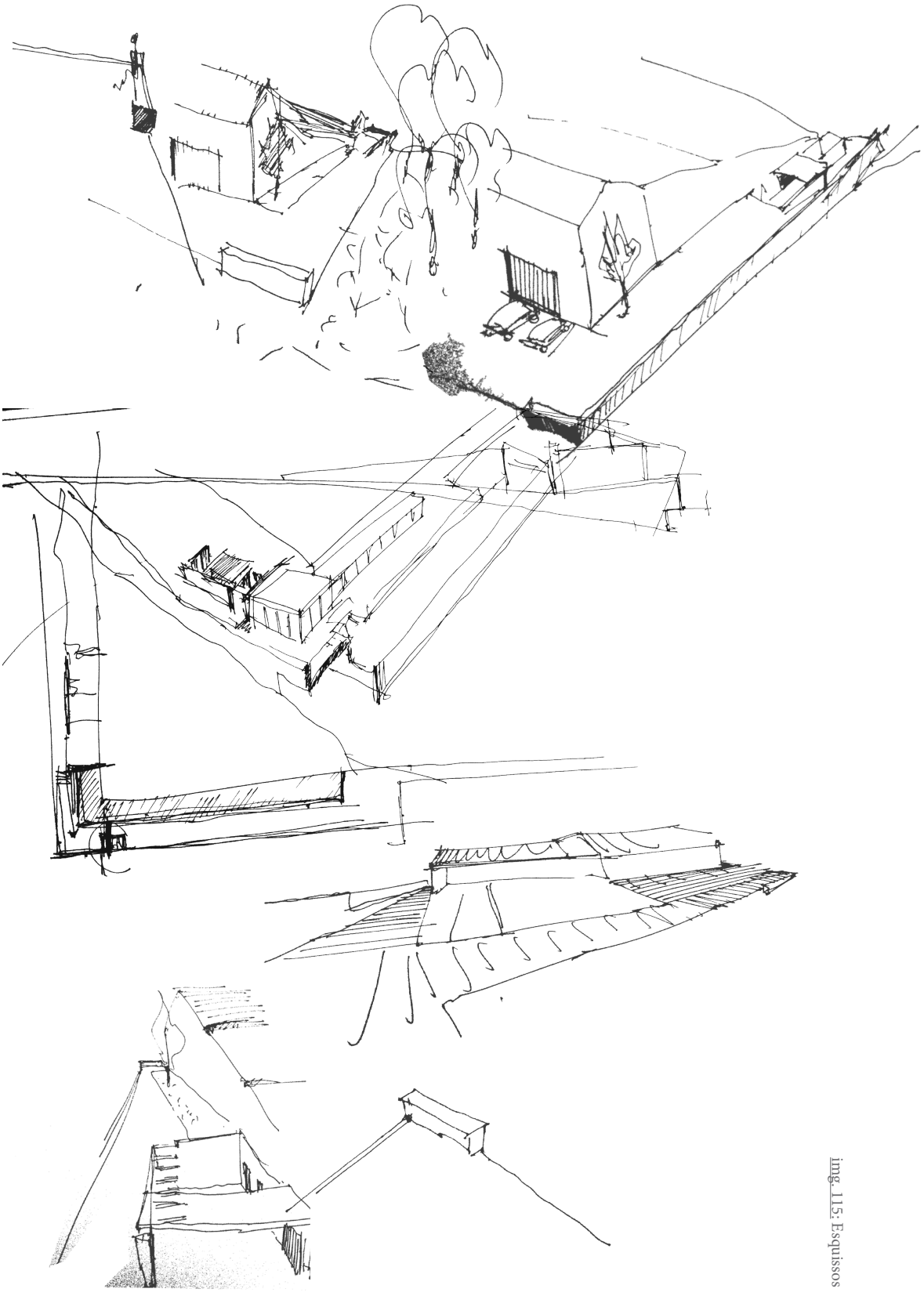




img. 113



img. 114



img. 115: Esquissos

Linguagem

O espaço, no seu desenho para lá de uma concepção esquemática, recorre a materiais que no sentido de validar a estratégia de projecto e os vários princípios interventivos, anteriormente reunidos, trabalham num conjunto caracterizador da forma esperada. Tendo em conta o edifício existente e o programa a adaptar o projecto procura identificar as qualidades plásticas inerentes ao espaço transpondo-as para a conformação do espaço após intervenção.

Assim, garantindo a percepção de uma sobreposição temporal à Adega e mediante uma linguagem pretendida, o espaço interior é marcado pelo volume central circunscrito na materialidade existente, ponderando a sua recuperação: entre as treliças metálicas o revestimento em madeira do plano superior inclinado, o volume centra-se no espaço como um "contentor" naquele local implantado. Revestido a chapa metálica modulada, portas incluídas, o contorno do objecto realça um contraste evidente com a aparência plástica encontrada e a tratar.

Por sua vez, o volume central é intersectado pelo plano vertical existente, à cota do patamar, para uma distinção clara do programa compreendido entre as duas áreas: industrial e administrativa. Desta forma, a zona industrial será revestida a azulejo branco (15x15), por um lambrim de 1,7 metros de altura, fazendo referencia ao revestimento inicial, no sentido de uma boa higienização do espaço. Por sua vez, a zona de entrada e administrativa têm na sua continuidade o envolvimento de uma simples parede branca rebocada. O pavimento será garantido por uma manta vinilica, cor cinza, sobreposta a uma primeira base em betão leve. Os vãos e o seu tratamento compreendem também uma relação entre as duas áreas sectoriais do programa referidas. Na execução de um novo alçado e de uma nova relação com a vinha, o avanço do vão a Nordeste faz-se em toda a secção vertical enquanto na zona de armazém, a Noroeste procura-se manter o desenho do vão existente bem como se pretende a recuperação total, se possível, das caixilharias a avaliar.

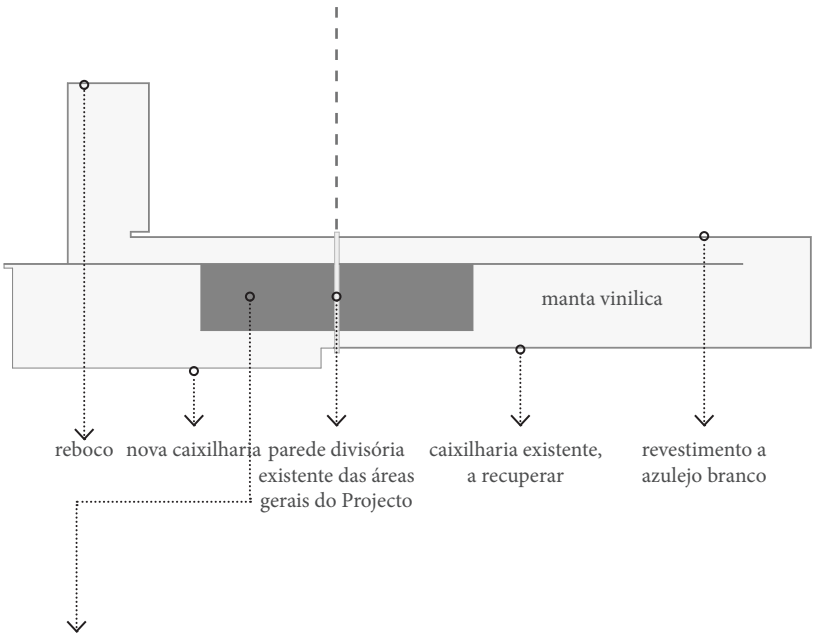
A ideia, os princípios e as intenções tentam ser incorporados nas várias fases de desenho, no apuramento de uma estratégia inicial que resolve não só uma distribuição programática como também a implementação de uma linguagem arquitectónica contemporânea. A concepção procura então, uma caracterização própria pelo contraste de qualidades plásticas associadas a períodos diferentes de acção.

"This can be and has to be done by not copying/faking the old design but drawing lessons recognizing the values and interpreting them in the present context."

BAJRACHARYA, B. -*Vernacular Architecture in Queensland, Australia: Current Planning Issues and Oportunities*, (2003) Queensland University of Technology,

http://eprints.qut.edu.au/4364/1/4364_1.pdf

O seguinte esquema tenta sintetizar as escolhas aqui referidas:

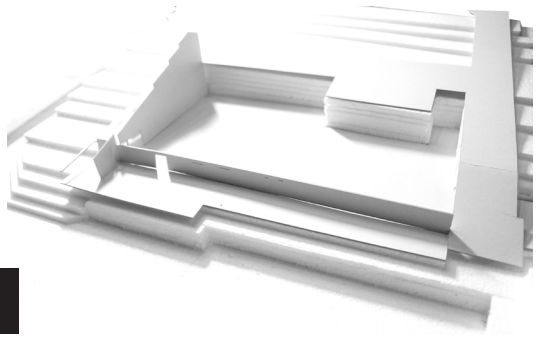


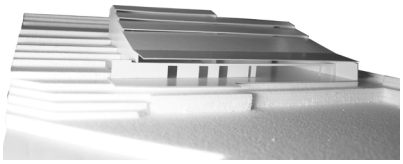
esq.14: Acabamentos

Referencia: Atelier Liliana Guerreiro, Paredes de Coura, Portugal, **Arqs. Filipa Guerreiro, Tiago Correia**

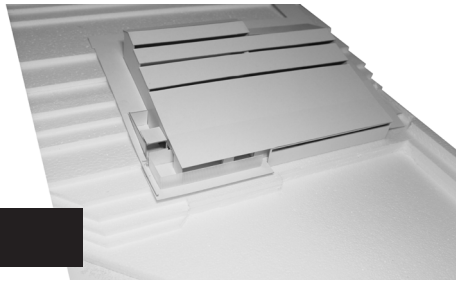
Documentar, pelo processo

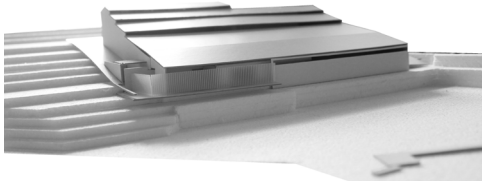
1



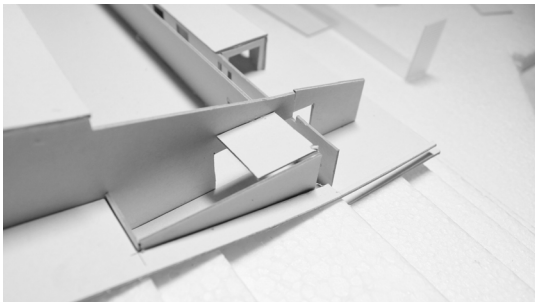


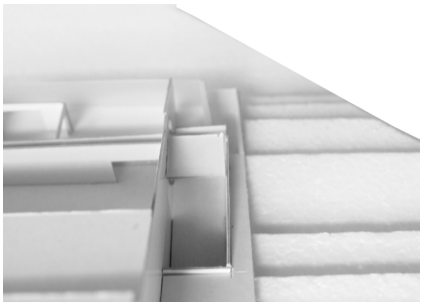
2



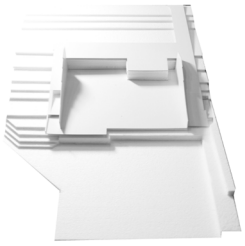


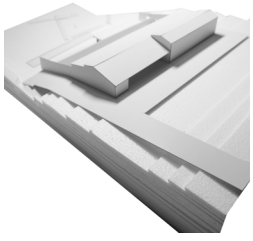
3

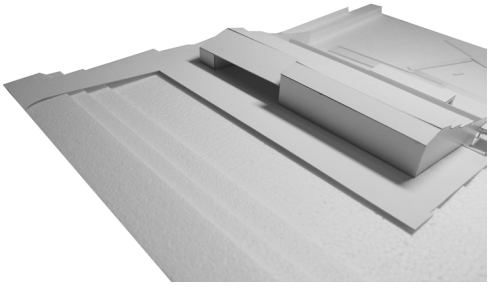


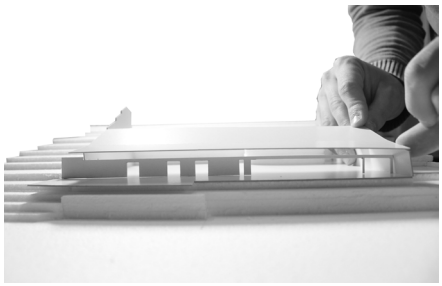
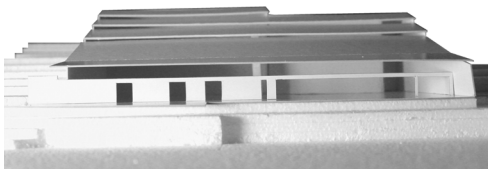
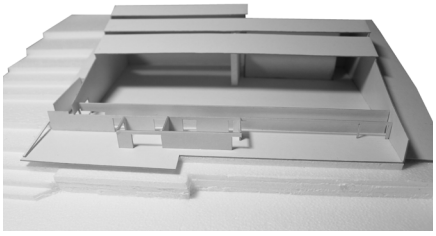


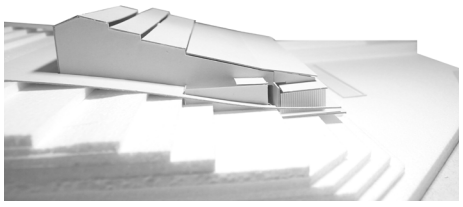
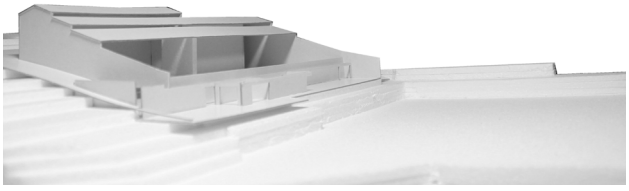
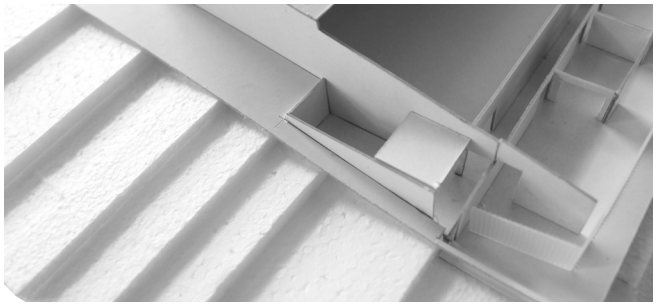
4

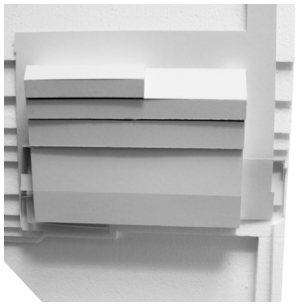
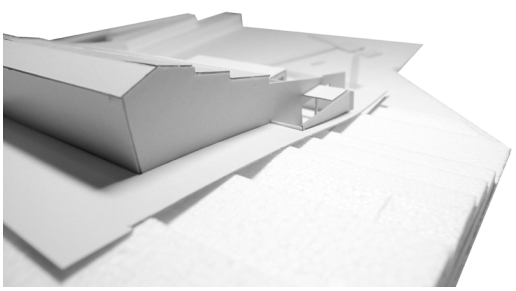
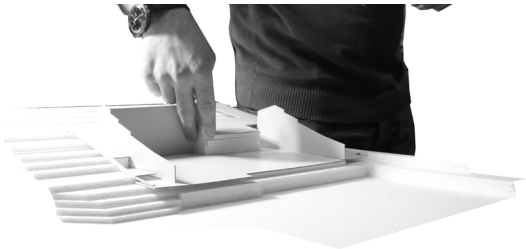






4.3 Proposta de intervenção
Reflexão

A proposta apresentada representa o desenvolvimento de um processo de trabalho que partindo de uma oportunidade foi sendo construída na base do diálogo entre os diferentes agentes do projecto. O conhecimento em Arquitectura permite cruzar temáticas que em conjunto com uma base a cumprir, criam uma narrativa própria sobre o desenho. Embora a proposta apresentada possa ainda sofrer alterações no desenrolar do estabelecimento da estratégia à marca associada, estão já reunidos os princípios arquitectónicos que considerando um valor existente possibilitam o novo uso sobre um contexto particular.

A intervenção atribui um novo valor, pela recuperação, à pré-existencia. Reflecte a oportunidade de operar no potencial de estruturas esquecidas pela sobreposição de novas funções a formas já visualizadas. A versatilidade do corpo arquitectónico é assim, constituída num segundo momento de acção. Implica uma análise critica sobre um meio, que no seu apuramento, confere um novo significado a partir das características encontradas. A reintegração de estruturas desagregadas é um processo de reabilitação que compreende uma nova utilidade ao espaço para além do valor que a imagem, incompreendida, representa.

No projecto de tese a adaptação resultou numa permuta de funções, sobre a qual a antiga estrutura foi exposta a um processo de decomposição critico, de forma a articular, segundo um mutuo beneficio, um novo sistema sobre o já implantado. Desta forma, para a continuidade da antiga estrutura a possibilidade de parte desta ser comprometida entende-se como necessária para a adaptação a novas necessidades. A intervenção, pelo projecto de tese, partiu então, de uma análise parcelar, como um processo de reciclagem da matéria existente, desde a implantação, forma, programa e linguagem que por uma simbiose possibilitou a diversidade do sistema para além da finalidade que a sua primeira função apenas propõe.

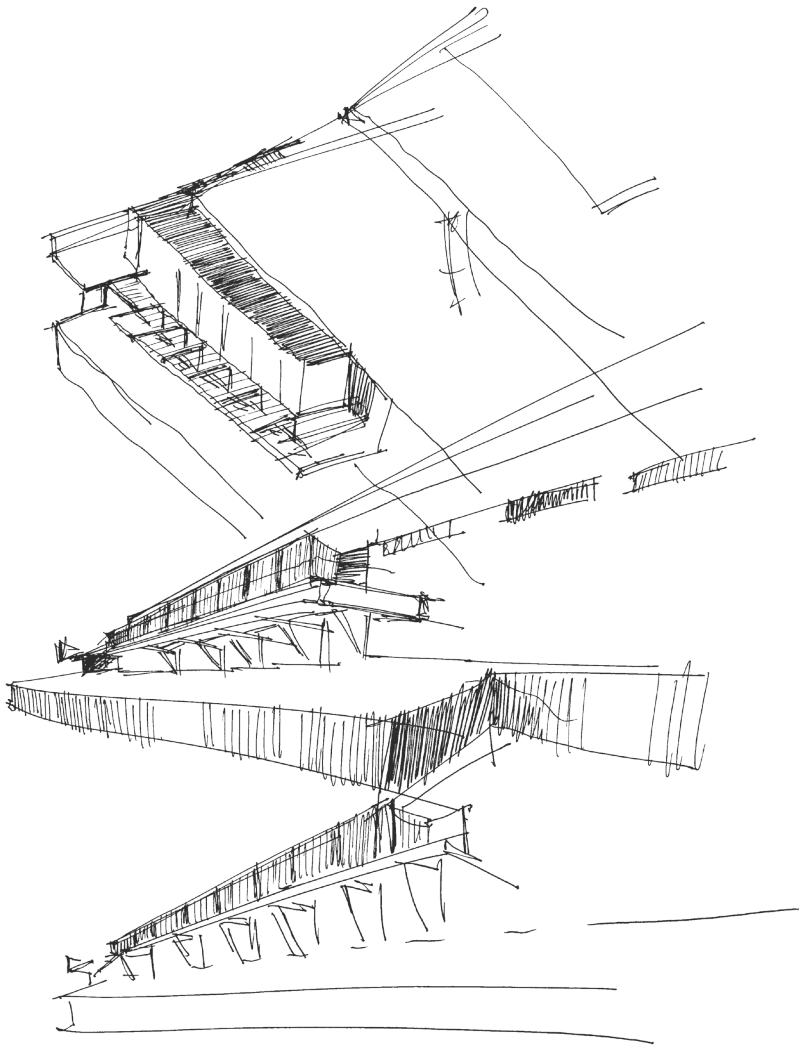
O problema levantado, quanto à recuperação de edifícios industriais devolutos encontra no desenho apresentado uma solução viável à adaptação destes espaços. Tendo em conta uma realidade específica, como a de São Marinho do Campo, o problema espalha-se por toda a região criando, sobre o Território, um vasto conjunto de edifícios esquecidos entre as funções que desempenhavam. Torna-se o problema de uma região e geração que confiante num certo desenvolvimento industrial gerou investimento e produção sobre o qual, hoje em dia, não existe rendimento trazendo sobre a Paisagem o espelho de um desapontamento e

desalento relativamente às expectativas que o Património constituído representa sobre este lugar. Como tal, o projecto de tese, resolve uma solução própria, elucidando um caminho baseado na inversão do sentido programático de estruturas do mesmo tipo.

Importa portanto, reflectir sobre este Território não pelo que foi ou aparenta actualmente mas antes, por onde pode evoluir. Ou seja, considerar os aspectos que o qualificam, como a Natureza, os habitantes, os edifícios construídos, as infra-estruturas estabelecidas e encontrar possibilidades para cada caso particular no sentido de gerar uma actualização do meio pelo seu potencial, não estagnado às formas actuais.

"O passado é uma prisão de que poucos sabem livrar-se airosamente ou produtivamente; vale muito mas é necessário olhá-lo não em si próprio mas em função de nós próprios"

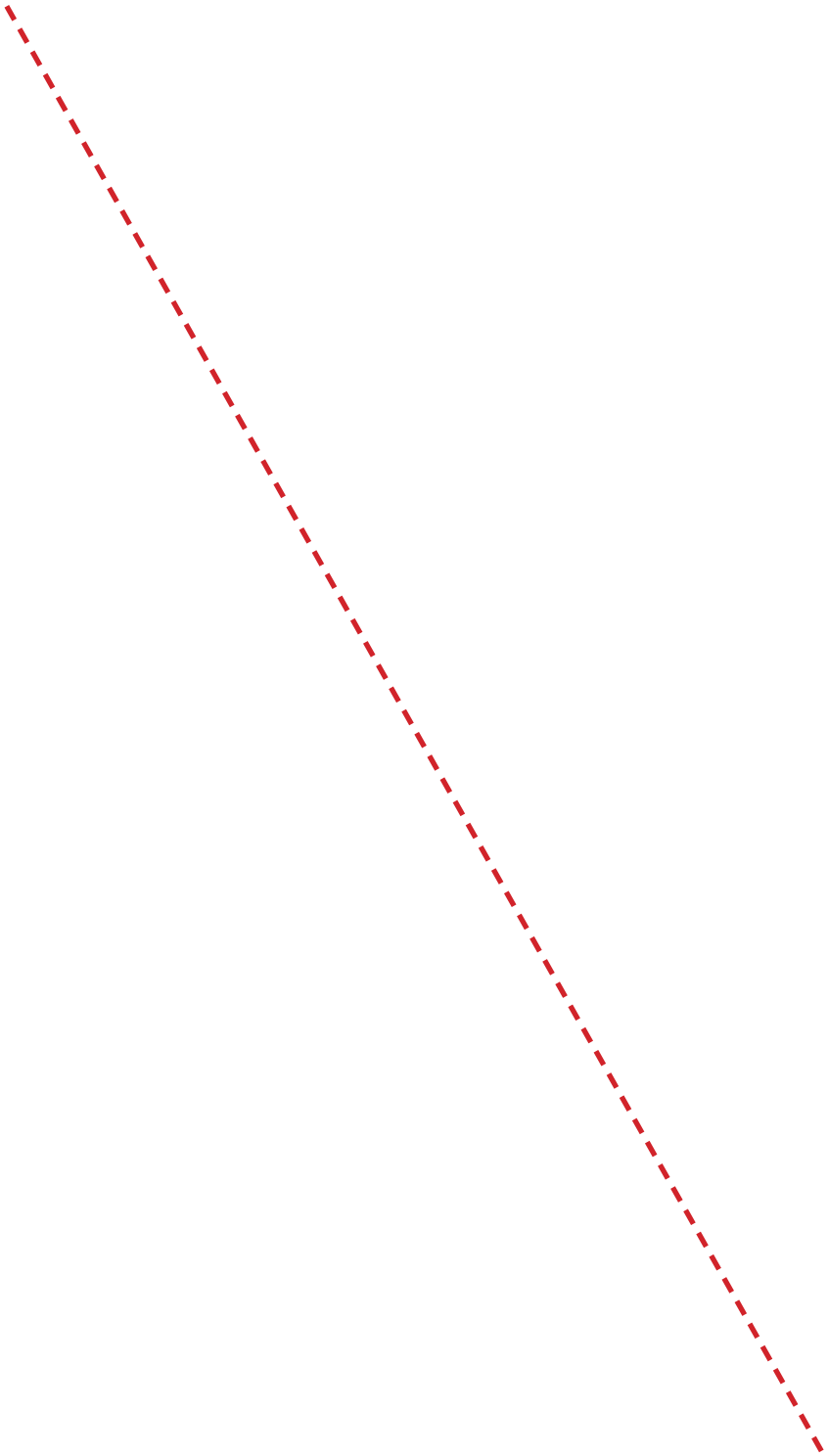
TÁVORA, Fernando, *Textos de Fernando Távora, O problema da casa Portuguesa*, Porto, FAUP Publicações, 1996, pag.11

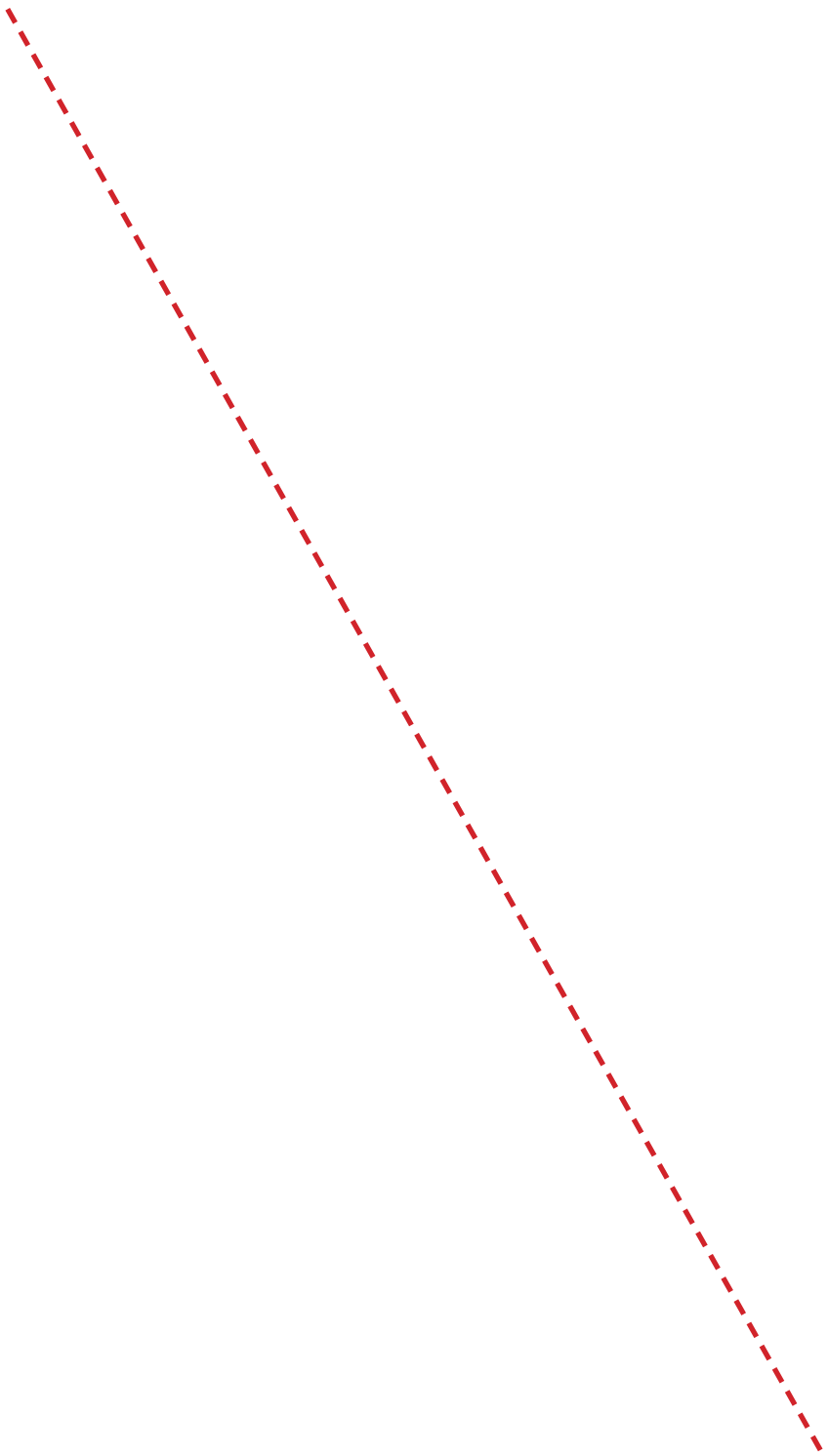


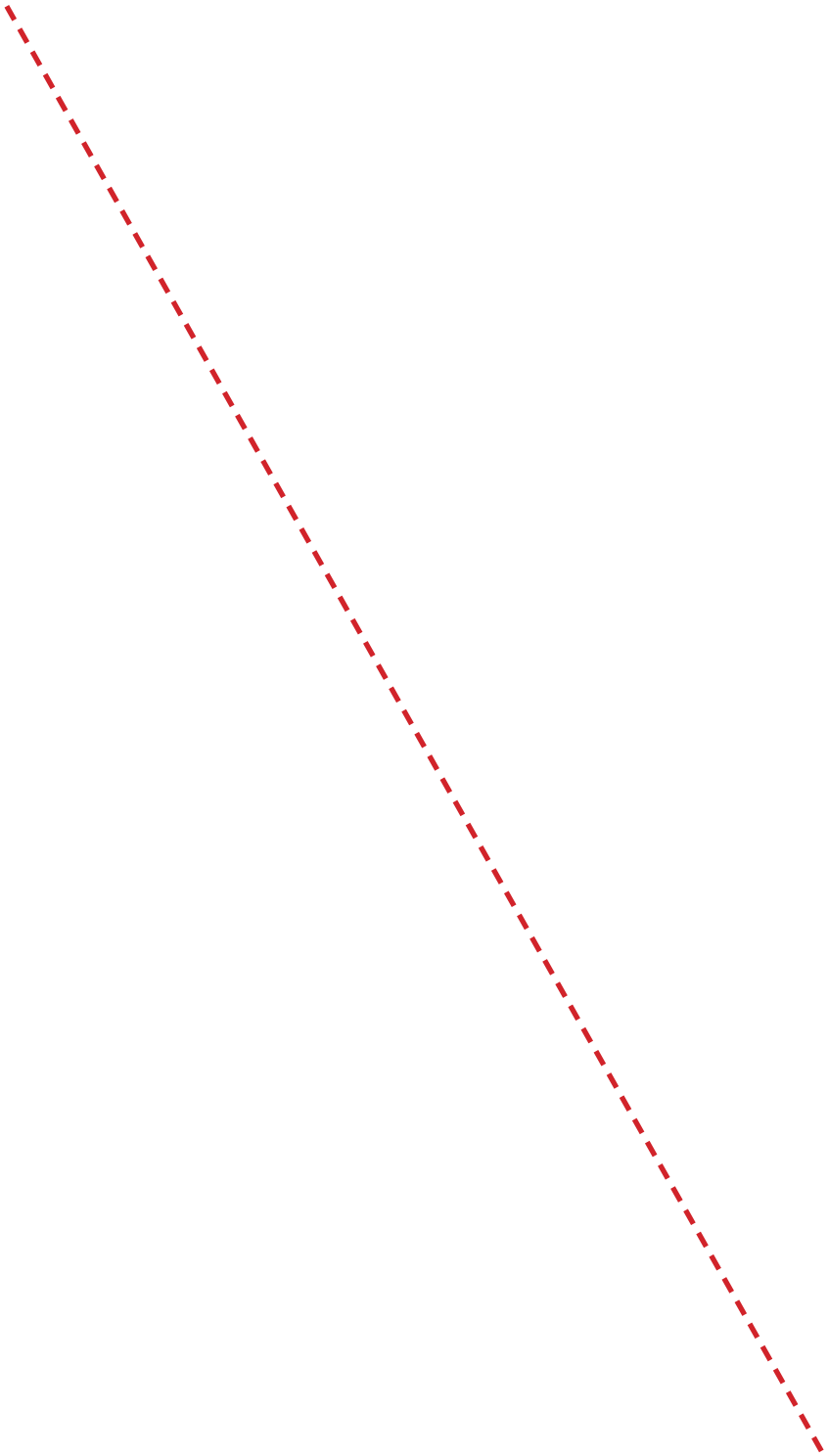
img. 116: Esquissos

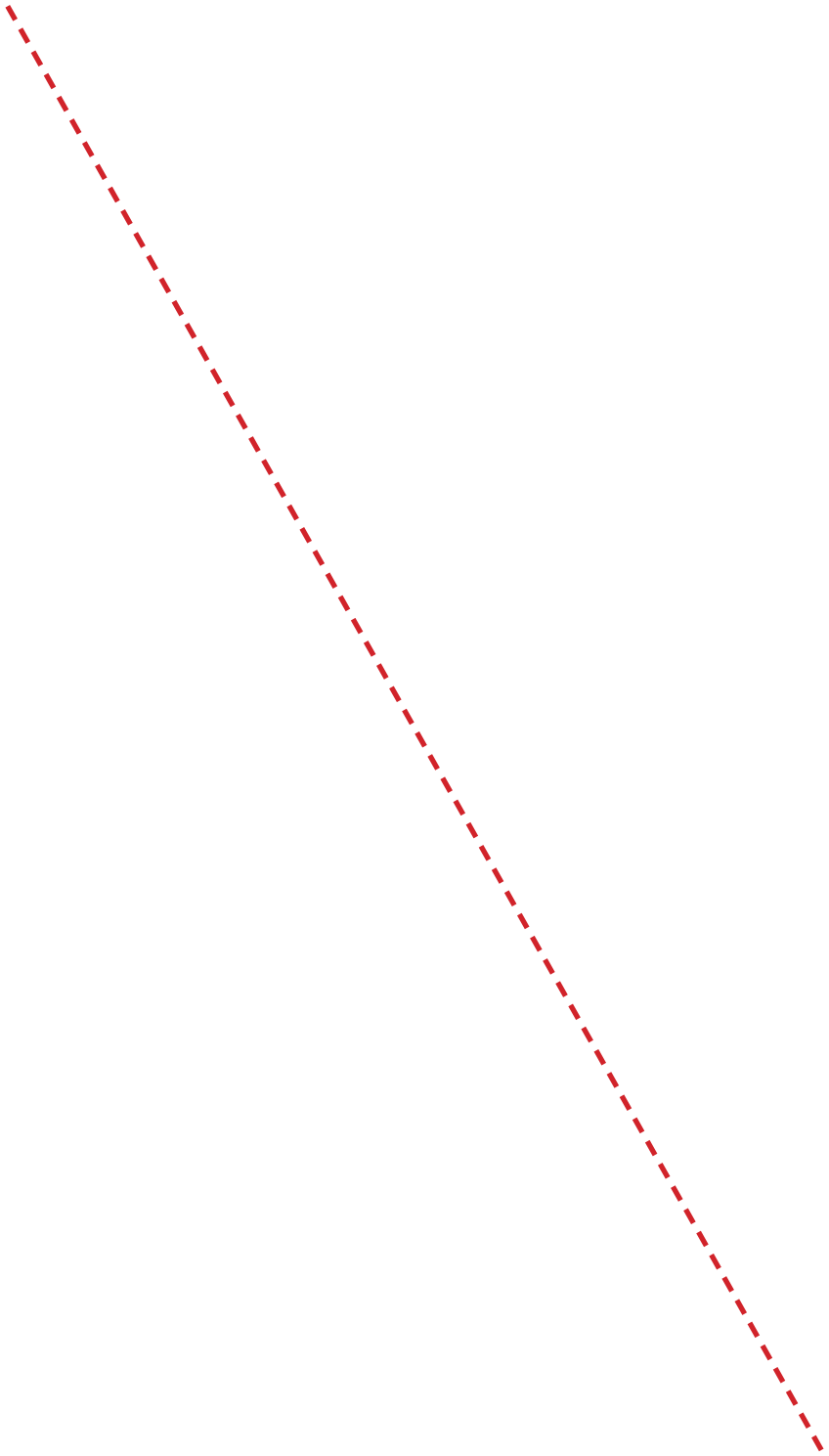
Lista de desenhos

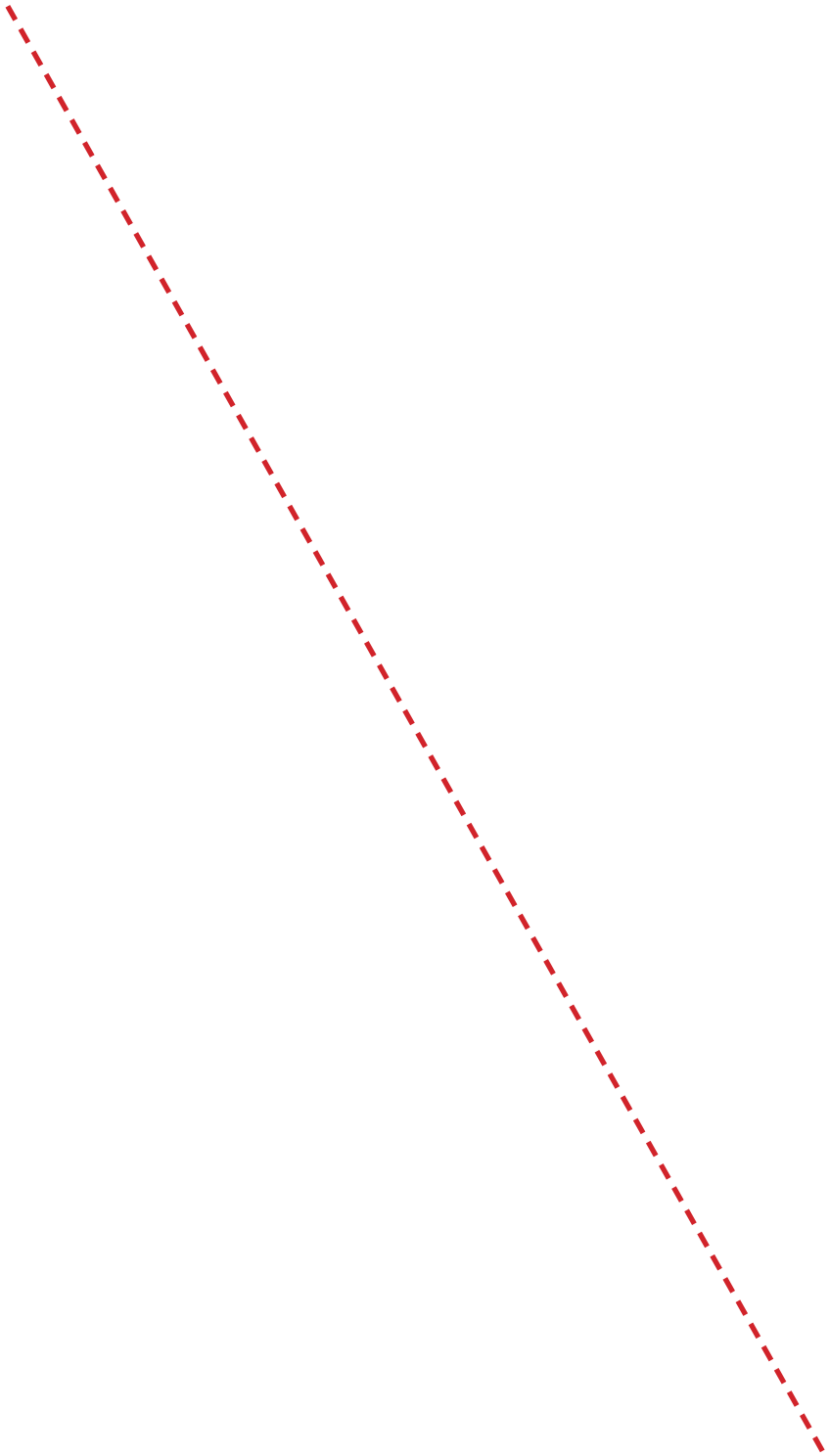
1. Planta de localização
2. Planta de implantação
3. Panta de vermelhos e amarelos
4. Planta do existente
5. Planta do piso a ocupar
6. Alçado norte 1
7. Alçado este 2
8. Alçado oeste 3
9. Cortes longitudinais 4 . 5
10. Corte longitudinal 6
11. Corte transversais 7 . 8
12. Cortes transversais 9 . 10 . 11
13. Corte perspectivado, vistas interiores
14. Vistas exteriores, fotomontagem

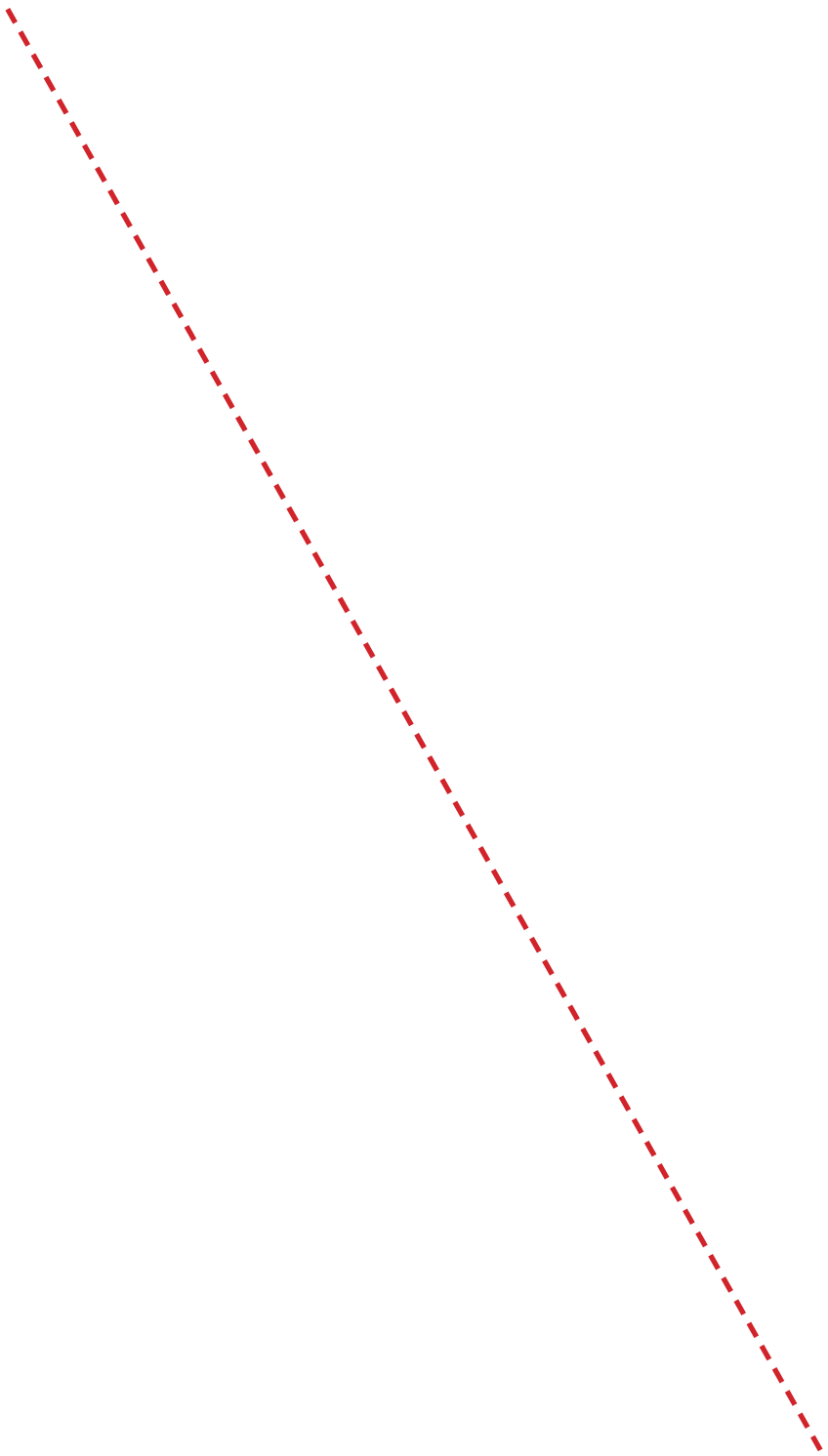


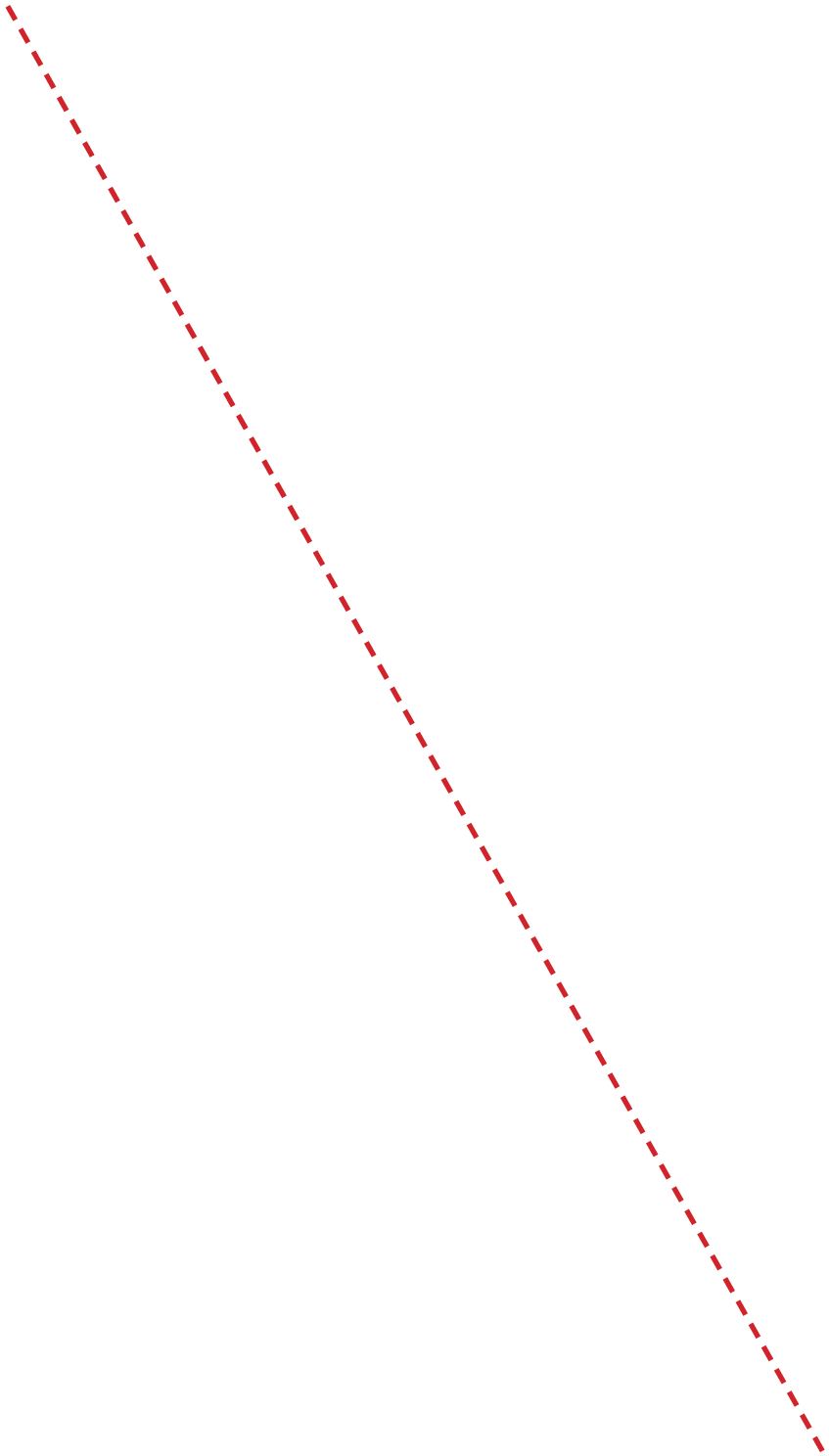


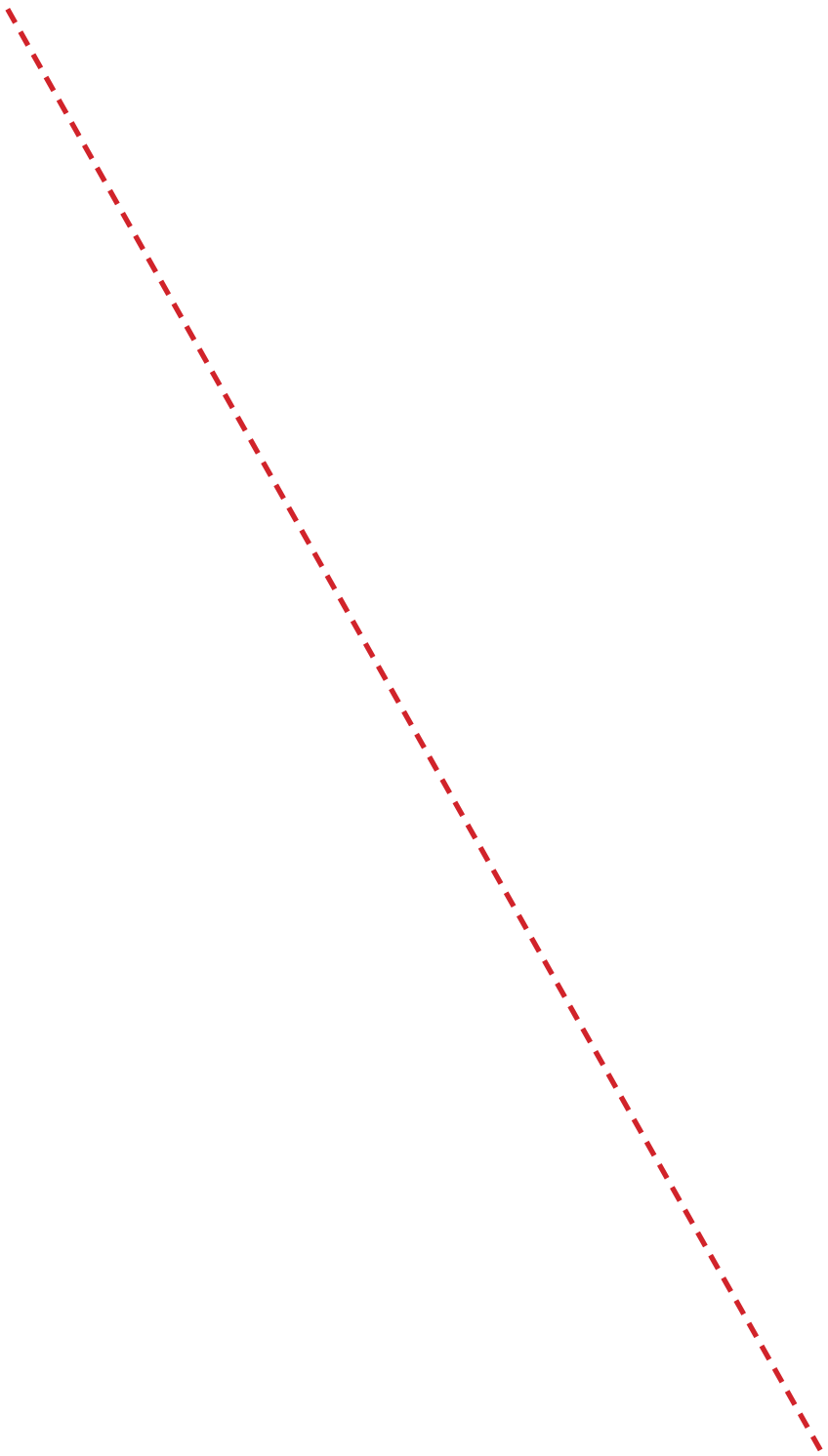


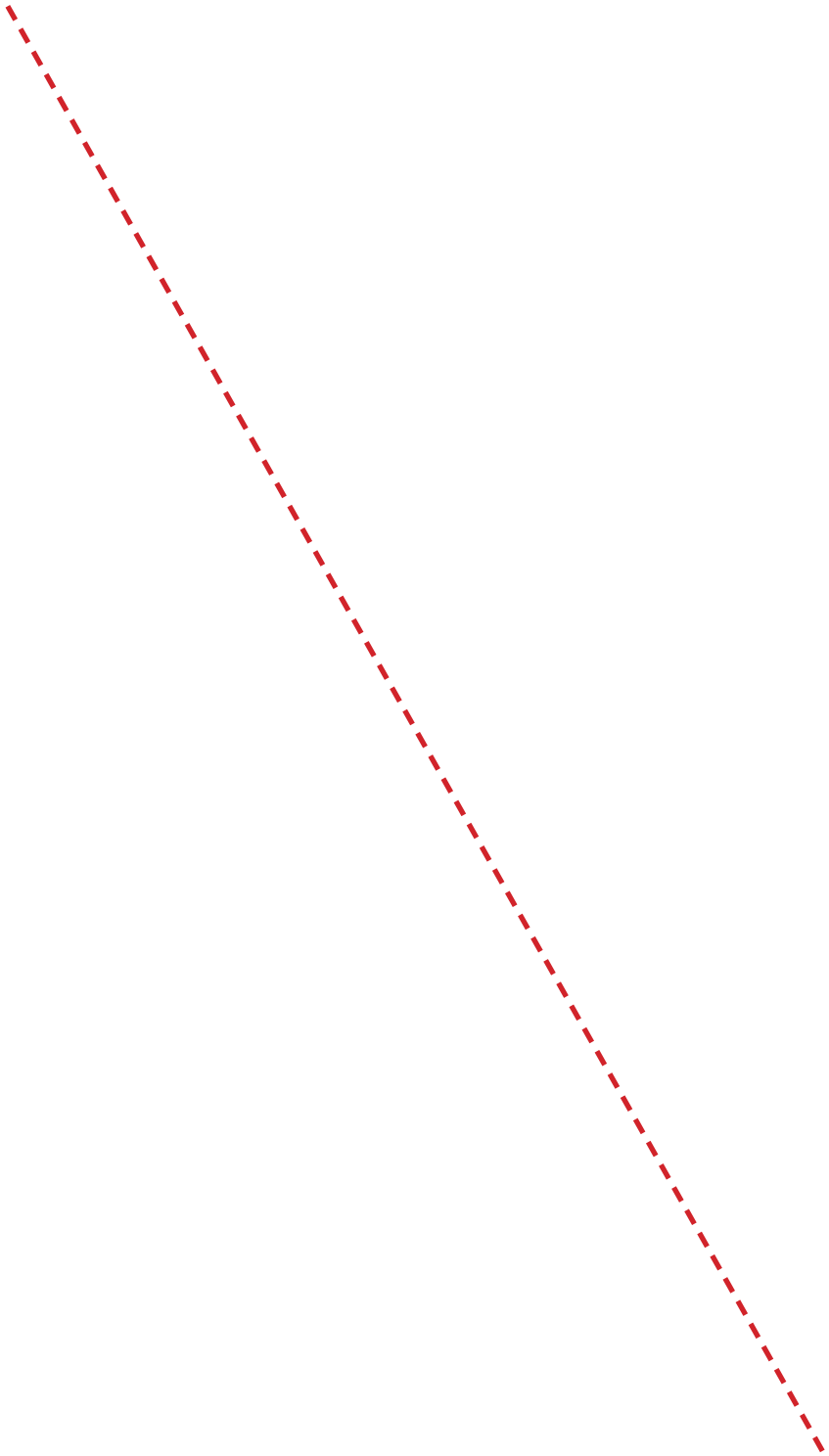


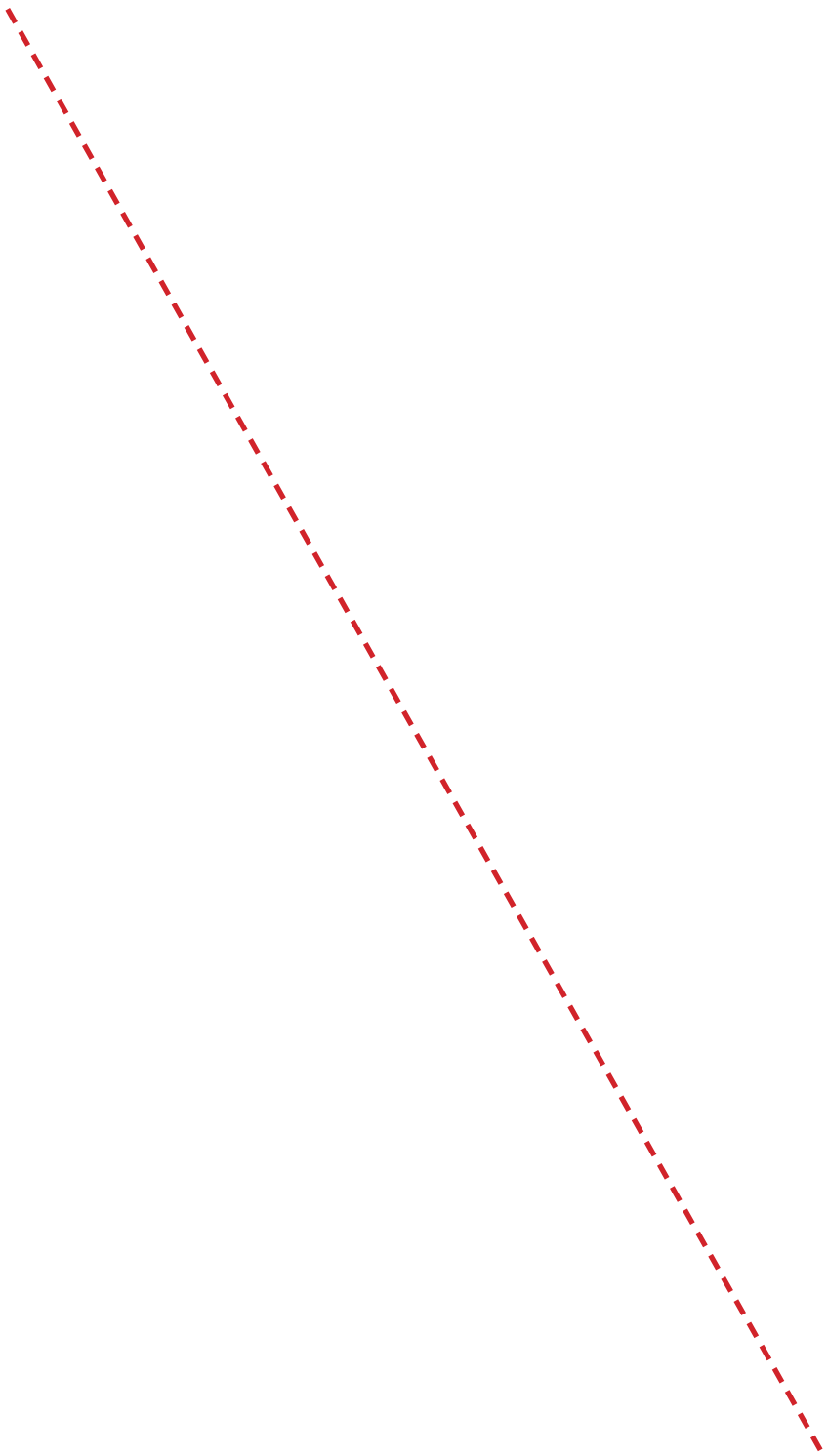


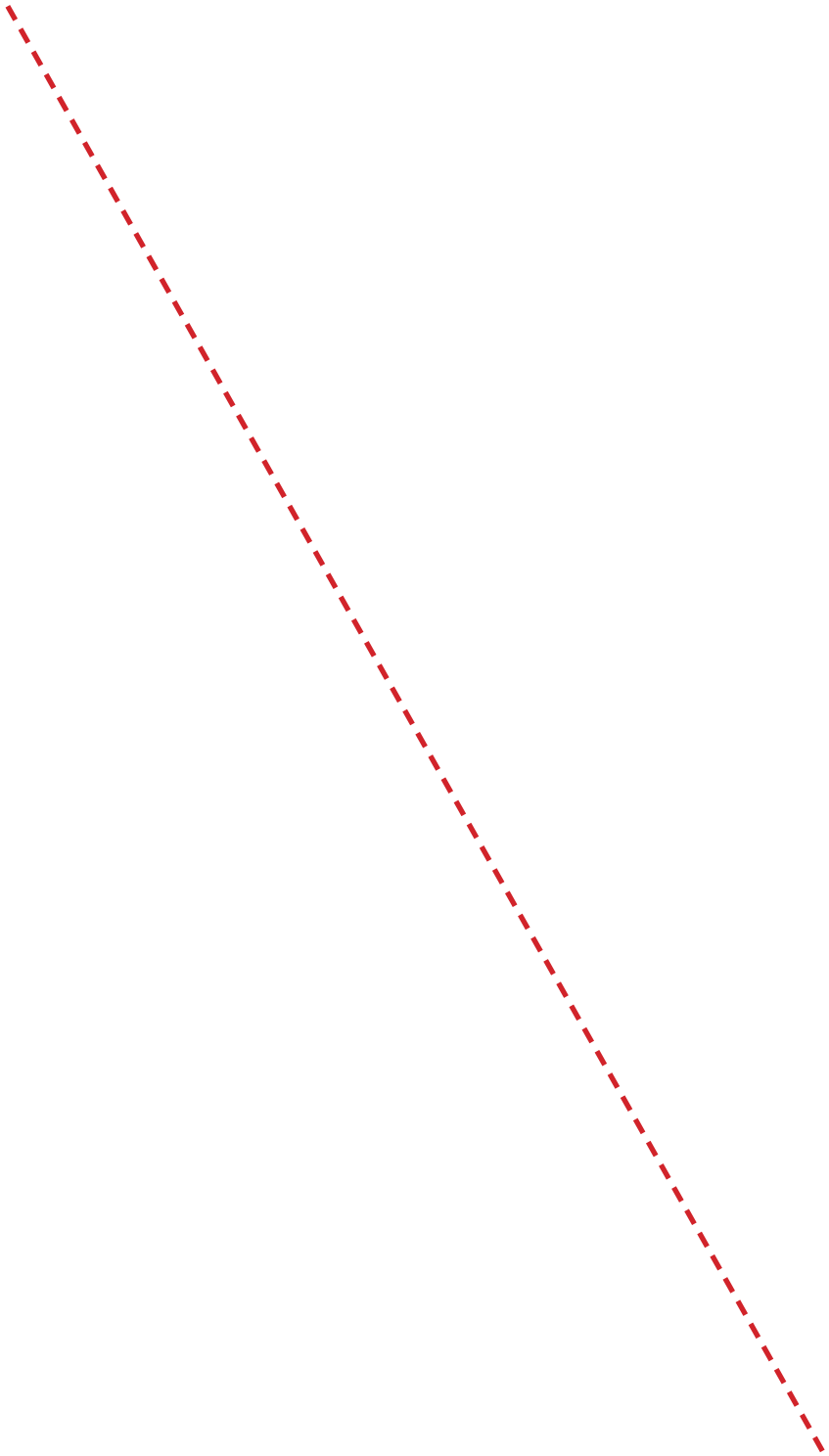


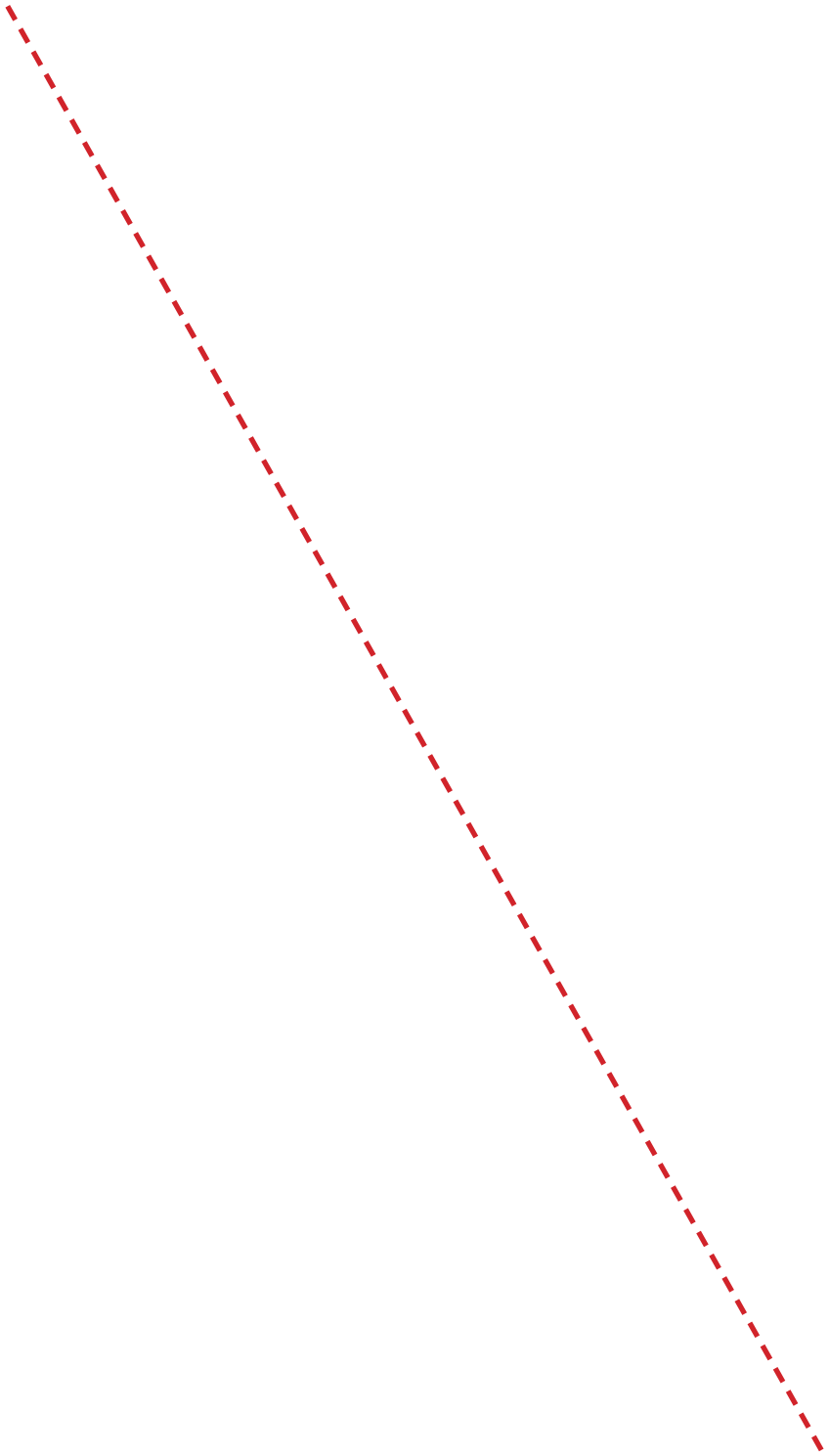


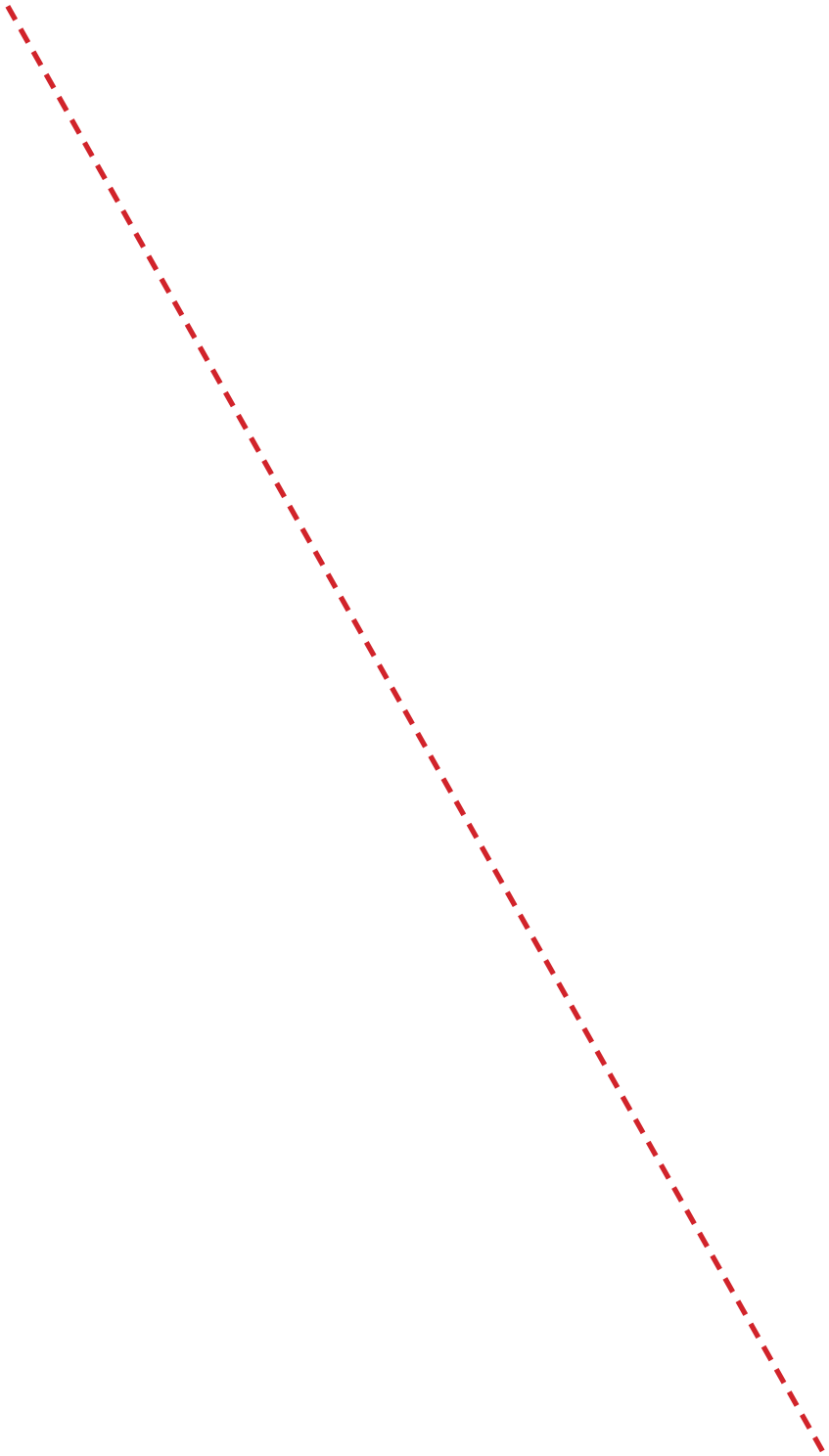






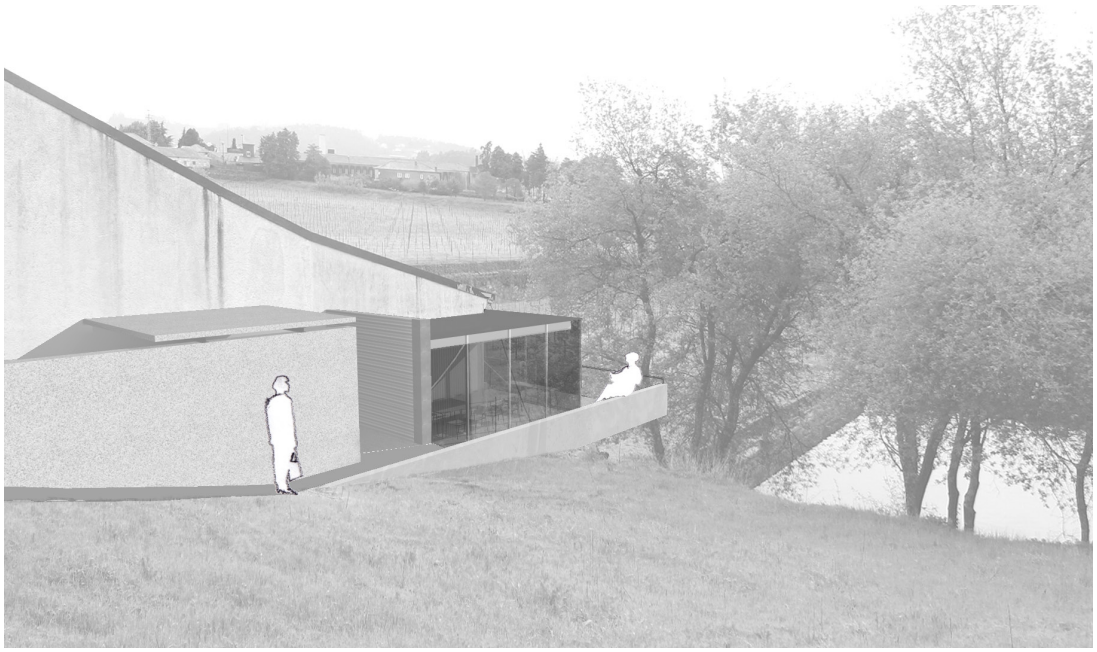






1. Vista exterior, alçado norte, após intervenção

1.Varanda



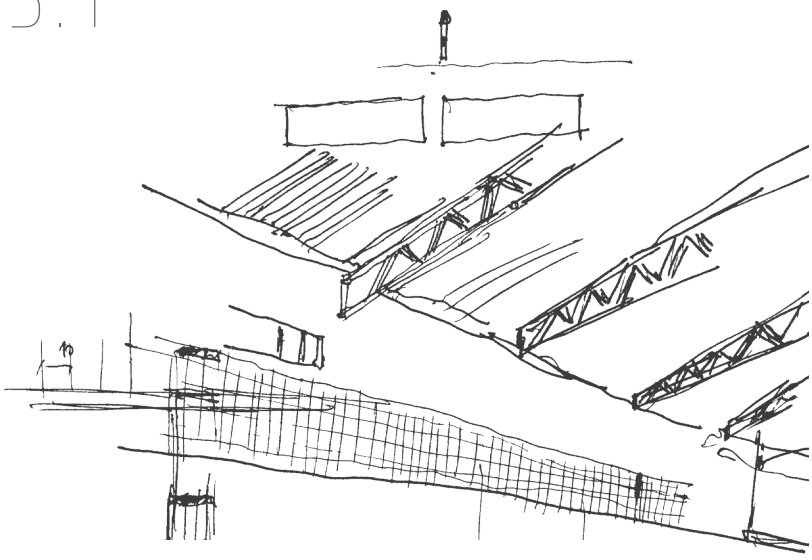
3.Momento de chegada | 4. Varanda, na relação com a vinha

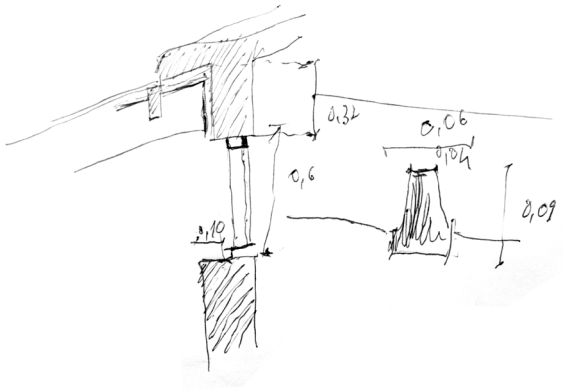
5.1 Desenhos de levantamento

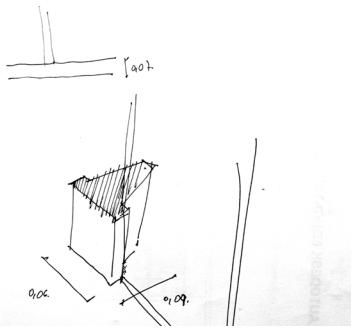
5.2 Levantamento fotográfico

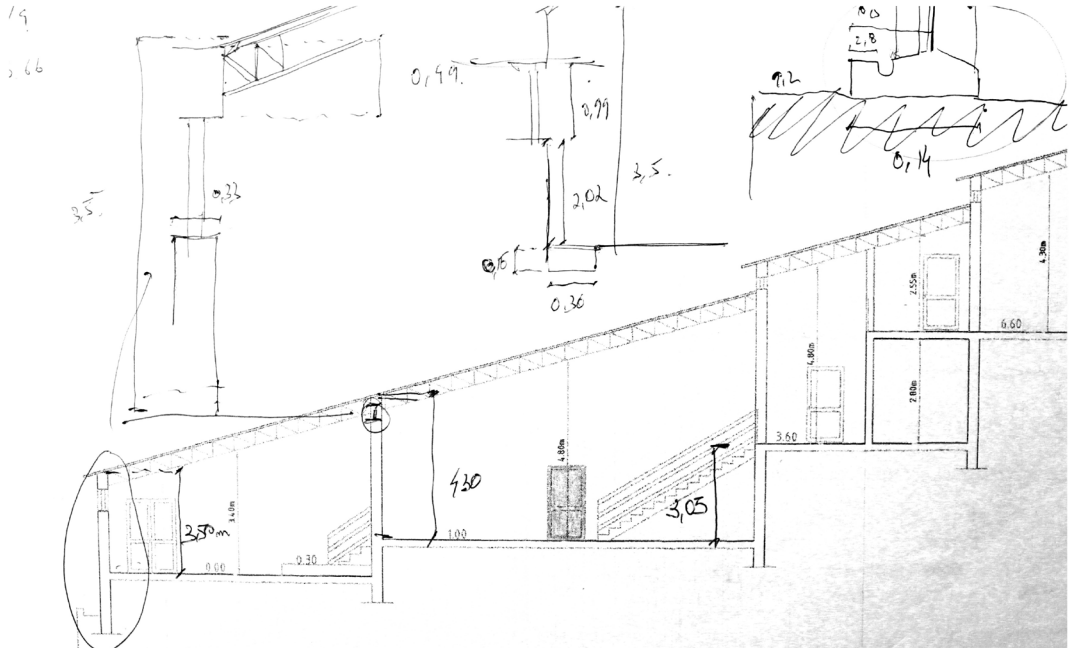
5. Anexos

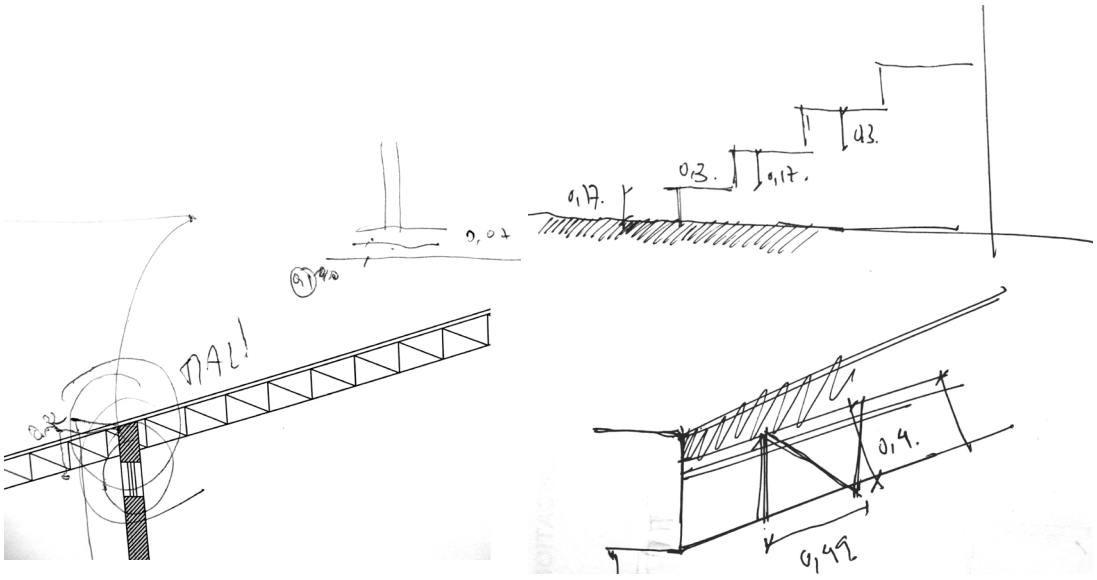
5.1 Desenhos de levantamento

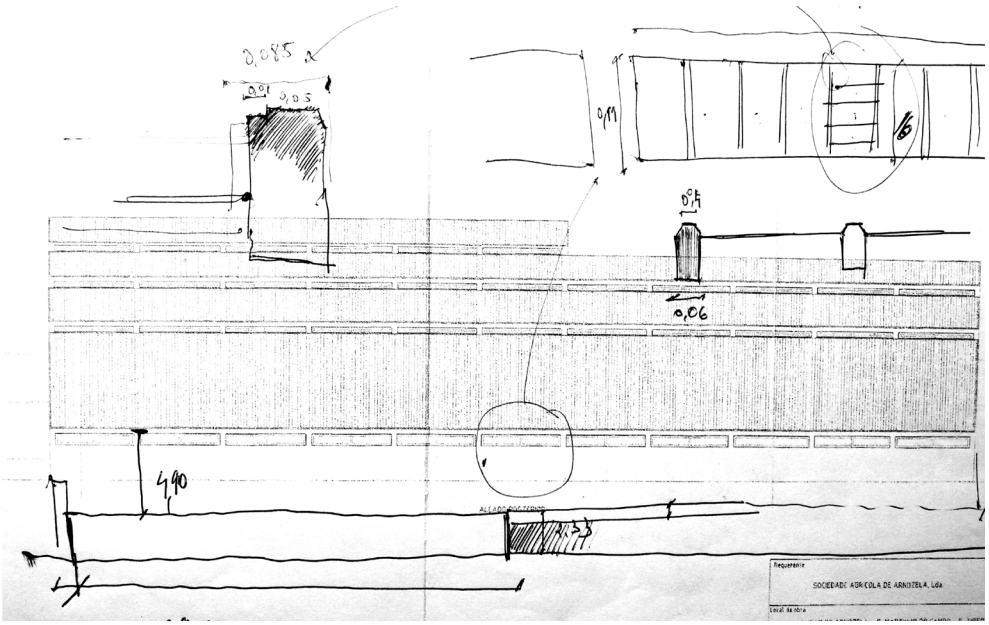


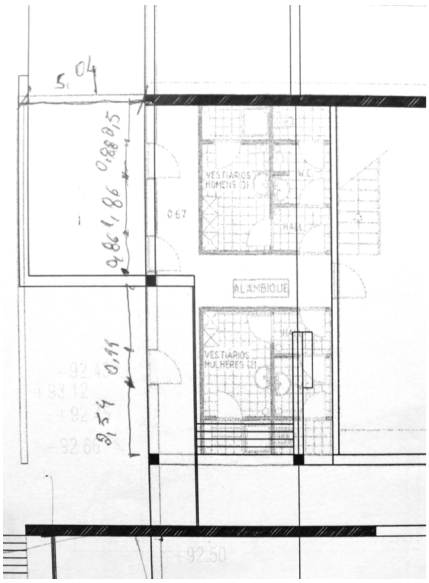


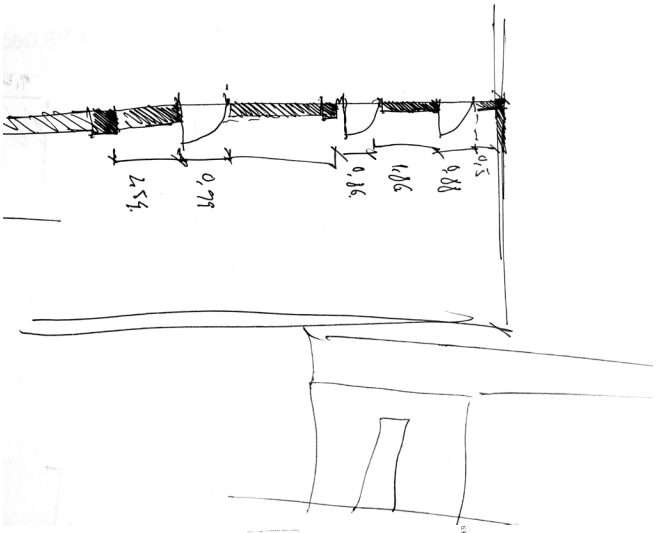


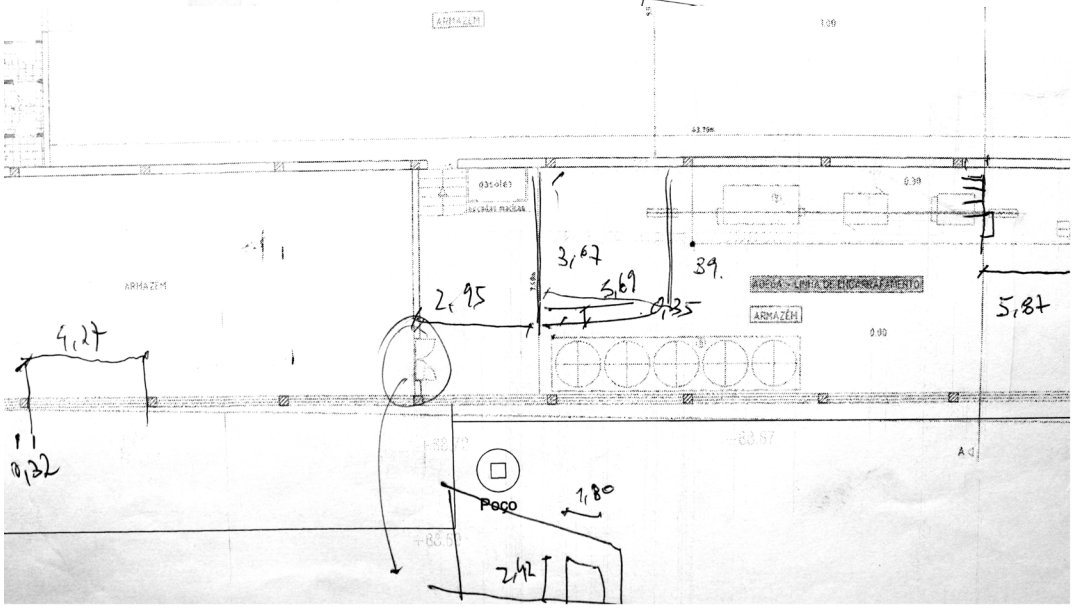


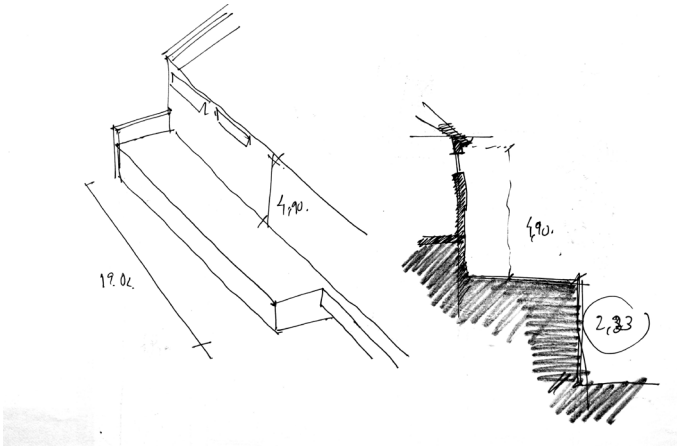

0,07
0,17.
0,3.
0,17.
0,3.
0,4.
0,49

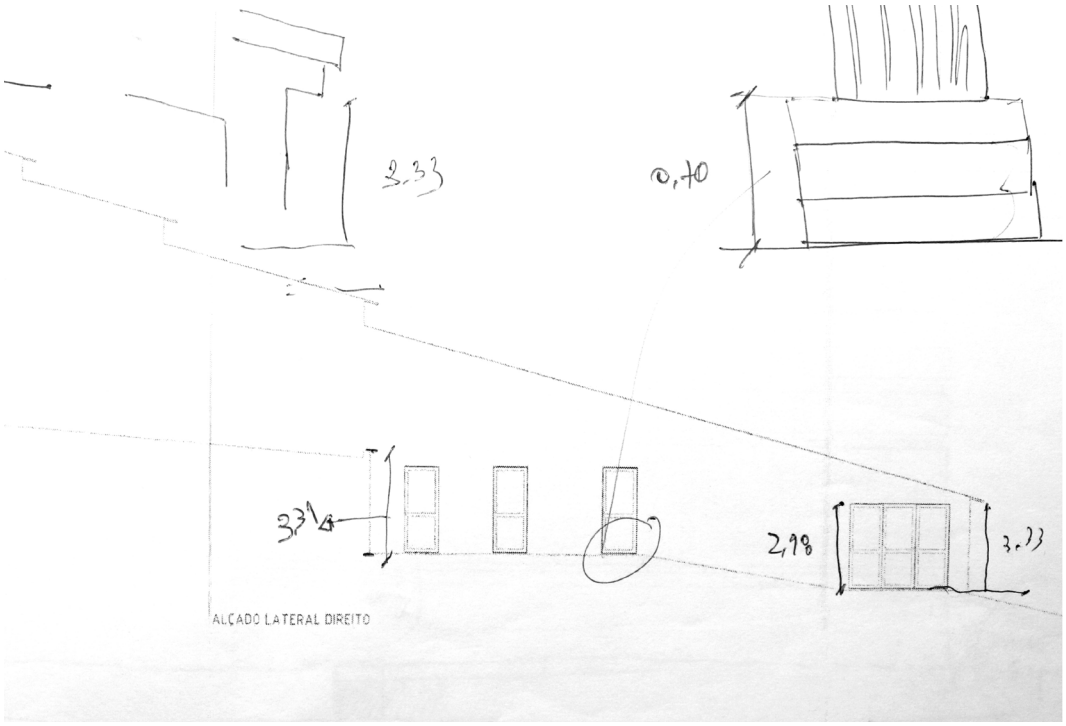

0,085
0,05
0,06
4,90
SOCIEDADE AGRÍCOLA DE ARNOZELA, Lda


5,04
0,88
0,5
1,86
0,86
0,11
8,54
VESTIÁRIOS HOMENS (3)
W.C.
HALL
ALAMBIQUE
VESTIÁRIOS MULHERES (2)
+92.50


2,54
0,79
0,86
1,86
0,88
0,5


ARMAZÉM
ARMAZÉM
3,67
5,69
0,35
39.
2,95
4,27
0,32
5,87
ARMAZÉM
Poço
1,80
2,42


4,90.
19.0c.
4,90.
2,33


2.33
0,70
3,33
2,98
3,33
ALÇADO LATERAL DIREITO

5.2 Levantamento fotográfico

Bibliografia

Livros

A Carta de Atenas, (1932); Tradução de Maria de Lourdes e F. Castro Rodrigues (1941).

ANDRADE, Monteiro de, *Plantas antigas da cidade : século XVIII e primeira metade do século XIX*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1943

Arquitectura em Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave, Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008

BENEVOLO, Leonardo, *O último capítulo da Arquitectura Moderna*, Lisboa, Edições 70, 1985

BOYER, Christine, *The city of Collective memory its historical imagery and architectural entertainments*, London, The MIT press, 1996

BRADBURY, Dominic, *The Iconic House: Architectural Masterworks Since 1900,* Thames & Hudson, University of California, 2009

CARDOSO, Isabel Lopes, P*aisagem Património*, Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2013

CALVINO, Italo, *As cidades invisíveis*, Lisboa, Ed. Teorema, 1993

CAMPOS, Nuno, *Guia de arquitectura: espaços e edifícios reabilitados*, Porto, Traço alternativo, 2012

CELESTINO, García Braña, *A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005

COSTA, Pedro Campos, Louro, Nuno, *2 linhas: retracto sensorial do país,* Lisboa, Costa, Pedro Campos, Louro, Nuno, 2009

COUSIGLIERI, Victor Manuel Jorge, *A morfologia da arquitectura: 1920 a 1970*, Lisboa, Faculdade de Arquitectura. U.T.L., 1992

Dicionário da Língua Portuguesa; Porto Editora; Porto

DOMINGUES, Álvaro, *A rua da estrada*, Porto, Dafne, 2009

FERREIRA, Alfredo Durão de Matos, *Aspectos da organização do espaço português*, Porto, Faup Publicações, 1995

FRAMPTON, Kenneth, *Introdução ao estudo da cultura tectónica*, AAP (Cadernos de Arquitectura), 1998

GRACIA, Francisco de, *Construir en lo construido : la arquitectura como modificación*, Madrid, Nerea, 2001

GRANDE, Nuno, *O verdadeiro mapa do universo: uma leitura diacrónica da cidade portuguesa*, Coimbra, Ed. Darq, 2002

GRONDONA, Javier, *Rehbilitación y vivienda en Sevilla: renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica:1975-1988*, Sevilla: C.O.A.A.O., 1989

Hall, Edward T., *A dimensão oculta*, Lisboa, Relógio de Água, 1986

Livro branco da arquitectura e do ambiente urbano em Portugal, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1995

MARTINEZ Lapeña, José António, Torres Tur, Elias, *Documentos de Arquitectura*, Almería, O.A.A.O., 1988

MOLA, Francesc Zamora, **SERRATS**, Marta, *Eduardo Souto de Moura Arquitecto*, Lisboa, Bertrand Editora, 2010

MORALES, Ignasi de Sola, *Inscripciones, práticas teóricas, práticas históricas, práticas arquitectónicas*, Barcelona, Gustavo Gili, 2003

MOURA, Eduardo Souto Moura, *Eduardo Souto Moura Conversas com estudantes*, Barcelona, Gustavo Gili, 2008

TEYSSOT, Georges, *Da teoria da Arquitectura: Doze ensaios*, Lisboa, Edições 70, 2010

YONA, Friedman, *Pro Domo / Yona Friedman*, Barcelona, Actar, 2006

POPPER, Karl R., *O mito do contexto: em defesa da ciência e da racionalidade*, Lisboa, Edições 70, 1999

Regulamento Geral de Segurança e Higiene do trabalho nos estabelecimentos industriais, Cadernos de Divulgação, Lisboa, 1987

RIVERA, *Restauración Arquitectónica Desde Los Orígenes Hasta Nuestros Días. Conceptos, Teoría e Historia in Teoría e Historia de la Restauración*,1997

RIVAS, Juan Luís de las, *El espacio como lugar : sobre la naturaleza de la forma urbana*, Valladolid : Universidad. Secretariado de Publicaciones, 1992

ROGERS, Richard, *Architecture: a modern view,* London, Thames and Hudson, 1991

ROWE, Colin, *Collage city*, Cambridge, The MIT Press, 1978

SORIANO, Federico, *100 hipermínimos y uno último de Francisco Jarauta*, Madrid, Lampreave, 2009

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, Porto, FAUP Publicações, 1993

TÁVORA, Fernando, *Textos de Fernando Távora, O problema da casa Portuguesa*, Porto, FAUP Publicações, 1996.

WILHEIM, Jorge, *Urbanismo no subdesenvolvimento*, São Paulo, Editora Saga, 1969

ZUMTHOR, Peter, *Pensar a arquitectura*, Barcelona, Gustavo Gili, 2005

Capítulos (por autores diferenciados)

BESSE, Jean Marc, *Estar na paisagem*, em **CARDOSO**, Isabel Lopes, *"Paisagem Património"*, Porto, Dafne (Equações de arquitectura; 65), 2013

CAMPOS, João de Castro Torres, Ricardo, **DAVID** Fonseca, **PALMA**, Helena Rolão, **GOUVEIA**, Margarida Ramos, **CAMPOS**, Tiago Torres, **MÚRIAS**, Tomás, *Ave, uma Ruptura para uma nova identidade*, em "*Arquitectura em Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave*", Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008

DIEDRICH, Lisa, *Entre a Tábua Rasa e a Museificação*, em **CARDOSO**, Isabel Lopes, *"Paisagem Património"*, Porto, Dafne (Equações de arquitectura; 65), 2013

DOMINGUES, Álvaro, *Paisagem e Identidade, à beira de um ataque de nervos*, em **COSTA**, Pedro Campos, **LOURO**, Nuno, *"2 linhas: retracto sensorial do país"*,Lisboa, Costa, Pedro Campos, Louro, Nuno, 2009

DOMINGUES, Álvaro, *Transgénicos*, em "*Arquitectura em Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave"*, Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008

FIGUEIRA, Jorge, **MILHEIRO**, Ana Vaz, *O fim da fábrica, o início da ruína*, em **BRAÑA**, em Celestino García, *"Indústria e Arquitectura Moderna, em A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico"*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005

FOLGADO, Deolinda, *O lugar da indústria no território*, em **BRAÑA**, Celestino García, *"Indústria e Arquitectura Moderna, em A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico"*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005

LIMA, António João Veloso, **LUÍSA**, Cidália, *Made in Ave, À procura de uma identidade num território difuso*, em "*Arquitectura em Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave*", Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008

SEIXAS, João, *Paisagens com asfalto e plano de vertigem em fundo azul, à beira de um ataque de nervos*, em **COSTA**, Pedro Campos, **LOURO**, Nuno, *"2 linhas: retracto sensorial do país"*, Lisboa, Costa, Pedro Campos, Louro, Nuno, 2009

SILVA, Cidália, *dissipar Equivocos, saber ver o Território contemporâneo*, em *"Arquitectura em Locais Comuns / Ideias e projectos para o Vale do Ave",* Porto, Dafne (Equações de arquitectura), 2008

VIDAL, Vicente Manuel, *Indústria: cidade e território; a geografia da indústria*, em **BRAÑA**, Celestino García, "*Indústria e Arquitectura Moderna, em A arquitectura da indústria, 1925-1965*: registo docomomo *ibérico"*, Barcelona, Fundação Docomomo Ibérico, 2005

Periódicos

AI Arquitectura Ibérica: Reabilitação – Rehabilitation, n.º 19, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009

El Croquis #154, 2002-2011 Aires Mateus, Construir el molde del espacio, Madrid, El Croquis Editorial, 2011

El Croquis #146, 2005-2009 Souto de Moura, Teatros del Mundo, Madrid, El Croquis Editorial, 2009

Provas académicas

AGUIAR, João Luís Costa Abreu, *Casa na rua formosa: estudo e proposta de uma intervenção*, Porto, FAUP Publicações, 2012

CRUZ, Hugo Rafael Torres Meira da, *Arquitectura industrial na obra de Arménio Losa*, Porto, FAUP, 2011

FERNANDES, Neusa Raquel Monteiro, *O edificio industrial : processo de integração e transformação na relação com o tecido urbano : armazém frigorífico de Massarelos*, Porto, FAUP, 2008

Referencias electrónicas | websites

http://www.dezeen.com/2011/03/29/key-projects-by-eduardo-souto-de-moura/,
online a 08/05/2014

http://www.domusweb.it/en/from-the-archive/2011/03/31/souto-de-moura-house-in-alcanena.html,
online a 08/05/2014

http://www.elcroquis.es/,
online a 08/05/2014

http://esdah_dea4a.blogs.sapo.pt/1109.html,
online a 23/04/2014

http://www.hopkins.co.uk/projects/7/85/, online a 08/05/2015
http://www.imagina2.com/pr-058j-azeitao.html7,
online a 03/05/2014

http://www.josecarloscruz.com/pt/equipamentos
online a 07/05/2014

http://www.lxfactory.com/ficheiros/noticias/cidadescriativas.pdf,
online a 07/05/2014

http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/
online a 07/05/2014

http://themodernhouseblog.net/2013/11/18/house-of-the-week-almere-house-by-benthem-crouwel-architects/,
online a 08/05/2014

http://www.regiaodeleiria.pt/blog/2010/08/16/antigos-silos-nas-caldas-da-rainha-transformados-em-viveiro-de-criatividade-para-artistas
online a 07/05/2014

http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2012/03/companhia-industrial-portuguesa.html,
online a 23/04/2014

Memorias descritivas

Carlos Prata – Gabinete de Arquitectura e Serviços, *DOURO´S PLACE*

Souto Moura - Arquitectos, *REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO ROBINSON EM PORTALEGRE*

Indice de imagens e esquemas

Imagens

img1: a Adega, a Barragem; *Arquivo Pessoal*

img 2: São Martinho do Campo | Paisagem; *Arquivo Pessoal*

img. 3: Santo Tirso | Diferentes Funções | Escalas | Território comum; *Arquivo Pessoal*

img 4: Rio Ave; *Arquivo Pessoal*

img 5: Modelo explicativo | Plano Voisin | Paris; *http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1059351*, online a 11/05/2014

img 6: Fábrica de Fiação e tecidos de Vizela; *http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2012/09/industria-textil-em-portugal-e-fnil.html*, online a 11/05/2014

img 7: Fábrica de Fiação e tecidos de Vizela; *http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2012/09/industria-textil-em-portugal-e-fnil.html*, online a 11/05/2014

img 8: Fábrica de Adubos Químicos da Povoa de Santa Iria; *http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2012/03/companhia-industrial-portuguesa.html*, online a 11/05/2014

img 9: Fábrica de Adubos Químicos da Povoa de Santa Iria; *http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2012/03/companhia-industrial-portuguesa.html*, online a 11/05/2014

img 10: Fábrica d´Oliva; *http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2012/06/fabrica-oliva-s-joao-da-madeira.html*, online a 11/05/2014

img 11: Fábrica d´Oliva; *http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2012/06/fabrica-oliva-s-joao-da-madeira.html,* online a 11/05/2014

img 12: Fábrica Barros; *http://novo.patrimoniocultural.pt/en/patrimonio/itinerarios/arquitetura/09/*, online a 11/05/2014

img 13: *Arquivo Pessoal*

img 14: Esquisso | Laboratório da Paisagem; *http://cannatafernandes.com/pt/built/laboratorio-da-paisagem/*, online a 11/05/2014

img 15: *http://www.espacodearquitectura.com/index.php?id=1&nid=484&page=8*, online a 11/05/2014

img 16: *http://www.espacodearquitectura.com/index.php?id=1&nid=484&page=8*, online a 11/05/2014

img 17: *http://www.espacodearquitectura.com/index.php?id=1&nid=484&page=8*, online a 11/05/2014

img 18: *http://www.espacodearquitectura.com/index.php?id=1&nid=484&page=8*, online a 11/05/2014

img 19: *http://www.espacodearquitectura.com/index.php?id=1&nid=484&page=8*, online a 11/05/2014

img 20: o edifício existente | obra concluída | vista do rio Douro; *Arquivo do gabinete de Arquitectura: Carlos Prata – Gabinete de Arquitectura e Serviços*

img 21: o edifício existente | obra concluída | vista do rio Douro; *Arquivo do gabinete de Arquitectura: Carlos Prata – Gabinete de Arquitectura e Serviços*

img 22: o edifício existente | obra concluída | vista da marchinal fluvial; o edifício existente | obra concluída | vista do rio Douro; *Arquivo do gabinete de Arquitectura: Carlos Prata – Gabinete de Arquitectura e Serviços*

img 23: o edifício existente | obra concluída | vista da marchinal fluvial; o edifício existente | obra concluída | vista do rio Douro; *Arquivo do gabinete de Arquitectura: Carlos Prata – Gabinete de Arquitectura e Serviços*

img 24: os Silos | Caldas da Rainha | vista interior da utilização do espaço; *http://www.miguellopes.info/works/contentor-r/*, online a 12/05/2014

img 25: os Silos | Caldas da Rainha | vista interior da utilização do espaço; *http://akacorleone.wordpress.com/2011/05/30/new-studio-caldas-late-night/*, online a 12/05/2014

img 26: os Silos; *http://www.miguellopes.info/works/contentor-r/*, online a 12/05/2014

img 27: o edifício existente | obra em progresso; *http://www.diarioimobiliario.pt/actualidade/bolsa-do-pescado-vai-receber-hotel-de-4-estrelas/*, online a 12/05/2014

img 28: o edifício existente | obra em progresso; *http://www.lucios.pt/portfolio/requalificacao/edificio-da-bolsa-do-pescado,* online a 12/05/2014

img 29: espaço de mercado inicial | após degradação (estado actual) | Visualização; *http://www.diarioimobiliario.pt/actualidade/bolsa-do-pescado-vai-receber-hotel-de-4-estrelas/,* online a 12/05/2014

img 30: espaço de mercado inicial | após degradação (estado actual) | Visualização; *http://www.diarioimobiliario.pt/actualidade/bolsa-do-pescado-vai-receber-hotel-de-4-estrelas/,* online a 12/05/2014

img 31: espaço de mercado inicial | após degradação (estado actual) | Visualização; *http://www.diarioimobiliario.pt/actualidade/bolsa-do-pescado-vai-receber-hotel-de-4-estrelas/,* online a 12/05/2014

img 32: Lx-Factory | vistas do complexo; *http://bigcitiesbrightlights.wordpress.com/tag/lx-factory/*, online a 12/05/2014

img 33: Lx-Factory | vistas do complexo; *http://bigcitiesbrightlights.wordpress.com/tag/lx-factory/*, online a 12/05/2014

img 34: *http://cannatafernandes.com/pt/built/laboratorio-da-paisagem/*, online a 11/05/2014

img 35: *http://cannatafernandes.com/pt/built/laboratorio-da-paisagem/*, online a 11/05/2014

img.36; *http://cannatafernandes.com/pt/built/laboratorio-da-paisagem/*, online a 11/05/2014

img. 37: vista interior das salas; *http://d-arco.blogspot.pt/2009/03/ines-loboprojecto-de-reabilitacao-da.html*, online a 12/05/2014

img.38; *http://d-arco.blogspot.pt/2009/03/ines-loboprojecto-de-reabilitacao-da.html*, online a 12/05/2014

img.39: *http://d-arco.blogspot.pt/2009/03/ines-loboprojecto-de-reabilitacao-da.html*, online a 12/05/2014

img.40; *http://d-arco.blogspot.pt/2009/03/ines-loboprojecto-de-reabilitacao-da.html*, online a 12/05/2014

img.41: *http://d-arco.blogspot.pt/2009/03/ines-loboprojecto-de-reabilitacao-da.html*, online a 12/05/2014

img.42:*Arquivo Pessoal*

img. 43: São Martinho do Campo | Topografia; *Arquivo Pessoal*

img. 44: Chegada a Saõ Martinho do Campo; *Arquivo Pessoal*

img.45: *Arquivo Pessoal*

img.46: *Arquivo Pessoal*

img.47: *Arquivo Pessoal*

img.48: *Arquivo Pessoal*

img.49: *Arquivo Pessoal*

img.50: *Arquivo Pessoal*

img.51: *Arquivo Pessoal*

img.52: *Arquivo Pessoal*

img.53: *Arquivo Pessoal*

img.54: *Arquivo Pessoal*

img.55: *Arquivo Pessoal*

img 56: Entrada principal da Quinta, Norte; *Arquivo Pessoal*

img. 57: a "casa" ; Arquivo Pessoal
img. 58: vista interior da quinta, barragem e vinhas; *Arquivo Pessoal*

img 59: a capela junta aos espaços de apoio ao trabalho agrícula; *Arquivo Pessoal*

img 60: zona da piscina e jardim na relação com a vinha; *Arquivo Pessoal*

img 61: vista interior da quinta, a vinha e a envolvente habitacional; *Arquivo Pessoal*

img 62: a adega a Sul; *Arquivo Pessoal*

img 63: a barragem e a vinha no limite Sul; *Arquivo Pessoal*

img 64: escoamento da água da barragem; *Arquivo Pessoal*

img.65: *Arquivo Pessoal*

img.66: Arquivo Pessoal

img 67: panoramica entrada para a Adega; *Arquivo Pessoal*

img 68: Alçado Norte da Adega; *Arquivo Pessoal*

img. 69: Alçado Sul da Adega - entrada principal; *Arquivo Pessoal*

img 70: Alçado Lateral Oeste da Adega; *Arquivo Pessoal*

img. 71: Alçado Lateral Este da Adega; *Arquivo Pessoal*

img 72: Adega e relação com a vinha; *Arquivo Pessoal*

img. 73: Zona de cargas e descargas a Sul; *Arquivo Pessoal*

img. 74: Passadiço associada à zona de entrada, cota alta; *Arquivo Pessoal*

img. 75: patamar intermédio, de acesso aos níveis inferiores; *Arquivo Pessoal*

img. 76: o espaço vinícola, da Adega, de maior dimensão; *Arquivo Pessoal*

img. 77: Patamar inferior da Adega; *Arquivo Pessoal*

img. 78: Máquinas industriais de apoio à produção; *Arquivo Pessoal*

img. 79: Máquinas Indústriais de apoio à produção; *Arquivo Pessoal*

img. 80: Estrutura metálica sob o plano superior de madeira; *Arquivo Pessoal*

img 81: A est. vertical betão na relação com a est. metálica; *Arquivo Pessoal*

img.82: *Arquivo Pessoal*

img. 83: *Arquivo Pessoal*

img 84: Planta | Esquisso do processo de desenho; *Arquivo Pessoal*

img 85: Esquissos; *Arquivo Pessoal*

img 86: Esquissos; *Arquivo Pessoal*

img 87: *http://www.imagina2.com/pr-058j-azeitao.html, online a 12/05/2014 img 88; El Croquis #154, 2002-2011 Aires Mateus, Construir el molde del espacio, Madrid, El Croquis Editorial, 2011, pag.72*

img 89: *http://www.imagina2.com/pr-058j-azeitao.html, online a 12/05/2014 img 90; El Croquis #154, 2002-2011 Aires Mateus, Construir el molde del espacio, Madrid, El Croquis Editorial, 2011, pag.72*

img 91; *Arquivo Pessoal*

img 92: corte pela módulo do quarto da Pousada; *imagem cedida pelo gabinete de Arquitectura: Souto Moura – arquitectos*

img. 93: *imagem cedida pelo gabinete de Arquitectura: Souto Moura – arquitectos de Luís Ferreira Alves*

img 94: Esquissos ; Arquivo Pessoal

img. 95; *Bradbury, Dominic, The Iconic House: Architectural Masterworks Since 1900, Thames & Hudson, University of California, 2009, pag. 204*

img. 96: *Bradbury, Dominic, The Iconic House: Architectural Masterworks Since 1900, Thames & Hudson, University of California, 2009, pag. 204*

img 97: Esquissos ; *Arquivo Pessoal*

img. 98: *Bradbury, Dominic, The Iconic House: Architectural Masterworks Since 1900, Thames & Hudson, University of California, 2009, pag. 204*

img. 99: *http://www.archined.nl/en/reviews/2010/engels/the-joy-of-making/*, online a 08/05/2014

img. 100: *Bradbury, Dominic, The Iconic House: Architectural Masterworks Since 1900, Thames & Hudson, University of California, 2009, pag. 224*

img. 101: *Bradbury, Dominic, The Iconic House: Architectural Masterworks Since 1900, Thames & Hudson, University of California, 2009, pag. 222*

img. 102: Esquissos ; *Arquivo Pessoal*

img. 103: Esquissos ; *Arquivo Pessoal*

img. 104: *http://www.dezeen.com/2011/03/29/key-projects-by-eduardo-souto-de-moura/*, online a 08/05/2014

img. 105: *http://www.dezeen.com/2011/03/29/key-projects-by-eduardo-souto-de-moura/,* online a 08/05/2014

img. 106: *Planta da casa em Alcanena; http://www.domusweb.it/en/from-the-archive/2011/03/31/souto-de-moura-house-in-alcanena.html,* online a 08/05/2014

img. 107: *http://www.domusweb.it/en/from-the-archive/2011/03/31/souto-de-moura-house-in-alcanena.html,* online a 08/05/2014

img. 108: *http://www.domusweb.it/en/from-the-archive/2011/03/31/souto-de-moura-house-in-alcanena.html,* online a 08/05/2014

img. 109: *http://www.domusweb.it/en/from-the-archive/2011/03/31/souto-de-moura-house-in-alcanena.html,* online a 08/05/2014

img. 110: Esquissos; *Arquivo Pessoal*

img. 111: Esquissos; *Arquivo Pessoal*

img. 112: *Martinez Lapeña, José António, Torres Tur, Elias, Documentos de Arquitectura, Almería, O.A.A.O., 1988, pag. 31*

img. 113: *Martinez Lapeña, José António, Torres Tur, Elias, Documentos de Arquitectura, Almería, O.A.A.O., 1988, pag. 27*

img. 114: *Martinez Lapeña, José António, Torres Tur, Elias, Documentos de Arquitectura, Almería, O.A.A.O., 1988, 28*

img. 115: Esquissos ; *Arquivo Pessoal*

img. 116: Esquissos ; *Arquivo Pessoal*

img. 117: *Arquivo Pessoal*

Esquemas

esq. 1: evolução do modelo "amuralhado" para o "difuso" | Esquissos; *Arquivo Pessoal*

esq. 2: *Arquivo Pessoal*

esq. 3: *Arquivo Pessoal, http://www.guggenheim.org/new-york/collections/collection-online/artwork/39*

esq 4: Espaço Robinson | Planta | Cortes explicativos; *desenhos cedidos pelo gabinete de Arquitectura: Souto Moura – arquitectos*

esq. 5: Lab. da Paisagem | Planta e Corte; *http://cannatafernandes.com/pt/built/laboratorio-da-paisagem/*

esq. 6: Porto distrito; *Arquivo Pessoal, Andrade, Monteiro de, Plantas antigas ad cidade : século XVIII e primeira metade do século XIX, Porto, Câmara Municipal do Porto - Cartas Militares*

esq. 7: identificação das principais Freguesias e Vilas em redor de São Martinho do Campo; *Arquivo Pessoal, https://www.google.pt/maps/place/S%C3%A3o+Martinho+Campo/@41.3588433,-8.3656713,886m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0xd24f3c6ecd27f1d:0x546b9b0d2a6c47f0*

esq. 8: identificação de elementos determinantes na Paisagem Construída; *Arquivo Pessoal, https://www.google.pt/maps/place/S%C3%A3o+Martinho+Campo/@41.3588433,-8.3656713,886m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0xd24f3c6ecd27f1d:0x546b9b0d2a6c47f0*

esq. 9: identificação de elementos construídos na quinta, *Arquivo Pessoal, https://www.google.pt/maps/place/S%C3%A3o+Martinho+Campo/@41.3588433,-8.3656713,886m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0xd24f3c6ecd27f1d:0x546b9b0d2a6c47f0*

esq. 10: implantação da Adega na Quinta no conjunto de relações a estabelecer dentro da propriedade; *elementos cedidos pelo Proprietário da Quinta*

esq. 11: Plantas e Cortes explicativos da lógica programática da Adega | Cotas internas; *elementos cedidos pelo Proprietário da Quinta*

esq. 12: Primeiro esquema da lógica distributiva do programa; *Arquivo Pessoal*

esq. 13: esquema de suporte para a definição das áreas de instalações sanitárias, *Arquivo Pessoal*

Panorâmicas

pan.1: *Arquivo Pessoal*

pan.2: *Arquivo Pessoal*

pan.3: *Arquivo Pessoal*

pan.4: *Arquivo Pessoal*

pan.5: *Arquivo Pessoal*

pan.6: *Arquivo Pessoal*

João Francisco Lopes de Sousa
Orientação . Arqt.º Carlos Prata

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, **FAUP**